



Universidade Federal do Ceará

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Programa Associado de Pós- Graduação em Antropologia

Instituto de Humanidades - Curso de Antropologia (Unilab)

Centro de Humanidades - Departamento de Ciências Sociais (UFC)

KARINA DE LIMA LOPES

**A SANTA NEGRA DO BRASIL: O ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIAS DE
VIDAS EM FACE À REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA COMUNIDADE DOS
MILAGRES EM FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA - REDENÇÃO
2025**

KARINA DE LIMA LOPES

KARINA DE LIMA LOPES

**A SANTA NEGRA DO BRASIL: O ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIAS DE VIDAS
EM FACE À REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA COMUNIDADE DOS
MILAGRES EM FORTALEZA-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em
Antropologia – UFC/UNILAB, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Dr.Luís Tomás Domingos

**FORTALEZA - REDENÇÃO
2025**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Lopes, Karina de Lima.

L851s

A Santa Negra do Brasil: o entrelaçamento de histórias de vidas em face à representatividade negra na Comunidade dos milagres em Fortaleza - CE / Karina de Lima Lopes. - Redenção, 2025.
120f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico em Antropologia, Programa Associado de Pós Graduação em Antropologia - UFC/UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

1. Identidade. 2. Aparecidae, Nossa Senhora. 3. Religião. I.
Título

CE/UF/BPS

CDD 232.917

KARINA DE LIMA LOPES

A SANTA NEGRA DO BRASIL: O ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIAS DE VIDAS
EM FACE À REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA COMUNIDADE DOS MILAGRES
EM FORTALEZA-CE

Dissertação apresentada ao Programa Associado de
Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal do
Ceará e da Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à obtenção
do título de Mestre. Área de Concentração: Antropologia.

Linha de Pesquisa: Simbolismos e Emoções.

Orientador: Luis Tomás Domingos

Aprovado em 27/02/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luís Tomás Domingos

(orientador)

Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes

(avaliador interno ao programa - Unilab)

Prof. Dr. Luís Carlos da Silva de Sousa

(avaliador externo ao programa - Unilab)

Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

(avaliador externo ao programa - UEPB)

À minha mãe, fonte de força e inspiração, e a todos os estudantes sonhadores que persistem, mesmo quando o caminho parece difícil.
Essa dissertação é para vocês.

“Tenho dito e gosto de afirmar que a minha história é uma história perigosa, como é a história de quem sai das classes populares, de uma subalternidade, e consegue galgar outros espaços.”

Conceição Evaristo

AGRADECIMENTOS

Como ponto de partida, eu gostaria de agradecer ao universo, a Deus e a Santa Aparecida por permitirem que eu esteja aqui sonhando e podendo realizar os meus sonhos. Não é fácil estar no meio acadêmico, principalmente quando se é mulher, pobre e negra. Sei que, se não tivesse o apoio dessas pessoas tão queridas e importantes, eu jamais conseguiria. Ninguém chega a lugar nenhum sozinho; tudo é resultado das interações e das experiências de vida somadas e compartilhadas. Elas mudam o nosso olhar sobre o mundo e nosso olhar influencia em como percebemos a vida.

Sendo assim, agradeço à minha mãe, que me criou sozinha, me dando muito apoio e carinho, me dando suporte e sempre acreditando no meu potencial. Se não fosse ela, eu não teria a sensibilidade que tenho. Ela é o meu maior orgulho e a minha maior força. Logo depois, vem o meu querido irmão, meu melhor amigo e uma das pessoas em quem mais confio no mundo. Ele sempre está ali quando eu preciso. Sei que, em qualquer situação, não estarei sozinha, e sem ele, eu não conseguiria caminhar por essa estrada cheia de desafios.

Agradeço ao meu tio Gilberto, o pai que eu não tive e o meu maior exemplo como pai. Talvez ele nem saiba o quanto transformou a minha vida e o quanto eu sou feliz por ter a sua figura paterna que sempre está cuidando de mim. Agradeço à minha vó Maria José, que não está mais nesse mundo material, mas que eu sinto sempre perto de mim. Onde a senhora estiver, vó, saiba que todos os deveres que a senhora me ajudava a fazer após a escola ajudaram muito, e todas as conversas sobre a vida, sobre amor e respeito com as pessoas, eu vou ser mestra e não conseguiria sem você.

Agradeço às minhas amigas Nayane e Renata. Na verdade, elas são que nem irmãs. Se não fosse o apoio constante em todas as vezes que eu ia fazer as provas e os desabafos após as aulas de sociologia, encarar a universidade seria sem graça e muito mais difícil. Sei que elas também são minha família e as agradeço por estarem comigo.

Com muito carinho, agradeço aos meus amigos Breno e Deybson, que são meus confidentes, me dão suporte, ouvem meus choros e desabafos sobre a pesquisa e sobre o quanto é desafiadora a nossa caminhada. Tenho muita gratidão por eles. Metade das coisas que aprendi em antropologia foi com eles, principalmente a ter um olhar sensível. São meus grandes amigos.

Agradeço ao meu amigo Paulo por todas as trocas e ajudas durante esse período de mestrado, e à minha amiga querida Suellen, que é incrível e me dá muito apoio, carinho e amor, sempre me motiva, acredita em mim e está diariamente me ouvindo e apoiando, mesmo estando em outra cidade.

Agradeço às minhas amigas negras, que são generosas, amorosas e gentis. Cada uma me ensina sobre o amor e a amizade de sua forma e deixam a minha vida mais feliz. Quanta gente eu tenho na minha vida, né? Por isso que estou conseguindo realizar meu sonho, porque tenho pessoas mobilizadoras.

Agradeço ao meu orientador, Luis Tomas, por me dar suporte e me ajudar nesse processo de me transformar em pesquisadora. Sem ele, não seria possível. Agradeço aos meus queridos professores, coordenadoras, suporte técnico e a todos que contribuem para a manutenção da universidade. Agradeço à banca de defesa por me permitir apresentar meu trabalho e me ouvir com atenção.

Agradeço aos meus amigos Amanda, Fernandinho, Laiany e Isabelly por estarem em toda essa fase juntamente comigo, me dando apoio, de 2014 até aqui. Mesmo não estando no mesmo caminho que a pesquisa, eles me dão suporte, me dão amor e torcem por mim.

Agradeço à minha tia Fafá, e aos meus primos Luciana, Helinho e Nana por acreditarem em mim e no que eu escolhi na minha vida. É muito importante tê-los durante toda a minha caminhada como pessoa, como ser humano. Agradeço a eles por me darem tanto carinho, amor e muito apoio em relação aos estudos, sempre me ensinando e me dizendo que estudar era importante e que, por isso, eu deveria me esforçar.

Agradeço ao meu priminho Théo, que eu amo muito, e agradeço a todos que, por algum motivo, posso não ter mencionado aqui. Se eu tiver esquecido alguém, saibam que é porque já estou bem cansada da cabeça. Escrever uma dissertação deixa a gente assim. Obrigada a todos, e isso é só o começo da minha história!

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma reflexão antropológica aprofundada sobre as relações étnico-raciais e a influência da Igreja Católica, a partir das narrativas de vida e das experiências de indivíduos que se reconhecem na figura de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. A investigação busca compreender como esses sujeitos constroem suas identidades por meio da devoção à santa, revelando os entrelaçamentos entre fé, raça e pertencimento. A Capela de Nossa Senhora Aparecida, localizada no bairro Jardim das Oliveiras, também denominado Comunidade dos Milagres, constitui-se como um espaço de acolhimento, integração e sociabilidade para pessoas de baixa renda, predominantemente negras. A pesquisa centra-se em cinco trajetórias/histórias de vida individuais que se conectam por meio de marcadores sociais da diferença, como raça, identidade e religião. A análise contempla os movimentos de aproximação, distanciamento dos interlocutores em relação à figura de Nossa Senhora Aparecida, considerando os impactos dessa devoção e da representatividade da Santa Aparecida na construção individual e coletiva da identidade negra. As narrativas revelam experiências de luta, dor, alegria e resistência, compondo um mosaico de significados sobre o existir e o ser. Serão discutidos autores como Munanga, Schwarcz, Fanon, Hall, Fernandes, Domingos, Hembapé Bá, entre outros, para contextualizar e enriquecer a discussão teórica. Adicionalmente, serão exploradas, por meio de discursos, as questões de transcendência, fé e iconografia religiosa, oferecendo uma compreensão multidimensional dos fenômenos observados.

Palavra- chave: Identidade, Nossa Senhora Aparecida, Religião, Transcendência, catolicismo

ABSTRACT

This research proposes an in-depth anthropological reflection on ethnic-racial relations and the influence of the Catholic Church, based on the life narratives and experiences of individuals who identify with the figure of Our Lady of Aparecida, patron saint of Brazil. The investigation seeks to understand how these subjects construct their identities through devotion to the saint, revealing the interweaving of faith, race, and belonging. The Chapel of Our Lady of Aparecida, located in the Jardim das Oliveiras neighborhood also known as the Community of Miracles serves as a space of welcome, integration, and sociability for low-income individuals, predominantly Black. The study focuses on five individual life trajectories that are connected through social markers of difference, such as race, identity, and religion. The analysis explores the movements of proximity and distance between the interlocutors and the figure of Our Lady of Aparecida, considering the impact of this devotion and the representational power of the saint in the individual and collective construction of Black identity. The narratives reveal experiences of struggle, pain, joy, and resistance, composing a mosaic of meanings about existence and being. Theoretical discussion will be guided by authors such as Munanga, Schwarcz, Fanon, Hall, Fernandes, Domingos, Hampâté Bâ, among others, to contextualize and enrich the academic dialogue. Additionally, through the discourses of the interlocutors, the study will explore themes of transcendence, faith, and religious iconography, offering a multidimensional understanding of the observed phenomena.

Keywords: Identity; Our Lady of Aparecida; Religion; Transcendence; Catholicism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/ FIGURAS

Figura 1 - Capela Nossa Senhora Aparecida - Porto Velho	24
Figura 2 - Capela Azul de Aparecida.....	25
Figura 3 - Minha Mãe na Capela de Nossa Senhora Aparecida em Fortaleza.....	26
Figura 4 - Imagem externa da Capela de Nossa Senhora Aparecida.....	40
Figura 5 -- Foto Frontal da Capela de Aparecida.....	45
Figura 6 - Missa Campal na Praça da Comunidade dos Milagres.....	46
Foto 07 - Missa Campal dos 12 dias de Aparecida.....	47
Foto 08 : Padre Miguel cumprimentando os fiéis de sua comunidade.....	47
Foto 09 - todos reunidos pela fé.....	48
Foto 10 - Detalhes da Imagem simbólica de Aparecida.....	65
Foto 11 - Imagem da Santa Negra no Pátio da Capela.....	85
Foto 12 - Bazar da Cidinha na festa dos 12 dias de Aparecida.....	87
Foto 13 - Mesa de roupas no bazar da Cidinha.....	88
Foto 14 - As simpáticas senhoras ruivas do bazar.....	89
Foto 15: Afeto dos fiéis, rosas e Nossa Santa Negra.....	91

LISTA DE SIGLAS/ABREVIACÕES

- 01** - UNILAB: Universidade Da Integração da Lusofonia Internacional Afro Brasileira
- 02** - UFC: Universidade Federal do Ceará
- 03** - IDH: Índice de Desenvolvimento Humano
- 04** - Uber - Transporte de aplicativo privado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. CAPÍTULO 01: A RELIGIÃO COMO FONTE DE PERTENCIMENTO E TRANSCENDÊNCIA.....	21
1.1 Minha Jornada: Histórias e “Encontros” com a Mãe Negra dos Milagres.....	25
1.2 A Capela Construída pelas Mãos da Comunidade.....	34
1.3 Organização, Estrutura e Composição da Capela	42
2 CAPÍTULO 02: ENTRE OPRESSÃO E FÉ: A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA E A HISTÓRIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA NO BRASIL	53
2.1 A Igreja Católica no Brasil: Mecanismos de Controle e Herança Colonial.....	53
2.2 A Origem e os Milagres de Nossa Senhora Aparecida: A Santa Padroeira do Brasil.....	67
2.3 Raça e Racismo: Teorias Fundamentais e Implicações Sociais.....	75
3 CAPÍTULO 03: TECENDO VIDAS: NARRATIVAS PESSOAIS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE.....	83
3.1 Padre Miguel : O Mobilizador da Comunidade dos Milagres.....	96
3.2 Augusto : O reconhecimento de si, a força e a resiliência.....	98
3.1 Rosa Maria: Traumas que reverberam em marcas	101
3.4 Padre Wellington: Família, cultura e religião como potencializadora da identidade Negra.....	103
3.5 Dona Lourdes - Representatividade e cuidado.....	105

3.6 Do Nós para os outros: Uma conexão entre histórias e o seu processo identitário.....	107
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

“A Pesquisa é uma curiosidade formalizada. É cutucar e bisbilhotar com um propósito. É uma busca para que aquele que deseja possa conhecer os segredos cósmicos do mundo e aqueles que nele habitam.”

(Zora Hurston)

Conheci a Capela de Nossa Senhora Aparecida, situada no bairro periférico Jardim das Oliveiras, em Fortaleza-CE, em setembro de 2011. Eu tinha 16 anos e minha avó havia acabado de falecer. Estávamos à procura de uma igreja para realizar a missa de sétimo dia dela. Recordo que minha tia já havia ligado para duas igrejas do bairro, mas naquela semana teriam celebrações, então não seria possível realizar a missa. Era um momento delicado, de dor e saudade, e estávamos sem condições emocionais para resolver essas questões, mas, ao mesmo tempo, era algo que demandava atenção, pois minha avó era católica e a missa seria uma forma da família se despedir e pedir por ela.

Então, minha mãe lembrou da Capela de Nossa Senhora Aparecida, onde minha avó frequentava e se sentia bem, localizada na comunidade vizinha do bairro em que morávamos. Assim, a missa foi realizada na capela. Minha família sentiu muito afeto e acolhimento naquele espaço religioso, e frequentamos algumas celebrações lá por alguns meses após o falecimento de minha avó. Sentíamos que aquele lugar a lembrava e, de certa forma, nos dava a sensação de proximidade com ela.

No ano seguinte, nos afastamos da capela, pois minha mãe é de vertente espírita e voltou a frequentar sua igreja. Eu não sou uma pessoa religiosa; posso dizer que acredito em uma figura potente que olha por todos nós, mas não sei bem o que é essa figura. Pode ser o poder do universo, de energias, de entidades poderosas, sem necessariamente ser uma coisa ou outra. É interessante pensar como a vida acontece e onde ela nos leva. Nossas histórias de vida e vivências formam nosso olhar sobre o mundo e nossa percepção das coisas. Antes mesmo de me tornar antropóloga e me perceber como mulher negra, meus caminhos já me levavam à Capela de Nossa Senhora Aparecida.

Em 2022, retornei à capela, desta vez para compreender, através de um viés antropológico, temas como raça, socialização, identidade, representatividade negra e religião. Muitas memórias que contei anteriormente voltaram à minha mente, mas tudo estava diferente. Eu não era mais uma adolescente, e sim uma mulher passando pelo processo de entender minha ancestralidade e abraçar minha identidade como mulher negra. Minha mãe é branca e meu pai é negro.

Como mulher negra, vinda de uma família com ampla diversidade religiosa, sempre me questioneei sobre o processo de identidade e o entrelaçamento entre raça e catolicismo. Esta pesquisa nasce de uma reflexão sobre minhas questões pessoais e também das pessoas. De acordo com a pesquisadora e escritora afro-brasileira Maria Conceição Evaristo (2017), a escrita é contaminada pela nossa condição de vida e percepção de mundo. Muitas vezes, quando falamos dos outros, estamos falando de nós mesmos, e ao falarmos de nós, falamos dos outros. Assim, a escrevivência surge a partir de uma reflexão de Evaristo no livro “Becos da Memória”, publicado em 2006. Ao escrever a narrativa, ela buscou falar sobre vivências que surgiram de dentro para fora e de fora para dentro.

Podemos compreender que a escrevivência vai além do que está escrito. É algo presente na oralidade do cotidiano, nas experiências de vida, no que é dito, ouvido e compartilhado. É uma prática que surge na comunidade negra, onde mulheres compartilhavam suas histórias através da “contação de histórias” e também pela escrita. É uma escrita que pode gerar incômodo, pois foge da escrita eurocêntrica que fala sobre o outro e nomeia o outro.

A grande maioria dos fiéis que frequentam a igreja é negra, havendo poucas pessoas brancas em comparação. Assim, a capela se constitui como um lugar de interação e encontro de pessoas pobres e negras, o que me chamou atenção e suscitou em mim a necessidade de estudar os nexos entre religião, representatividade, identidade e esses marcadores da diferença.

Meu retorno à igreja foi em uma noite tranquila de sábado, em 2022, onde se iniciava aproximadamente às 19 horas a missa da Sagrada Misericórdia. A Capela de Nossa Senhora

Aparecida, localizada em um bairro periférico de Fortaleza, estava lotada, com grande parte da comunidade presente, além de fiéis das comunidades religiosas dos bairros vizinhos. Com olhares de esperança, alegria e fé, as senhoras negras iam até o altar e pediam proteção à Nossa Senhora, chamada por elas de "nossa mãe negra".

Ao saírem do altar, elas me cumprimentavam sorrindo, demonstrando conforto e felicidade naquele momento. O padre que sediava a missa era da igreja de Fátima, pois o líder religioso responsável pela capela, Padre Miguel, estava organizando a festa que ocorreria após a missa das 19 horas. Ao iniciar a missa, o padre saudou a todos e agradeceu por estar na capela naquele dia especial. Ao ler a palavra de Deus e falar sobre o significado da comemoração, o líder religioso pediu desculpas por interromper a missa, explicando que estava com muito calor devido a um curto-circuito nas instalações da capela, que fez com que os ventiladores parassem de funcionar.

Os fiéis olharam para o líder religioso e algumas pessoas concordaram balançando a cabeça. Ao retomar a palavra, ele pediu que os fiéis olhassem para a pessoa ao lado e pegassem na mão dela. Assim, a senhora negra ao meu lado olhou para mim e disse: “Posso pegar na sua mão? Tem gente que não gosta de me dar a mão.” Assustada com a afirmação e questionando o motivo, peguei na mão dela e disse: “Claro que pode, senhora.” Ela então sorriu e segurou minha mão.

Refleti muito sobre aquela noite. Apesar das dificuldades e do curto-circuito na capela, não desistiram de celebrar a missa; pelo contrário, estavam mais empenhados em fazê-la acontecer. Todos buscavam se ajudar e garantir que a igreja ficasse confortável. Parecia um milagre o padre celebrar várias missas sem energia elétrica em um ambiente extremamente quente até às 5 horas da manhã. Por isso, tive a ideia de dar o nome fictício “Comunidade dos Milagres” ao bairro Jardim das Oliveiras, onde está localizada a capela.

Ainda naquela noite, durante a missa, notei que assim como eu observava, também era observada. Nós, pesquisadores/antropólogos, somos percebidos o tempo todo no "campo". Assim, as pessoas começaram a prestar atenção em mim e a me questionar de onde eu era, onde morava e como conheci a capela. Achei importante, pois me deu a oportunidade de

explicar um pouco sobre minha história e pesquisa. Meu objetivo era criar uma relação de confiança com aquelas pessoas e a comunidade, pois não quero falar sobre os outros, mas com os outros. Busco contar histórias que fazem parte de um todo e, de certa forma, de mim também.

Após a missa, conversei com o Padre Miguel, responsável pela capela. Expliquei detalhadamente a pesquisa que iria realizar, contei um pouco sobre minha história e disse a ele o tempo de duração da pesquisa, que seria realizada entre 2022 e 2023. Ele se mostrou distante no primeiro momento, o que é natural, pois não me conhecia. Conversamos bastante, e ele disse que eu tinha sua autorização para realizar a pesquisa.

Este trabalho se apoia em uma compreensão ampla do religioso como um constructo social, entendendo as histórias de vida e os seus entrelaçamentos a respeito da representatividade, da fé e da construção identitária.

Como os fiéis negros/as da capela de Nossa Senhora Aparecida, eles/as constroem a identidade racial? O fato de a santa ser negra ajuda nesse processo, eles a reconhecem como negra e por extensão se reconhecem?

Entendendo que a santa é um movimento catalisador que reverberam estigmas e traumas e ao mesmo tempo constroem um processo de identificação. Quais são os vestígios do colonialismo presentes na Capela de Aparecida atualmente? Quais são os traumas e estigmas causados na vida desses fiéis de pele negra?

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é :

1. Compreender através de histórias de vida/trajetórias como a Nossa Senhora Aparecida é um movimento/figura agregadora na construção da identidade e da representatividade negra dos fiéis da capela.

Os objetivos específicos são:

1. Compreender se os fiéis negros se sentem pertencentes e representados pela

instituição religiosa.

2. Examinar a construção de uma linguagem sobre equidade\discriminação racial na capela de Nossa Senhora Aparecida.
3. Compreender como os fiéis se sentem em relação a identidade, representatividade, raça/etnia na capela de Nossa Senhora Aparecida.

Com a intenção de atingir os objetivos deste trabalho e responder à pergunta de partida, foram escolhidas estratégias metodológicas de caráter qualitativo, visando a realização de uma compreensão exploratória e detalhada. Assim, foi conduzida uma pesquisa etnográfica com observação participante na Comunidade dos Milagres, na cidade de Fortaleza-CE. A etnografia foi realizada ao longo de um período de um ano, iniciando em dezembro de 2022 e encerrando em dezembro de 2023.

Dessa forma, por meio da etnografia, foi possível compreender as experiências entrelaçadas pelos marcadores: raça, identidade, representatividade e religião. Também foi possível conhecer melhor os fiéis, os padres, a organização e a estrutura da Capela de Nossa Senhora Aparecida. Durante esse período de um ano, frequentando a capela regularmente e assistindo às missas todos os domingos, tive a oportunidade de conhecer mais profundamente os fiéis e o espaço da capela.

● Caminhos metodológicos

Uma questão que me preocupava consideravelmente era quem seriam nossos interlocutores e como essa aproximação aconteceria, dado que escrever sobre histórias de vida é algo complexo, delicado e que envolve muita confiança. Principalmente quando tratamos de temas marcados por questões étnico-raciais, religiosidade e traumas. Nem todas as pessoas se sentem confortáveis para falar sobre suas dores, e o processo de escrita desta pesquisa foi desafiador, pois inclui muito de mim, tanto como pesquisadora quanto como pessoa. Compartilho várias experiências pessoais como mulher negra que fazem parte da minha construção identitária, e essa pesquisa reflete muito sobre minha visão do mundo e das relações sociais.

Ao me aproximar das pessoas, senti-me muito bem acolhida. A capela é um espaço muito confortável, independentemente de ser religioso ou não. Em conversas antes e após as celebrações religiosas, soube da celebração festiva de Nossa Senhora Aparecida, que consistiria em 12 dias de festa e culto à santa.

Nesses 12 dias, tive a intenção de me aproximar ainda mais das pessoas, de me colocar em uma posição vulnerável como pesquisadora e me permitir ser conhecida. Assim, aos poucos, fui me sentindo incluída e pertencente àquele espaço. Conheci meus cinco interlocutores, escolhidos pelo engajamento na comunidade. Eles têm idades, funções e vidas diferentes, mas todos contribuem para o funcionamento da capela, dedicando seu tempo e amor à santa. Todos são muito conhecidos e populares:

- **Rosa Maria:** mulher branca de 65 anos, com uma história de vida marcada por preconceitos internos e externos. Abordarei sua história de forma mais densa no último capítulo.
- **Padre Miguel:** Um homem reflexivo, organizado e mobilizador da capela, é o líder religioso de duas comunidades periféricas de Fortaleza, ele possui 38 anos. Ele não se reconhece como homem negro e não reconhece o racismo na sociedade.
- **Augusto:** homem negro de 33 anos, sonhador, engajado na organização da capela, espiritualizado e devoto de Nossa Senhora Aparecida.
- **Dona Lourdes:** Braço direito de Padre Miguel, trabalha na igreja no seu tempo livre, tanto na tesouraria quanto na parte administrativa. Professora e moradora da Comunidade dos Milagres, é uma mulher negra, possui 45 anos e muito devota de Nossa Senhora Aparecida.
- **Padre Wellington:** amigo de Padre Miguel, sempre presente na igreja para auxiliá-lo e ministrar as missas na sua ausência. Homem negro de 35 anos, engajado e querido por todos, devoto de Nossa Senhora Aparecida e crê que a santa surgiu nas águas do rio para levar salvação ao povo.

Todos os cinco interlocutores possuem devoção pela Padroeira do Brasil, e suas

histórias serão abordadas criticamente, explorando os desdobramentos das questões raciais, religião e construção de identidade negra.

Foi um longo período/caminhada até que os fiéis e os líderes religiosos se sentissem seguros e confiassem em mim, pois todos na comunidade se conheciam e eu era a pessoa que estava mais distante “aparentemente” deles. Durante a pesquisa fui me engajando nos grupos de organização da igreja, fui falando mais sobre mim, sobre as minhas motivações/percepções e explicando para todos sobre a pesquisa de forma sincera e detalhada.

Peirano (2015), acredita que toda etnografia gera uma teoria, desta forma, as teorias geradas são uma forma de refletir sobre o mundo, sobre problemáticas, discursos e questões. Então, a etnografia não está separada da teoria, pois, ela é uma mistura das experiências de vida do pesquisador e dos interlocutores, da reflexão teórica e também da perspectiva histórica social. Para a autora, a etnografia é um processo contínuo de construção e reconstrução do conhecimento.

Ela envolve a imersão do pesquisador no campo de estudo, onde ele se torna um participante observador, interagindo com os indivíduos e coletando dados através da observação e da participação nas atividades cotidianas. Esse processo permite que o pesquisador compreenda as perspectivas e as experiências dos interlocutores de forma mais profunda e contextualizada.

Peirano (2015) enfatiza que a etnografia é uma prática reflexiva, onde o pesquisador deve constantemente questionar suas próprias percepções e interpretações. Isso requer um engajamento crítico e uma disposição para revisitar e reavaliar as suposições iniciais e fazer mudanças ao longo da pesquisa. A teoria gerada pela etnografia não é uma verdade absoluta, mas sim uma construção, uma perspectiva que reflete a complexidade e a multiplicidade das experiências/vivências humanas.

Portanto, podemos entender que a etnografia não é apenas uma técnica de coleta de dados, mas uma prática que envolve a construção de relações, a reflexão crítica e a integração

de múltiplas perspectivas. A teoria gerada por meio da etnografia é, assim, um produto desse processo complexo e dinâmico de interação entre o pesquisador e os interlocutores ou a comunidade que foi estudada.

O antropólogo, na perspectiva de James Clifford (2006), não é capaz de escrever exatamente o que está vendo, pois ele é contaminado pelo seu olhar, pelas interferências do campo e também por escolhas literárias. Clifford argumenta que a etnografia não é apenas uma descrição objetiva da realidade, mas um processo interpretativo no qual o pesquisador constrói significados a partir de suas experiências e observações.

Ao iniciar o processo de escrita, o pesquisador busca escolher a melhor maneira de conduzir sua narrativa, utilizando suas habilidades pessoais e transformando, talvez, sua pesquisa em uma “obra de arte”. Clifford enfatiza que a escrita etnográfica é uma prática criativa e subjetiva, na qual as escolhas literárias desempenham um papel fundamental na forma como os dados são apresentados e interpretados.

Penso que muitas coisas na teoria de Clifford (2006) fazem sentido. Realmente, não temos como reescrever exatamente o que estamos vendo; não é possível e nem uma fotografia seria capaz de retratar exatamente a realidade, com as mesmas cores. A escrita etnográfica, segundo Clifford, está sempre mediada pela subjetividade do pesquisador, pelas suas experiências pessoais e pelas relações estabelecidas no campo.

Clifford (2006) também destaca que a etnografia é um processo dialógico, no qual o pesquisador interage constantemente com os interlocutores e com o contexto social e cultural. Essa interação molda a forma como o pesquisador percebe e interpreta a realidade, resultando em uma narrativa que é co-construída por ambos. Além disso, Clifford (2006) argumenta que a etnografia é uma prática política, pois envolve escolhas sobre quais histórias contar e como contá-las. Essas escolhas refletem as relações de poder e as dinâmicas sociais presentes no campo de estudo.

Portanto, a perspectiva de Clifford nos lembra que a etnografia não é uma mera reprodução da realidade, mas uma construção interpretativa que envolve a subjetividade do pesquisador, as relações no campo e as escolhas literárias. A escrita etnográfica é, assim, uma prática que busca dar sentido às vivências e interpretações humanas. Ao olharmos para a fotografia nós fazemos uma interpretação daquilo, então não teríamos como ver a realidade

em si, e sim, interpretarmos. Sendo assim, como pesquisadora e antropóloga deixei o campo me guiar e me mostrar que caminho eu deveria seguir de acordo com os objetivos centrais da pesquisa.

Outro ponto positivo ao meu ver é a valorização que o autor faz para a escrita, ele diz que podemos ser artistas, nos permitir escrever de maneira criativa e até mesmo poética, sendo assim, o texto antropológico se torna um pouco mais fluido e também moldável, como se fosse uma pedra de diamante. Acredito que o autor trouxe pontos interessantes para serem discutidos ao longo dos anos, para que possamos conhecer reconhecer a importância e relevância das escolhas e da construção textual de uma etnografia.

A antropóloga Zora, em seu livro "Olualê Kossola: As Palavras do Último Homem Negro Escravizado", relata sua experiência de campo, na qual descreve como conheceu Kossola, um senhor de 86 anos. Logo no início de suas conversas e entrevistas, Zora percebeu uma certa resistência por parte de Kossola, uma vez que ele revivia suas lembranças de alegrias, dores e traumas ao relatar seu passado.

Diante desse cenário, Zora entendeu que precisaria estabelecer uma conexão mais profunda com Kossola, ultrapassando a barreira profissional e aproximando-se dele como pessoa. Ela buscou conhecer melhor quem ele era, pois, até então, Kossola não a conhecia e não se sentia seguro para compartilhar suas dores. Esse processo foi doloroso, pois ao falar, Kossola se lembrava de todo o sofrimento e perdas que havia enfrentado.

De acordo com a autora (2021), após ser capturado e ver seu povo lutando pela sobrevivência, Kossola ainda foi obrigado a atravessar um oceano desconhecido em um navio dominado por homens cruéis, com poucas chances de sobrevivência. Essas memórias traumáticas, contadas por Kossola a Zora, muitas vezes o faziam chorar, refletir em silêncio ou até mesmo pedir para interromper as entrevistas temporariamente.

Zora começou a refletir sobre como lidar com essa situação, ouvindo e compreendendo uma história que causava tantos gatilhos e dores em seu interlocutor. Para tornar as conversas mais agradáveis, ela passou a falar sobre si mesma, compartilhando sua história, dores, saudades e sonhos. Dessa forma, eles se conectaram. As conversas passaram a ser acompanhadas por um café na sala da casa onde Kossola morava. Zora tornou-se mais cuidadosa, olhando com empatia, cuidado e respeito para Kossola. Ela sabia que, apesar dos

momentos traumáticos que ele havia vivido, ele também possuía boas memórias e queria compartilhar aspectos felizes de sua vida, como seu casamento e seus filhos.

Através das conversas, Zora descobriu os gostos e saudades de Kossola. Assim, ela passou a levar presentes que o deixassem mais feliz e confortável, aliviando um pouco o peso das histórias que ele carregava. Zora e Kossola desenvolveram uma relação de confiança. Ele sabia que podia contar com ela e que um dia, quando alguém fosse até sua cidade de origem, ele seria lembrado. Kossola acreditava que Zora se interessava de maneira séria e transparente por sua história de vida e que ela a contaria da melhor maneira possível. Ele não gostava de falar sobre si para outras pessoas, sentia-se incomodado e desconfortável, e não queria que Zora pensasse que ele estava espalhando sua história.

Essa reflexão sobre ser afetada pelo campo e construir uma relação de carinho e respeito com os interlocutores é essencial. A antropóloga Zora, além de antropóloga, era escritora e artista, possuindo uma sensibilidade e um olhar antropológico sobre a vida e os sujeitos ativos. Isso se torna evidente em seus escritos sobre Kossola. Quando prestamos atenção nas palavras de Zora, percebemos que seu trabalho não é apenas dela, mas algo coletivo, contendo múltiplas vozes e perspectivas.

Essas reflexões metodológicas são trazidas para agregar valor à pesquisa e destacar que ela não possui um único caminho. Ela perpassa por diversos caminhos metodológicos, como a etnografia, histórias de vida e escrituras. O trabalho está dividido entre três capítulos e eles são apresentados conforme a leitura do trabalho, sendo assim, antes de cada capítulo possui um resumo.

CAPÍTULO 01: A RELIGIÃO COMO FONTE DE PERTENCIMENTO E TRANSCENDÊNCIA

Iniciaremos este capítulo apresentando minha história de vida e como a devoção a Nossa Senhora Aparecida cruzou com meus caminhos, antes mesmo de conceber esta pesquisa. Em seguida, abordaremos questões relacionadas à fé, religião, transcendência e cultura, ao introduzirmos a Comunidade dos Milagres, sua organização e estrutura.

Dessa forma, exploraremos uma percepção sobre simbolismo, iconografia religiosa e cultura. Por fim, discutiremos a história da construção da Capela de Nossa Senhora Aparecida e como a integração e a mobilização dos fiéis resultaram em diversas experiências de vida permeadas pela fé.

1.1 Minha Jornada: Histórias e “Encontros” com a Mãe Negra dos Milagres

A escrevivência não deve ser uma história de ninar para a casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.

(Conceição evaristo)

A minha família vem de uma origem muito pobre. Minha avó possuía sete filhos e trabalhava muito para conseguir manter o sustento da casa. Ela era professora de História e ministrava muitas aulas nos colégios públicos e também era professora particular. Meu avô não ajudava com a renda de casa; ele era muito ausente, tinha problemas com bebida, e minha avó acabava trabalhando ainda mais para não faltar alimento para os seus filhos. Muitas vezes, ela só conseguia dinheiro para pagar as contas e comprar um pouco de leite, arroz, feijão e farinha. Em 1962, Maria José, minha avó, estava indo para o hospital.

Ela estava grávida de minha mãe e a bolsa ainda não tinha estourado. Naquelas circunstâncias, ela estava sentindo muitas dores. A médica que estava de plantão naquele dia disse ao meu avô que minha mãe já era para ter nascido e que o período da gravidez de minha avó estava ultrapassando aproximadamente uns 10 dias do período indicado para o

nascimento.

A médica disse que seria necessário fazer uma cesariana de emergência, já que o bebê estava mal posicionado e minha avó e minha mãe estavam correndo risco de vida. Foi nessa situação que meu avô se encontrou desesperado. Ele era devoto de Nossa Senhora Aparecida e começou a fazer suas orações, suplicando ajuda à santa. Ele se ajoelhou e fez uma promessa: prometeu que, se minha mãe conseguisse nascer bem e saudável, ele daria o nome da santa para sua filha. Meu avô relatou que naquele momento se sentiu ouvido pela santa e, poucas horas depois, minha mãe Aparecida conseguiu nascer.

Minha avó estava fraca, mas não estava mais correndo risco de vida. A médica disse ao meu avô que, como a gravidez tinha tido complicações, minha mãe tinha nascido com os pés virados para dentro. Os médicos disseram à minha avó que seria necessário minha mãe fazer um tratamento enquanto ainda era pequena. Com esse tratamento, a condição dos pés da minha mãe seria resolvida e não desencadearia nenhum problema no andar dela.

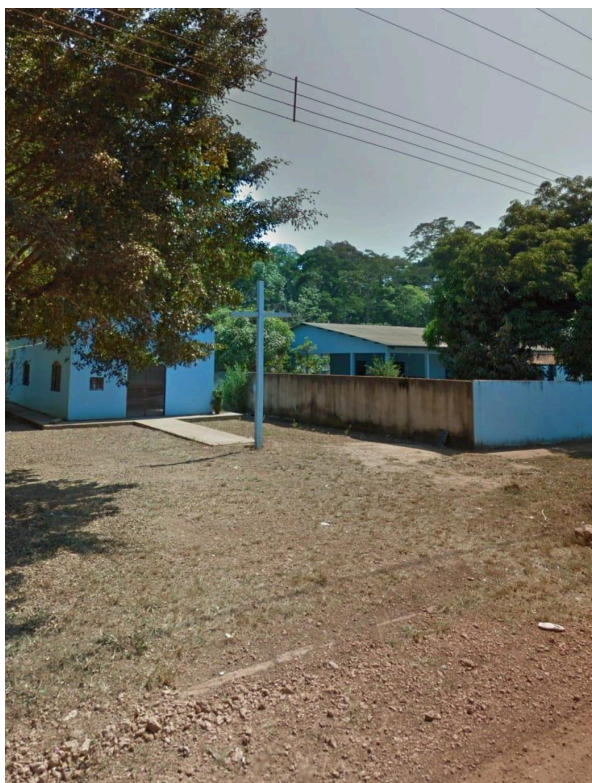
Minha avó conseguiu comprar as botinhas que eram compostas de um material de ferro naquela época, minha mãe usou as botas por 10 anos e foi possível corrigir o formato dos seus pés. Minha avó conseguiu comprar as botinhas, que eram compostas de um material de ferro naquela época. Minha mãe usou as botas por 10 anos e foi possível corrigir o formato dos seus pés. Minha avó não frequentava muito a igreja católica; ela sempre teve sua crença no espiritismo, precisamente na igreja messiânica. Mas, depois da promessa que meu avô fez, ela acabou se conectando com a santa. Sentia-se muito grata e acreditava que, sim, aquilo que havia acontecido tinha sido um milagre. Com o passar dos anos, ela começou a fazer suas orações para a Santa e tinha um altar com a imagem representativa de Nossa Senhora Aparecida bem grande em sua casa.

Os caminhos entre a Santa e a minha família foram se entrelaçando bem antes do meu nascimento, mas a história não para por aí. Eu nasci em 1994, em Porto Velho - RO. Minha mãe e meu pai não tinham uma boa relação; era algo conflitante, e ela acabou assumindo toda a responsabilidade quando eu nasci. Minha mãe e meu pai não eram casados, então todas as igrejas às quais ela se dirigia para dar entrada na cerimônia do meu batismo não aceitavam realizar.

Ela ficou muito chateada com a situação, já que a cerimônia era importante para ela, mesmo ela não tendo tanta aproximação com a vertente católica em si. Ao conversarmos sobre isso, ela me disse que ficou inconformada com aquela situação e continuou procurando igrejas que realizassem o meu batismo. Ao conversar com minha tia, ela obteve a informação de que havia uma capelinha bem simples que ficava próxima à BR, que é onde fica a estrada da saída e entrada de Porto Velho para as cidades vizinhas.

Minha tia garantiu para a minha mãe que iria dar certo realizar o meu batismo na capela, pois algumas amigas de minha tia, que também eram mães solteiras, tinham batizado os seus filhos lá. Então, no outro dia, minha mãe foi até a capela conversar com o padre. Minha mãe reparou no nome da Capela assim que chegou ao endereço: a igrejinha era de Nossa Senhora Aparecida, era pequena, na cor azul e localizada na BR-319.

Foto 01 - Capela Nossa Senhora Aparecida - Porto Velho



Fonte: acervo pessoal

Segundo minha mãe, o fato de eu ter sido batizada na capela de Nossa Senhora Aparecida não era mera coincidência. Embora ela não fosse uma mulher católica, a santa sempre esteve presente em sua vida, especialmente nos momentos mais difíceis. Ela sempre sentiu uma conexão com a santa, cujo nome compartilha.

Foto 02 - Capela Azul de Aparecida



Fonte: acervo pessoal

Em 2003, em Porto Velho - RO, quando eu tinha 9 anos, caí na escola enquanto estava nas atividades de educação física. Nessa queda, minha perna foi machucada e, segundo os médicos, o nervo foi atingido. Passei uma semana internada, pois nenhum médico sabia como resolver o problema da dor.

Era uma dor intensa, que não passava nem com os remédios, e a medicina era muito precária na minha cidade. O médico disse que, se as coisas piorassem, poderia ocorrer de eles optarem por amputar minha perna. Minha mãe ficou angustiada, preocupada, assustada e

sentia através da sua intuição que esse não era o tratamento adequado.

Ela disse que pediu uma luz, pediu proteção pproteção para a sua protetora, Nossa Senhora Aparecida. Foi então que ela foi até a recepção e pediu a minha alta. O médico não queria autorizar, então ela disse que, se não me liberasse, iria aos jornais e falaria que queriam amputar a perna de sua filha. Resolveram assinar a alta. Minha mãe ligou para minha avó, que estava morando em Fortaleza - CE, e contou a sua angústia. Minha avó disse que em Fortaleza havia outros médicos e hospitais muito bons que poderiam dar uma opinião e um tratamento de qualidade.

A situação estava bem angustiante, pois minha mãe não podia mudar de cidade e deixar seu emprego com dois filhos pequenos para criar. Meu pai não ajudava em nada, e tudo era para resolver. O emprego dela era público. Ela ligou para o chefe e explicou tudo que estava acontecendo, encaminhou os e-mails e laudos médicos com a descrição do problema que eu estava tendo. Com isso, foi possível entrar com uma licença médica de 6 meses e também com o pedido de transferência para Fortaleza - CE.

Foto 03: Minha Mãe na Capela de Nossa Senhora Aparecida em Fortaleza



Fonte: Foto registrada pela autora.

Então decidimos ir para Fortaleza. Fiz o tratamento com os remédios adequados, a dor foi diminuindo até que passei a não sentir mais nenhum desconforto. Também consegui fazer todos os exames que lá em Rondônia eu não tinha acesso. Deste modo, fiquei totalmente recuperada e não perdi minha perna. Não sei a ordem exata do que fez com que eu melhorasse, não sei explicar o que realmente aconteceu de fato.

Os médicos não tinham uma explicação clara da minha melhora. Acredito que foi tudo isso que me salvou: a cidade, a fé da minha mãe em buscar outras alternativas para que eu não perdesse a minha perna, o tratamento dos médicos do Ceará, a santa, tudo isso me salvou, minha mãe me salvou.

Não sou uma pessoa religiosa, mas tenho muita fé: fé nas pessoas, no universo, nas energias, na natureza e na figura de um Deus protetor que cuida de nós. Minha mãe acredita que foi a Santa Aparecida que agiu em sua vida e operou um milagre, que a santa me salvou e fez com que a gente vinhesse para o Ceará.

Eu sou agnóstica e acredito que, tendo fé ou não, eu sou um milagre de Aparecida, de minha mãe que lutou por mim e fez com que os médicos não operassem minha perna. Essa pesquisa faz parte de mim, faz parte da minha história. Aparecida, a santa negra milagrosa, sempre esteve presente na minha vida pela crença de minha mãe, antes de eu nascer, crescer e me tornar antropóloga. Nossa Senhora Aparecida, por ser uma santa que é representada pela pele negra, estava presente na minha vida pelas palavras de fé e histórias de milagres que minha avó e minha mãe me contavam.

Para Conceição Evaristo (2006), a escrevivência é atravessada pela sua experiência de vida como mulher negra e também pelas experiências de vida das pessoas que a cercam, dos seus, de pessoas que estão conectadas a ela pelos marcadores da diferença que a permeiam, mas que possuem outras histórias e outras questões. Ela enfatiza que as suas vivências, memórias e as histórias contadas pelos seus ancestrais não são capazes de explicar o todo nem de fazer um reflexo exato da realidade, ou seja, representam uma perspectiva da realidade.

Por isso, é importante compreender outras experiências, entender os modos de agir e viver pelas perspectivas de outros sujeitos. É uma junção do olhar individual, subjetivo, dentro de um olhar coletivo.

No livro “Becos da Memória” (2006), a escritora fala da importância das histórias contadas através da memória e da oralidade. Essa contação de histórias ressalta a nossa conexão com os nossos ancestrais. São histórias contadas de uma geração para outra, preservando a nossa identidade negra como sujeito individual e coletivo. Para além disso, a autora acredita que as histórias orais são fruto da resistência contra o apagamento e o silenciamento da nossa cultura, das nossas crenças e das nossas histórias de vida. É através das nossas histórias contadas por meio da oralidade que nos sentimos resilientes, vistos, ouvidos e valorizados, pois resgatamos e celebramos os nossos ancestrais, aqueles que vieram antes de nós.

Para somar à discussão sobre a importância das histórias contadas pelos nossos ancestrais por meio da oralidade, trago uma reflexão do autor, escritor e etnólogo Hampâté Bâ no seu texto “Tradição Viva” (2010). Hampâté acredita que a tradição oral na África Ocidental é responsável pela transmissão do saber/conhecimento de geração em geração.

As pessoas mais velhas, que possuem mais vivências, contam para seus filhos e netos as suas histórias de vida, contos, parábolas, folclore e outros. O autor acredita (2010) que a tradição oral é uma riqueza cultural africana e uma herança ancestral.

O etnólogo (2010) enfatiza que a tradição oral é tão importante quanto a escrita e que ambas devem ter a mesma confiabilidade/legitimação, pois tanto a escrita quanto a tradição oral são consideradas testemunhos; apenas a forma de transmissão que possui características distintas, com seus pontos fortes e limitações.

Algumas sociedades que se consideram “modernas” acreditam que as sociedades que não possuem a escrita como principal forma de transmissão de conhecimento são sociedades sem cultura. Hoje, com os debates anticoloniais e pós-coloniais, vemos esses argumentos eurocêntricos e preconceituosos caírem por terra. Antes de escrevermos uma ideia ou história, nós pensamos e a resgatamos na nossa memória. Dito isso, o nosso pensamento é uma forma de diálogo que ocorre na nossa mente; esse diálogo, ao ser posto no papel, é lapidado, as palavras são escolhidas e colocadas em ordem de acordo com o sujeito que as escreve.

E na fala acontece algo semelhante: nós pensamos sobre aquela história, resgatamos da nossa memória e a contamos de acordo com as nossas características individuais e coletivas. Quando falamos da tradição da oralidade como fonte de saber, estamos valorizando

a nossa identidade, resgatando a nossa cultura e permitindo que ela alcance todos os lugares, não apenas os espaços que são acessados só por meio da escrita.

Hampâté (2010) afirma que o saber é um testemunho e o testemunho vale o que vale o homem, ou seja, o homem é a palavra e a palavra o constitui e o consagra. Todo testemunho, seja ele oral ou escrito, é feito pelo homem, são testemunhos humanos e cada ser humano possui uma visão, uma fé, um sonho, uma paixão que os move, um pressuposto que se dá de acordo com aquilo que foi vivido ao longo dos anos por ele e na sociedade em que este sujeito está inserido. Tudo que conhecemos surge através da palavra, a própria sociedade se estabelece a partir da palavra, da retórica, da oratória. Para ele, a tradição oral está ligada diretamente ao homem, faz parte de como ele é e de como ele é visto, possui valor, moralidade, crença espiritual e deve ser proferida com responsabilidade.

O autor especifica (1999), que quando pensamos em crenças espirituais e místicas devemos levar em consideração que as religiões surgem através dos discursos orais, das interpretações, do dom dado ao homem para ser o interlocutor do divino e que essas interpretações, esses discursos são compostos por elementos que são pertencentes da oralidade: a metáfora e a alegoria. Sendo assim, a tradição oral liga o espiritual à matéria, constitui o homem e o caracteriza.

A visão de Conceição Evaristo e de Hampâté Bâ nos mostra o quanto é importante valorizarmos as histórias que nos são contadas e vividas, pois é assim que consagramos nossos antepassados, fazendo com que sejam lembrados. Através dessa tradição oral, rompemos com um modo eurocêntrico de fazer ciência. Por isso, trago logo no início deste capítulo os relatos dos que vieram antes de mim, as memórias e as histórias que fazem parte da minha vida e que me trouxeram até aqui. Narrativas/escrevivências que fazem parte de quem sou enquanto mulher negra, pesquisadora e antropóloga.

Ao escrever estas linhas, veio à memória o quanto minha avó foi importante na minha vida. Ela ajudou minha mãe a me criar, pois meu pai não foi uma pessoa presente na minha vida nem na do meu irmão, então não conheci meus avós paternos nem meus tios. Meu pai era um homem negro e minha mãe, uma mulher branca. Minha avó e minha mãe, desde

criança, ajudaram muito na construção da minha identidade negra. Lembro que, carinhosamente, minha avó me chamava de "minha pretinha", fazia penteados nos meus cabelos cacheados e sempre dizia para que eu me orgulhasse de ser quem sou.

Minha intuição me dizia que eu deveria saber mais sobre minha ancestralidade, sobre de onde vim e sobre aqueles que vieram antes de mim. Durante minha adolescência, por muitos anos, alisei meu cabelo porque era vista como uma menina “feia” pelos colegas de classe. As pessoas diziam que eu não deveria pegar sol na praia para não ficar mais escura do que já era. Nas danças de festa junina, ninguém me escolhia para ser seu par. Lembro que passei inúmeros recreios sozinha; muitas vezes não queria ir para a escola e chegava em casa chorando, dizendo que ninguém queria ser meu amigo. Minha mãe dizia que eu era linda e que não havia nada de errado comigo, que eu deveria me orgulhar de quem eu era e sempre ia até a escola para fazer reclamações sobre o racismo que eu sofria.

Eu me sentia amada pela minha mãe, mas tudo isso que vivia na escola me machucava, fazia-me sentir diferente das minhas colegas, e eu não entendia que não havia nenhum problema em ser diferente. Aliás, ser diferente é bom; cada um possui uma particularidade. Por vivermos em uma sociedade que foi colonizada e possui o racismo como um crime que tira vidas, levei anos para me identificar como uma mulher negra, para me perceber, me amar e me ver.

Sendo desta forma, não é possível ser neutra, ou me colocar em um lugar distante, pois estou falando de mim, do meu processo de identificação, das histórias de vida de pessoas que possuem similaridade com quem eu sou entrelaçando a questão de raça, identidade, representação e religião.

A pesquisadora, antropóloga e escritora Zora Neale Hurston, no texto "Meu lugar de nascimento" (1995), inicia a discussão falando sobre o seu passado. Ela acredita que o lugar de onde viemos influencia na forma como vemos o mundo e também a pessoa em que nos tornamos. Acredito que todas essas memórias e histórias de vida que trago nesta pesquisa são importantes para entendermos os caminhos e as histórias do presente.

Para Zora Hurston (1995), o tempo e o espaço são elementos importantes para interpretar os percalços, os desafios, as dores e as escolhas que tomamos durante a vida. É isso que busco na minha pesquisa: entender o que se passou para compreender o presente, tanto em relação a mim quanto dos meus interlocutores, então dando início a esta pesquisa trago no próximo tópico a apresentação da comunidade dos milagres.

1.2 A Capela Construída pelas Mãos da Comunidade

A Comunidade dos Milagres é considerada um bairro periférico da cidade de Fortaleza - CE. A maior parte da sua economia provém da movimentação dos comércios. O bairro é repleto de bares, pizzarias, feirinhas, gráficas, farmácias, mercados e outros empreendimentos. A maioria dos moradores trabalha e estuda no próprio bairro, pois ele é considerado distante e está localizado na área sudoeste da cidade.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma métrica que leva em consideração a qualidade de vida dos moradores, bem como o desenvolvimento econômico e social. Quanto mais distante de 1 estiver o índice, mais vulnerável o bairro será. Por conseguinte, o IDH da Comunidade dos Milagres é de 0,270. Trata-se de um bairro periférico que possui quatro escolas públicas, sendo duas municipais e duas estaduais, quatro creches, dois postos de saúde e não dispõe de um sistema de esgoto sanitário adequado.

No centro da Comunidade dos Milagres fica localizada a Capela de Nossa Senhora Aparecida. Ela está situada na pracinha, onde também há um campo de futebol e vários comércios e casas ao redor. É uma rua bastante movimentada, sempre repleta de pessoas, onde todos se conhecem e se ajudam. Além da Capela de Aparecida, um pouco mais à frente na rua, encontra-se também uma igreja de vertente evangélica.

A comunidade foi se formando à medida que os moradores do interior migravam para a cidade em busca de uma melhoria de vida e de um estudo de qualidade para seus filhos. Dona Lourdes, uma das minhas interlocutoras e moradora do bairro, contou-me que sua mãe veio do interior para morar em Fortaleza com ela e seus irmãos. A mãe de Lourdes, ao chegar na capital, estudou e se tornou professora. Ela contava para Lourdes que os moradores vindos

de outras cidades, ao chegarem no bairro, iam construindo suas casas e seus pequenos comércios.

Da mesma forma que os moradores da comunidade sentiam a necessidade de fazer a economia girar, conquistar seu espaço e garantir sua sobrevivência, eles também sentiam a necessidade de ter um lugar para fazer suas orações, um espaço onde pudessem se reunir e se acolher em tempos difíceis. Com uma voz marcada pela emoção, empolgação no olhar e orgulho, Lourdes me relatou que a Capela de Aparecida foi construída pela própria comunidade.

Lourdes me contou que os moradores que moravam em frente à pracinha, em 1973, cavaram um buraco e com suas mãos ergueram os muros da capelinha. Esses moradores contaram com a ajuda de um padre de uma comunidade vizinha, que ajudou a dar entrada na documentação para que houvesse o registro da comunidade religiosa. Também contaram com a ajuda de outros moradores do bairro; alguns doaram ventiladores, cadeiras de plástico, mesas e outros materiais para que fosse possível o funcionamento da capela.

Dona Lourdes disse que o padre que ajudou na construção da igreja atualmente é um senhor que está próximo de completar 100 anos e que os moradores que fizeram parte deste acontecimento estão bem idosos. Por isso, ela está buscando pessoas que possam documentar essa história, escrever como a igreja foi construída e formada para homenagear os que vieram antes e contar a história para os que virão depois.

Quando contei a ela que estava fazendo uma pesquisa na comunidade, ela se mostrou super interessada. Disse-me que, assim como sua mãe, ela também se tornou professora de uma das escolas do bairro. Ela sorriu entusiasmada e se colocou à disposição para o que eu precisasse. Lourdes é uma mulher negra que atua de forma constante na capela, fazendo parte da administração, do grupo de liturgia e do coral da igreja. Tudo o que acontece na comunidade religiosa, Lourdes está informada. Ela possui as chaves da igreja, é engajada e muito devota de Nossa Senhora Aparecida.

Figura 04. Imagem externa da Capela de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Imagem registrada pela Autora

Figura 05- Foto Frontal da Capela de Aparecida



Fonte: Foto registrada pela autora

É interessante e inspirador a mobilização dos moradores da Comunidade dos milagres em terem construído uma capela com as suas “próprias mãos”, eles se mobilizaram e lutaram por construir um lugar que fosse para eles e deles. Quando Dona Lourdes fala sobre a construção da Capela, ela fica repleta de alegria, ela tem um sentimento de pertencimento, de cuidado e de integração.

O pensador e teólogo Rubem Alves (2010), na sua obra “O que é religião?” acredita que a religião é um sistema simbólico que gera significado para o ser humano e para a sua existência, esse sistema repleto de símbolos, dependendo da insígnia que almeja representar, tem o poder de transformar a realidade que se vive. Sendo assim, para o escritor a religião nasceu na tentativa do homem em entender-se a partir da sua experiência de ser/estar no mundo. Ao se deparar com as suas dificuldades, dores, dúvidas e ambiguidades ele passou a acreditar em um mundo para além da materialidade, um mundo ideal, que desse esperança e alívio.

Alves (2010) acredita que a religião é um dos sistemas simbólicos mais eficazes e potentes, capaz de servir tanto à libertação quanto à opressão. Ele argumenta que o sistema religioso é formado por tudo o que conecta o mundo material ao mundo transcendente. Isso inclui orações, discursos religiosos, rituais, práticas espirituais e outros elementos que tecem a ponte entre o terreno e o divino.

É importante levantar uma discussão sobre a *transcendência com a religião*: é inegável que os elementos da intersubjetividade, em toda e qualquer ação humana reverberam a organização social isso porque a intersubjetividade¹ é o laço que une o individual ao coletivo, logo a individualidade da transcendência é também uma experiência social. Logo, se faz necessário questionar: a transcendência se faz isolada? Em outras palavras, o que é a matéria prima que gera o *produto transcendência*? A resposta parece ser a interação dos sujeitos que comungam a fé.

¹Para o conceito de intersubjetividade entendemos as teorias apresentadas por (Beaud e Weber 2007) da qual revela que a subjetividade é um forma de interação filogenética, ou seja de linguagem, logo a como matéria de entendimento antropológico revela-se naquilo que chamamos de *cultura*.

Logo, a ideia de partilha da fé vai além da transcendência, portanto, podemos nos aproximar do conceito de *invenção da cultura*, desenvolvida pelo antropólogo estadunidense Roy Wagner, que entende a cultura pela seguinte lógica:

Se a invenção é assim de importância crucial para a nossa apreensão da ação e do mundo da ação, a convenção da cultura define a perspectiva do ator. Sem invenção, o mundo da convenção, com sua importante distinção interpretativa entre o “inato” e o “artificial”, não poderia ser levado adiante. (wagner, 2018, p.87)

Nesse aspecto, é importante entendermos que as religiões muitas vezes funcionam como uma integração social, cultural, transcendente e simbólica permeando o cotidiano das pessoas. Assim, a religião não apenas reflete a cultura, mas também a transforma.

O sociólogo, ensaísta e antropólogo Roger Caillois (1990) acredita que, através das interações sociais, as matrizes religiosas constituem um sistema que cria, gerencia e mantém as categorias do sagrado e do profano. Esse sistema é considerado sensível e interdependente; ou seja, são elementos interligados que dependem um do outro para existir.

Tanto o sagrado quanto o profano não pertencem a mundos separados e nem são fixos; ao contrário, dependem um do outro e são fluidos. Eles produzem sentido, significado e interpretações, estando sujeitos a transformações de acordo com a experiência humana vivida.

O ensaísta (1990), aponta que o *sagrado e o profano* são elementos que se encontram entrelaçados na vida cotidiana, cada um influencia o outro de forma profunda e complexa. Quando pensamos sobre o elemento sagrado, estamos pensando no que é transcendente, divino, espiritual, cósmico, místico/mágico.

Pois ele está relacionado aos rituais, símbolos imagéticos religiosos, orações, experiências de curas ou milagres e outros. O sagrado se manifesta nas experiências emotivas/emocionais compartilhadas entre os fieis ao realizarem seus rituais² ou suas orações. Os símbolos sagrados possuem significado social e cultural e vão mudando conforme as experiências dos seus agentes sociais e da estrutura social.

² Nesta pesquisa, não abordamos diretamente e em detalhe as práticas rituais e suas características, mas é essencial mencionar brevemente o conceito do antropólogo britânico Victor Turner, apresentado em "O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura" (1974). Turner (1974) acredita que os rituais são um conjunto de ações/experiências de um determinado grupo social, tais ações são cobertas de significados tendo o poder de fortalecer e transmitir crenças e valores.

O sagrado combina temor e confiança. As pessoas temem desobedecer o que é sagrado, mas, ao mesmo tempo, se sentem à vontade ao fazer orações, promessas e rituais, pois acreditam que, em certas situações, apenas o sagrado pode oferecer ajuda.

Já quando falamos sobre o elemento profano estamos falando sobre o mundo do homem, o mundo comum da materialidade onde os agentes fazem atividades rotineiras do seu cotidiano, sendo assim, o profano é considerado tudo o que é oposto do sagrado do sagrado. No entanto, é importante notar que esses mundos se misturam e se transformam de acordo com as mudanças sociais, as experiências de vida dos indivíduos e suas perspectivas.

Para que os agentes sociais manifestem o sagrado em suas vidas, é necessário que abdicuem de outras ações. Essas renúncias são vistas e consideradas sacrifícios. Com isso em mente, é importante discutir que alguns seres considerados sagrados, são colocados pela crença em um lugar distante de nós, tornando-os até mesmo intocáveis.

Para Caillois (1990), no mundo comum da materialidade, os sujeitos sociais possuem escolhas, essas escolhas são chamadas de livre-arbítrio, que são a possibilidade que nós temos de escolher o que consideramos ser melhor para os nossos caminhos, para a nossa vida, mas, vale ressaltar que essas decisões são tomadas de acordo com as nossas vivências, história e valores morais sejam religiosos ou não.

Para o antropólogo Clifford James Geertz (1989), as formas de representações simbólicas são utilizadas para a comunicação e o desenvolvimento humano. Consequentemente, Geertz considera as religiões como sistemas simbólicos, alinhados com o modo de vida dos agentes e com sua visão de mundo.

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de facticidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67).

Assim, podemos entender que as religiões estruturam as condutas sociais em uma ordem superior, transmitindo para a vida prática projeções simbólicas de características cósmicas. Ou seja, os agentes sociais utilizam essas projeções em seu cotidiano, ajustando algumas atitudes para se adequarem ao modelo proposto pelas religiões das quais fazem

parte.

Considerar os autores mencionados anteriormente é fundamental para refletirmos sobre questões como transcendência, fé, união, religião e mobilização social. Os fiéis da Capela de Aparecida têm muito orgulho em fazer parte da história da igreja e se emocionam todas as vezes que falam sobre seus ancestrais terem construído a igrejinha com as próprias mãos. Segundo Dona Lourdes, todos nós temos a necessidade de estarmos em um lugar onde nos sentimos à vontade, acolhidos e pertencentes. Para ela, estar próximo à santa é como estar em casa.

A capela possui uma sala com todos os registros de sua fundação, documentados em papel e ainda não digitalizados. Lourdes está preocupada com isso. Ela relatou que as pessoas que fundaram a capela estão envelhecendo, e ela não quer que a história delas se apague com o tempo. Por esse motivo, Lourdes já está se organizando para transferir os arquivos para o meio digital e está contente que, além disso, eu estou contando a história da comunidade.

Ao chegar à praça central da Comunidade dos Milagres, já é possível ver as luzes da capela acesas. Na porta da entrada principal está o grupo de acolhimento, todos vestidos de azul e branco, as cores de Nossa Senhora Aparecida. O grupo recebe você com um grande sorriso no rosto, um aperto de mão e um abraço.

Fico encantada com a forma como aquele grupo religioso se conecta; percebo que eles não possuem apenas a devoção pela fé cristã como algo que os une, além disso, possuem uma grande identificação com Nossa Senhora Aparecida e uns com os outros. Eles compartilham a fé, a identificação e as suas próprias histórias. As senhoras de idade e pele negra, antes de iniciar a missa, pedem permissão a Deus para se aproximarem do altar e se encaminham até a "Mãe Negra". Baixinho, em sussurros, fazem seus agradecimentos e pedidos, e ao finalizarem se despedem da santa: algumas beijam a imagem, outras fazem somente o sinal da cruz.

As senhoras de pele negra creem em Nossa Senhora Aparecida. Percebo que todos os domingos elas repetem a saudação e o cumprimento à imagem da santa, como se a santa estivesse realmente ali no mundo material. E, de certa forma, está, pois se faz presente pela simbologia da representação daquela imagem e também pela crença e fé daquelas senhoras.

A cada domingo, a igreja realiza uma rifa ou sorteio para arrecadar recursos para a capela. Os itens sorteados incluem blusas de Nossa Senhora Aparecida, lindas e detalhadas

terços, e um kit festa patrocinado pela padaria do bairro, cujo dono é devoto da Santa. Dona Lourdes sempre me recebe com um abraço e me diz que sou uma jovem que gosta de escrever sobre a vida das pessoas e que fui enviada por Nossa Senhora Aparecida, sendo um presente da Santa.

Sinto-me muito bem na capela, próxima das pessoas e cada vez mais conectada com suas histórias de vida. Augusto, um rapaz negro de 33 anos, faz parte do grupo de acolhimento e é muito amigo de Dona Lourdes. Ele foi a primeira pessoa a me receber na igreja no início das minhas idas ao "campo". Sendo uma pessoa muito comunicativa, assim que soube que eu estava fazendo observações para a pesquisa, ele se mostrou disponível para me apresentar a todos.

Quando Augusto fala da Santa, ele se mostra reflexivo, ao primeiro momento até achei que ele ficava triste ou melancólico, ele me disse que se sente ele mesmo na Capela e que tinha muitas coisas ainda que ele queria realizar em sua vida, que ele tinha o sonho de estudar e concluir o ensino médio, por isso que ele sempre estava refletindo, pois ao olhar para a Santa, ele sentia amor, acolhimento e principalmente esperança.

Augusto relata que ninguém mexe com ele na capela, pois todos sabem que ele tem uma personalidade forte. No entanto, em outras igrejas de bairros vizinhos, ele não se sentia bem, sentia-se distante e deslocado.

Refletindo sobre o depoimento de Augusto, podemos compreender que o acolhimento e as práticas sociais e religiosas variam de igreja para igreja. Ele relatou não se sentir bem recebido nas outras igrejas que frequentava e se descreve como uma pessoa de personalidade forte, que age de acordo com o que considera justo, independentemente das expectativas alheias. Dessa forma, percebemos que o sagrado e o profano são mundos que se complementam, não estando separados, e mudam de percepção para percepção e de igreja para igreja.

Na Capela de Nossa Senhora Aparecida, Augusto se sente reconhecido, possui muitas amizades, é altamente engajado nos grupos da Capela e contribui significativamente para o funcionamento daquele espaço.

No próximo tópico, pretendemos abordar de forma aprofundada a organização e a estrutura da Capela de Nossa Senhora Aparecida. Descreveremos seu funcionamento e organização, além de levantar pontos analíticos e teóricos sobre a simbologia e a iconografia religiosa.

1.3 Organização, Estrutura e Composição da Capela

Os fiéis da igreja se organizam e se integram para estarem presentes todos os domingos. Por ser uma igreja pequena, a maioria das pessoas conhecem e conhecem os familiares uns dos outros. Grande parte dos senhores e senhoras de idade chega ao espaço às 18h30 para garantir seu lugar, pois quando a missa começa às 19h, a igreja já está lotada. Muitas pessoas assistem à missa em pé dentro da igreja, enquanto outras preferem assistir do lado de fora por causa do calor, pois, mesmo com muitas portas e janelas, a capela é abafada, bastante quente, e os ventiladores não conseguem amenizar o calor.

A Capela de Aparecida é pequena e está localizada no lado esquerdo da praça. Sua cor externa e interna é de um creme, um amarelo bem claro, quase bege. Ao entrar na parte interna da capela, nos deparamos com bancos de oração de uma madeira bem viva. Esses bancos ficam de costas para a porta da entrada principal, que também é de madeira, com cor semelhante à dos bancos.

A capela conta com seis ventiladores de teto espalhados pelo local e um altar que possui uma mesa central, um crucifixo pregado na parede, o livro dos evangelhos e o santíssimo sacramento. A cor da decoração do altar, da vestimenta do padre e da toalha de mesa é modificada de acordo com o calendário litúrgico e o significado da celebração religiosa. No lado direito do altar, há uma imagem de tamanho médio de Nossa Senhora Aparecida e, em algumas ocasiões, também é posta a imagem tradicional de Maria.

Foto 05- Altar sagrado de Aparecida - na festa dos 12 dias



Fonte: Imagem registrada pela autora

Ao passar do altar, há uma porta que leva a um corredor estreito. Encostada na parede, há uma mesinha com outra imagem de Nossa Senhora Aparecida. Esse corredor dá acesso ao escritório do padre e ao pátio, onde estão localizados a cozinha, os banheiros e a sala de reunião. No fim do pátio, há a porta dos fundos.

Nas paredes internas da capela, tanto do lado direito quanto do esquerdo, estão pendurados quadros simbólicos que representam figuras importantes do cristianismo:

- **Jesus:** é retratado pelos quadros como um homem que possui cabelos loiros ondulados, olhos azuis e pele branca, seguindo o modelo europeu amplamente veiculado na mídia e em outras instituições religiosas católicas.
- **Maria e José:** são representados com cabelos lisos e escuros, além de pele branca e vestes claras.
- **Arcanjo Miguel:** é representado com cabelos pretos cacheados, pisando e colocando sua espada sobre o "Diabo/Demônio", que é ilustrado como uma figura com chifres, músculos definidos e pele negra.
- **Arcanjos Rafael:** é representado por uma figura de possui cabelos longos e escuros, ele está vestido com uma bata de tom suave na cor amarela e segura um cajado.

- **Arcanjo Gabriel:** aparece retratado no quadro como um homem de cabelos loiros e médios, possui roupas claras na tonalidade de azul e branco e carrega nas mãos uma trombeta e uma lírio.
- **Os Apóstolos:** Eles seguem padrões estéticos similares às representações anteriores: pele branca, cabelos longos e escuros, e estão todos reunidos ao redor de Jesus na Santa Ceia./

Ao refletirmos sobre as simbologias sagradas no catolicismo, torna-se fundamental compreender a questão da iconografia na Igreja Católica e a construção das imagens no mundo ocidental. Sabe-se que as pinturas presentes nas paredes das capelas são representações imagéticas de caráter eurocêntrico e colonialista, nas quais o artista inspirava-se em seus próprios traços ao conceber a imagem do sagrado.

Dessa forma, inseria em suas obras uma narrativa ou interpretação que favorecia tanto a Igreja Católica, consolidando-a como centro de poder econômico e social, quanto os interesses da elite europeia.

No livro "A Iconografia na Igreja Católica", Almir Flávio Scomparim³ (2020) afirma que as primeiras comunidades cristãs faziam uso de pinturas e ilustrações como meio de expressar sua fé e comunicar narrativas sagradas, incluindo histórias, mitologias e cronologias. Esse recurso imagético era particularmente valioso em um período em que a habilidade/prática de ler e escrever era restrita a poucos. Dessa forma, as imagens assumiam um papel central na disseminação de informações, no ensino religioso e na comunicação, complementando a oralidade. Ao longo dos séculos, essas representações visuais foram sendo gradativamente moldadas pelas influências religiosas, culturais e artísticas.

Scomparim (2020) descreve a iconografia como uma representação simbólica que abrange imagens, ilustrações, esculturas e pinturas associadas ao âmbito espiritual ou religioso. Para o teólogo, a iconografia transcende a mera manifestação artística, constituindo-se também como um meio essencial para a comunicação, o ensino e a

³ Almir Flávio Scomparim é professor, teólogo e padre católico, especializado em iconografia, arte sacra e espaço sagrado.

manifestação da fé. Desse modo, a iconografia possibilita o compartilhamento das experiências e vivências dos agentes sociais com o sagrado.

O sociólogo Norte Americano Herbert Blumer, na sua obra denominada “O homem e a sociedade”, compreende as interações sociais, o estudo da sociedade e do cotidiano e através desse estudo ele inicia as suas pesquisas precursoras no início do século XX a respeito do interacionismo simbólico⁴. De acordo com o Blumer (1969), há dois aspectos cruciais na corrente do interacionismo simbólico um deles é que nós agentes sociais somos caracterizados pela comunicação através do sistema do simbolismo⁵, seja a comunicação oral ou escrita que permeia indicativos⁶, signos e símbolos⁷. Tais simbolismos são caracterizados pela alteração, pela mudança de acordo com o tempo, com a história e com o espaço.

Por conseguinte quando pensamos a respeito das comunidades religiosas, podemos constatar que elas possuem símbolos, signos e indicativos que são sagrados, esses elementos podem ou não ser elementos fixos, se tornando assim, elementos que também podem ser mutáveis ou até mesmo se tornarem desconhecidos, isso vai variar de acordo com a vertente religiosa que de acordo com o antropólogo Roger Bastide (1971) são:

- **Matrizes Indígenas:** Constituem um conjunto de práticas religiosas e espirituais relacionadas à natureza, ao meio ambiente e às cosmologias⁸. Incluem várias camadas

⁴ O interacionismo simbólico, de acordo com Blumer (1969), surge em um contexto social em que os pesquisadores estavam buscando entender a sociedade cotidiana e as suas transformações causadas pelo capitalismo, esses comportamentos e mudanças dos agentes sociais estavam consequentemente ligados com a transformação e o crescimento do comércio e das indústrias. É importante ressaltar que para o autor, esse estudo está relacionado com as atitudes diárias dos agentes e da construção dos sistemas simbólicos que os rodeiam.

⁵ A semiótica estuda os sistemas comunicativos simbólicos, ou seja, tudo que possui significante e significado, segundo Saussure (2003), o significante é o elemento acústico ou material que representa uma ideia. Por exemplo, um quadro é a representação material da arte. E o significado é uma ideia ou um conceito, por exemplo, arte se torna o conceito. O significado e o significante dão origem a um signo, que é a representação de algo concreto ou fictício. Por exemplo: O dia das mães.

⁶ Um signo é um indicio de algo, por exemplo, quando olhamos para o céu e ele está repleto de nuvens, deduzimos que vai chover.

⁷ Segundo Saussure (2003), um signo pode se transformar em símbolo quando há uma intenção de produção de algo e uma aceitação de quem está recebendo aquela informação. Por exemplo, quando o pai mostra para o seu filho a imagem da cruz de Jesus e relata para ele que significa um ato de amor e sacrifício que Deus fez por nós. Então, a criança poderá passar a ver aquele objeto como algo divino, algo heroico que simboliza o bem, o amor e a abdicção, a dor.

⁸ Krenak (2020), defende as cosmologias indígenas, e quando ele se refere a essas cosmologias, não está falando apenas de uma única visão do mundo. Pelo contrário, são várias cosmologias que transcendem fronteiras culturais. Essas perspectivas reconhecem a existência de mundos híbridos, onde a natureza possui espírito e todas as formas de vida estão interconectadas.

de crenças, mitologias, rituais e outros elementos. A religiosidade e as crenças indígenas já estavam presentes no Brasil antes da chegada dos colonizadores e exploradores europeus.

- **Matrizes Ocidentais:** Referem-se à matriz da religião cristã, composta pelo catolicismo romano, que foi a religião oficial durante a colonização, exercendo grande poder de controle e coesão no período da colonização portuguesa no Brasil. Além do catolicismo romano, há a vertente protestante, que cresceu significativamente durante o século XX, criando diversas igrejas protestantes evangélicas.
- **Matrizes Africanas:** Foram as religiosidades que eram comungadas pelos povos vindos da África através da colonização e escravização. Conforme Bastide (1971), os povos africanos escravizados não podiam manifestar diretamente sua fé e suas crenças. Para manterem suas espiritualidades, eles mesclaram suas tradições africanas com elementos do catolicismo. Esse processo resultou em uma nova expressão de fé chamada sincretismo religioso. Esse sincretismo⁹ deu origem às religiões afro-brasileiras: Candomblé, Umbanda, Macumba e outros.
- **Matrizes Orientais:** São as religiões trazidas pelos povos imigrantes asiáticos como o: espiritismo, budismo, xintoísmo, hinduísmo e outros.

Alguns objetos simbólicos e iconográficos das matrizes religiosas mencionadas acima perderam-se devido ao contexto histórico, à passagem do tempo, aos conflitos sociais, territoriais e religiosos, aos roubos de objetos sagrados e até mesmo às apropriações desses materiais.

Scomparim (2020) crítica pontualmente a iconografia católica pelo risco de idolatria. Ele acredita que, embora os símbolos possam ser instrumentos de devoção, transcendência e crença, há o risco de que os fiéis venerem mais as imagens representativas do que o próprio divino.

Ao me deparar com as pinturas nas paredes da Capela, senti um profundo incômodo, especialmente ao observar a representação do arcanjo Miguel como uma figura branca

⁹ De acordo com Bastide (ano), o sincretismo religioso foi uma forma de resistência encontrada pelos povos africanos escravizados para preservar sua identidade cultural e religiosa, resistindo à dominação cultural e preservando suas memórias e tradições ancestrais.

pisando sobre uma simbologia do diabo, cuja pele é retratada em tons negros. Esse cenário incitou uma reflexão analítica e introspectiva acerca das simbologias do sagrado na Igreja Católica e das representações religiosas brancas em contraste com as simbologias negras.

O escritor literário e teórico cultural Edward Said (2007), em sua obra pós-colonial "Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente", critica precisamente essas representações imagéticas ocidentais que perpetuam um discurso visual destinado a justificar a dominação colonial e imperialista. Tais narrativas ideológicas visam pregar uma suposta superioridade cultural, territorial, econômica, racial ou política do Ocidente sobre outras regiões ou povos.

Said (2007) argumenta que as representações visuais, tais como a literatura e a arte, têm sempre a intenção de transmitir um significado. Portanto, essas representações visuais jamais podem ser consideradas neutras, uma vez que elas englobam uma narrativa e um discurso inerentes. Said também enfatiza que, quando as representações imagéticas ocidentais constroem uma narrativa que retrata o "outro" como uma figura primitiva, ruim ou inferior, elas estão legitimando a desigualdade e a hegemonia ocidental.

Dessa forma, ao observarmos a representação simbólica do sagrado no quadro pregado na parede da Capela, caracterizado pelo sagrado como a figura de pele branca que pisa na figura do diabo, tradicionalmente associado ao mal e ao oposto de Deus, representado pela pele negra, compreendemos que esta iconografia serviu como um meio pelo qual o Ocidente perpetuou e justificou seus atos de dominação, escravização e exploração dos povos africanos.

Em nenhuma das pinturas da capela há a representação imagética de Nossa Senhora Aparecida, o que gera um certo estranhamento, dado que a capela leva o nome da Santa. Ao observarmos as laterais da capela, notamos seis portas de grandes dimensões, três do lado direito e três do lado esquerdo. Todas são feitas de madeira e permanecem abertas durante a cerimônia religiosa para permitir uma melhor circulação de ar, uma vez que a igreja é bastante quente.

Figura 05 - Mesinha do altar das Marias



Fonte: Registrado pela autora:

A Capela de Aparecida faz parte da área pastoral da Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Pobres, localizada em um bairro vizinho. O padre Miguel é o líder religioso responsável pelas duas comunidades. Tanto a Igreja Matriz quanto a capela são frequentadas por pessoas dos dois bairros, especialmente durante festas religiosas, organização de viagens missionárias e confraternizações.

A capela não possui muitos recursos financeiros; por esse motivo, atualmente, as missas ocorrem apenas aos domingos. No turno da manhã, a celebração se inicia às 6:00 horas, enquanto no turno da noite, começa às 19:00 horas. Nas datas comemorativas, que incluem algumas semanas festivas de celebração religiosa, a capelinha abre todos os dias. As principais festas são a Sagrada Misericórdia, a Semana Santa e a festa dos 12 dias de Aparecida.

O padre Miguel é um homem negro, muito carismático e engajado com a comunidade. Os fiéis o adoram, pois ele é muito brincalhão e está sempre sorrindo, o que cria uma relação de proximidade e confiança entre ele e a comunidade de fiéis. Miguel sempre diz durante as celebrações que aquela capela é a sua casa, a casa da padroeira do Brasil e de todos nós.

Alguns domingos, ele não consegue estar presente nos dois turnos, pois também precisa dar assistência à Igreja Matriz.

Nesses dias, ele conta com a ajuda de alguns padres de bairros próximos para ministrar missas na capela. Os devotos de Nossa Senhora ajudam financeiramente da maneira que podem e contribuem para que a igreja se mantenha de pé. Recentemente, o padre Miguel fez algumas campanhas para a manutenção da igreja. Uma delas foi para a troca das grades que cercam toda a capela, pois as antigas estavam muito enferrujadas, com mais de 10 anos, e já não serviam mais, pois estavam quebradiças. Com a contribuição dos fiéis, a capela conseguiu arrecadar três mil reais para a troca das grades.

Foto 06: Missa Campal na praça da Comunidade dos Milagres



Fonte: Foto registrada pela autora

A outra campanha foi para a compra de 150 cadeiras de plástico, já que a igreja só possuía 10 cadeiras, e a cada primeiro domingo do mês são realizadas missas campais na praça da igreja. Assim, a capela tinha uma despesa extra, pois todos os meses precisava alugar essas cadeiras para a realização das missas na praça. O líder religioso estabeleceu uma meta de 15 dias para que a comunidade fizesse doações de qualquer valor para arrecadar o dinheiro necessário. E,

mais uma vez, com muito esforço e dedicação, os fiéis conseguiram.

O padre Miguel ficou emocionado ao ver que a campanha tinha dado certo e que seria possível comprar as cadeiras. Além disso, os grupos de organização da igreja, como o ministério da palavra, o grupo da liturgia, o coral e o acolhimento, se organizam para a produção e a venda de comidas típicas na barraquinha da igreja, todos os domingos de missa campal.

Foto 07 - Missa Campal dos 12 dias de Aparecida



Fonte: Foto registrada pela autora

Foto 08 : Padre Miguel cumprimentando os fiéis de sua comunidade



Fonte: Foto registrada pela autora

Foto 09 - todos reunidos pela fé



Fonte: foto registrada pela autora

De Segunda a sexta há movimentação na Capela, pois são realizadas atividades de orações e socialização como: missa dos homens, ensaio do coral, reuniões administrativas da secretaria da capela, grupo do terço de Nossa Senhora, encontros para a primeira eucaristia, reuniões da crisma e encontro do grupo de jovens.

Esses detalhes a respeito da organização e da estrutura só foram possíveis observar por conta da etnografia e das idas frequentes à Capela, pois passei um ano indo para a capela, fazendo anotações de campo, e participando das reuniões e missas. Sou formada em Comunicação Social, então sempre estive bastante atenta aos detalhes, venho de uma formação onde aprendi a perceber o que está nas entrelinhas, assim como aprendemos também na antropologia, acredito que as duas formações se complementam.

CAPÍTULO 2: ENTRE OPRESSÃO E FÉ: A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA E A HISTÓRIA DE NOSSA SENHORA APARECIDA NO BRASIL

Neste capítulo, abordaremos uma perspectiva teórica abrangente sobre a história do Brasil, destacando a trajetória e o papel da Igreja Católica. Analisaremos sua influência e poder durante o período colonial, refletindo sobre os impactos sociais, culturais e políticos desta instituição no contexto brasileiro.

Em seguida, conduziremos uma discussão aprofundada sobre Nossa Senhora Aparecida, explorando a origem e o surgimento da santa. Avaliaremos seu significado, simbolismo e a construção simbólica que se desenvolveu em torno de sua figura, considerando o contexto histórico e cultural em que se insere.

2. 1 A Igreja Católica no Brasil: Mecanismos de Controle e Herança Colonial

O primeiro dia que dei início às pesquisas, eu estava com tranças *box braids*¹⁰ da cor ruiva, lembro-me que muitas senhoras de pele negra chegaram e elogiaram o meu cabelo, disseram que estavam encantadas com o penteado e que também tinham vontade de fazer em seus cabelos, já outras senhoras de pele branca já chegaram pegando no meu cabelo sem autorização e me questionaram sobre os cuidados com o cabelo, como eu lavava e se eu era “baiana” ou “hippie”.

Confesso que me senti bastante incomodada com os questionamentos, me senti exposta e não sabia como responder tais perguntas, me questionei se eu respondia como pesquisadora ou como mulher negra que estava chateada com aquela situação e com o fato de pegarem no meu cabelo sem autorização. Resolvi responder como mulher negra e pesquisadora, expliquei o significado daquele penteado para a minha identidade e o quanto eu me sentia bonita e segura com as tranças, disse a elas que era algo que me deixava feliz, que

¹⁰ As tranças conhecidas como *box braids* possuem um significado que vai além de um mero penteado; elas me fazem sentir conectada com minha ancestralidade. Além disso, a autora Chimamanda Ngozi Adichie na sua obra “Americanah” (2014), acredita que este penteado/estilo tem sido utilizado há séculos em diversas culturas africanas como uma forma de preservação da identidade e com a ancestralidade e de resistência.

me conectava com a minha ancestralidade, contei também sobre o significado e a força do penteado para a comunidade negra/preta.

Elas ouviram com atenção, algumas pediram desculpas por terem tocado no meu cabelo e pelos questionamentos, elas falaram que não sabiam que tinha um significado tão grande por trás do penteado. Eu infelizmente já estou acostumada com essas abordagens, pois diariamente as ouço nos demais ambientes sociais, mas lá na capela percebi que quando eu expliquei aquelas senhoras ficaram com vergonha do que tinham dito e falaram que elas não possuíam essa vivência.

Alguns meses depois, após a missa do turno da noite conversei com o padre Miguel sobre identidade, representatividade negra e catolicismo, ele disse que tinha achado interessante a abordagem da pesquisa e me questionou sobre o que eu buscava compreender na capela, eu disse que queria entender: Como os fiéis negros da Capela de Nossa Senhora Aparecida constroem a sua identidade racial e se a representatividade da Santa ajuda nesse processo, se eles a exercem como negra e por extensão se reconhecem?

Ele olhou nos meus olhos e disse que acreditava que na igreja católica, o catolicismo não havia diferença entre pessoas brancas e negras, que todos eram considerados pessoas iguais na sua do catolicismo e na sua visão como padre, mas que não tinha como falar pelos outros, ele ressaltou que gostaria que eu fosse justa com o que observasse e falasse com honestidade.

A fala do Padre Miguel é complexa e repleta de nuances. Ao abordar o catolicismo, ele não se refere apenas à capela, mas à vertente cristã como um todo. No entanto, o Padre se contradiz ao afirmar que não pode falar em nome dos outros. Portanto, se ele não pode falar por outrem, não pode afirmar categoricamente que a Igreja Católica não faz distinção entre pessoas brancas e negras, visto que sabemos que a Igreja Católica apoiou a escravização dos povos negros africanos que foram retirados de seus países e condenou a escravização dos povos originários indígenas, falaremos de forma mais explicativa a baixo.

Para refletirmos adequadamente sobre as observações do padre Miguel, é necessário falarmos e contextualizarmos brevemente a respeito da história do Brasil, o nosso país. Desde cedo, ainda crianças ouvimos histórias sobre o nosso país e sobre os nossos ancestrais, essas histórias são contadas através da oralidade pelos nossos familiares e pessoas próximas e

também através dos estudos, da leitura, dos paradidáticos e livros de ensino.

Lembro-me de questionar frequentemente os professores de história nas aulas sobre o termo "descobrimento do Brasil". Quando eu era criança, esse conceito era amplamente mencionado nos livros didáticos, e eu não conseguia compreender como um país que já era habitado poderia ser "descoberto".

Diversos livros perpetuavam essa narrativa eurocêntrica, apresentando nossa história sob a perspectiva dos colonizadores portugueses e atribuindo-lhes o papel de protagonistas. Tal abordagem transmite a falsa ideia de que a chegada dos colonizadores portugueses representou um progresso para o Brasil, legitimando a colonização e a dominação europeia sobre as terras indígenas. Estas terras pertenciam aos nossos povos originários que já habitavam a região, possuindo cultura, cosmologias, moralidade e vivências/experiências/modos de viver e se relacionar.

A antropóloga Lilia Schwarcz e a historiadora Heloísa Starling, em sua obra "Brasil: Uma Biografia" (2015), relatam que, em 22 de abril de 1500 d.C., os colonos portugueses, liderados por Pedro Álvares Cabral, desembarcaram no Brasil com suas embarcações, transportando mais de mil pessoas. Esses colonos estavam em busca de novas rotas comerciais para expandir suas terras e explorar riquezas. Enquanto tentavam chegar às Índias e descobrir uma nova rota comercial para mercantilização, acabaram por aportar na região atualmente conhecida como Bahia.

Ao chegarem ao Brasil, perceberam que o território já possuía habitantes, ou seja, seus próprios povos originários, além de inúmeras riquezas naturais e uma vasta extensão territorial. De acordo com Schwarcz e Starling (2015), nos primeiros dias de presença portuguesa no Brasil, os colonizadores se aproximaram dos povos originários com curiosidade, tentando sondar os habitantes de forma interesseira, aproveitadora e ambiciosa. Os povos originários que habitavam a região de São Paulo até o Maranhão, incluindo todas as regiões litorâneas, como Porto Seguro na Bahia, eram os povos indígenas tupiniquins.

Contrariamente às narrativas romantizadas e eurocêntricas, esse contato inicial entre portugueses e povos originários foi marcado pelo desconforto, estranhamento, violência,

desconfiança e conflitos. Embora houvesse trocas simbólicas de presentes no primeiro momento, impulsionadas pela curiosidade dos povos, essas interações não foram harmônicas, mas sim conflituosas.

Os portugueses, ao chegarem a um território que não lhes pertencia, demonstraram ganância, arrogância e abuso de poder. Trouxeram inúmeras doenças desconhecidas ao território brasileiro, causando adoecimento na população indígena, além de promoverem guerras, genocídio, exploração e abuso de poder.

Segundo Schwarcz e Starling, ao perceberem que estavam em uma terra com vastos recursos naturais, os colonizadores entraram em contato com Portugal, enviando uma carta relatando e descrevendo o território brasileiro. Pero Vaz de Caminha mencionou na carta que não tinham certeza sobre as riquezas do Brasil, mas observaram que havia muitas pessoas precisando de "salvação".

Que tipo de salvação seria essa? Os habitantes do Brasil, povos originários e donos da terra, estavam em seu próprio espaço, realizando suas atividades rotineiras, organizando a sociedade com suas próprias regras e cultuando suas cosmologias. Eles não precisavam ser salvos; não eram os invasores. Na verdade, os verdadeiros invasores eram os colonos portugueses. A narrativa dos colonizadores como "salvadores brancos", responsáveis por "civilizar" o país, minimiza o sofrimento, as dores, as injustiças e as violências ocorridas durante o processo de colonização e exploração.

Cristóvão Colombo chegou às Américas por volta de 1492, bem antes de Cabral desembarcar em terras brasileiras. Ele também enviou uma carta a Portugal descrevendo o território e planejando transformar a terra em colônias, explorando os povos originários que ali se encontravam. Esta carta era muito semelhante àquela que Pero Vaz de Caminha escreveu ao chegar ao Brasil, conforme mencionado por Schwarcz e Starling (2015) a seguir:

Na carta que escreveu à Coroa, Colombo assevera que eles eram preguiçosos, andavam nus, eram carentes de vergonha, pintavam o corpo para a guerra e usavam apenas tatuagens, braceletes e colares para cobrir as intimidades. O argumento era

que os canibais estavam longe dos valores da humanidade ocidental mas poderiam ser úteis como bons escravos. Nas missivas que enviou, Américo Vespúcio também rearmava a presença de canibais na América. Uma suposta carta sua, endereçada a Lorenzo di Pierfrancesco de Medici, e publicada como livro sob o título *Mundus Novus* em 1504, tornou-se logo um grande sucesso, merecendo edições em diferentes partes da Europa. As observações de Vespúcio causaram ainda maior impacto que as de Colombo, uma vez que descreviam cenas de canibalismo a partir de testemunho pessoal do autor, e além disso eram ilustradas por gravuras. A argumentação convincente de Vespúcio, acompanhada de uma narrativa visual igualmente sedutora, contribuiu decisivamente para a difusão de uma representação negativa dos nativos americanos, como homens sem ordem e sem fé, sem noções de propriedade, território e dinheiro, ignorantes de instituições como a família e o casamento.¹ Ademais, vinculou-se a imagem da nova terra à de uma gente decadente. Aí estava outra humanidade, que parecia adormecida diante dos valores do Velho Mundo. As notícias que chegavam acerca dessa porção portuguesa das Américas, com sua natureza paradisíaca a contrastar com as práticas humanas consideradas diabólicas, acenderam também a imaginação europeia, e a ideia da existência de um território desconhecido aos olhos e ao coração abria outro capítulo na história da humanidade. (Schwarcz, L. M. e Starling H.M. (2015 p. 27) Brasil: Uma Biografia)

Observamos neste trecho citado acima a arrogância de Colombo ao considerar a civilização portuguesa superior aos modos de vida dos povos originários que habitavam a América. Ele repete inúmeras vezes que esses povos estavam distantes dos “valores de humanidade”, mas que seriam bons escravos. Colombo fazia tais afirmações porque as práticas culturais e sociais dos povos originários eram distintas das europeias, utilizando esse discurso para justificar seus atos cruéis de desumanização e tratamento das pessoas como objetos.

As historiadoras Schwarcz e Starling relatam que, logo após a chegada dos colonos ao Brasil, eles realizaram cerimônias religiosas cristãs com o intuito de aproximar os povos indígenas das crenças católicas. Os colonos objetivavam a conversão religiosa dos povos indígenas à religião cristã, impondo a cultura europeia, introduzindo-os aos modos de vida coloniais, diminuindo a resistência dos povos e facilitando o controle social.

Diversos missionários jesuítas vieram ao Brasil com o propósito de “catequizar” os povos indígenas. No entanto, sabemos que os povos indígenas foram forçados a aprender uma nova língua e uma religiosidade que não fazia parte de sua cultura ou interesses, pois já possuíam sua própria fé e línguas nativas. O termo “catequese” pode ser perigoso, pois pode sugerir um processo harmonioso de transmissão de fé, quando, na realidade, tratou-se de uma

imposição forçada de uma nova religião, crenças e processos culturais.

Essa imposição religiosa, visando o controle dos povos indígenas, resultou na destruição de inúmeros saberes, tradições, línguas, mitologias e outros elementos essenciais à identidade desses povos. Schwarcz e Starling citam que esse processo de “catequização” não foi pacífico, havendo muitas mortes dos povos originários que resistiram a tais abusos e práticas violentas de imposição religiosa. Além disso, os colonos possuíam ferramentas e armas que os povos originários não tinham acesso, dificultando ainda mais a luta pela sobrevivência.

É importante ressaltar que a Igreja Católica tinha um grande poder decisório na Europa monárquica e imperialista, influenciando diretamente questões econômicas, sociais, morais e políticas. Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling destacam que a Igreja Católica foi uma ferramenta direta, participativa e incisiva na consolidação do poder colonial.

No livro "O Povo Brasileiro", o antropólogo Darcy Ribeiro¹¹ (1996) apresenta uma discussão interessante. Segundo o autor, os colonizadores inicialmente não viam os povos originários como mão de obra escravista, pois acreditavam que eles não possuíam fé. Esta visão era baseada nas diferenças entre as crenças cosmológicas dos povos indígenas e as dos colonizadores. Assim, usavam essa perspectiva para justificar a colonização e a subjugação dos povos indígenas ao catolicismo, com o objetivo de dominar e explorar suas riquezas e territórios.

O antropólogo (1996) observa que a percepção sobre os povos originários passou por transformações ao longo do tempo, de acordo com os interesses econômicos dos colonizadores. Alguns colonizadores começaram a utilizar os povos originários como mão-de-obra escrava, especialmente na agricultura e na extração de matérias-primas, justificando essa prática com argumentos de que os povos originários eram seres humanos inferiores e preguiçosos, desumanizando-os e explorando-os.

¹¹ Darcy Ribeiro foi considerado um dos antropólogos mais reconhecidos no Brasil pelas suas obras que impactaram a sociedade, trazendo pontos de vistas que não eram abordados antes.

Os povos indígenas resistiram constantemente a essa dominação, resultando em diversos confrontos e atos de resistência contra os colonizadores que tentavam escravizá-los. Os colonizadores consideravam os povos originários difíceis de controlar, mencionando que eles adoeciam frequentemente e promoviam muitas revoltas.

Schwartz no seu texto “nome da obra”, conta que foi a partir de 1550 e aproximadamente por uma duração de 400 anos, diversos povos africanos foram sequestrados dos seus territórios, das suas vidas, das suas famílias e da sua cultura, foram trazidos para o território brasileiro e para outras colônias portuguesas que estava sobre domínio dos colonizadores escravocratas.

Os povos africanos que conseguiam sobreviver às viagens nos navios negreiros, em condições desumanas e cruéis, enfrentavam ambientes sem higiene adequada, superlotação nos porões, péssima iluminação, pouca ventilação e alta umidade, permanecendo sentados ou em pé durante meses. Muitos adoeciam durante o trajeto, e muitos não resistiam, vindo a óbito. Aqueles que chegavam às colônias estavam exaustos, sofrendo de dores físicas e psíquicas causadas pelos traumas impostos pelos sequestradores portugueses.

Após a chegada, os povos africanos eram vendidos pelos colonizadores aos senhores de engenho e forçados a trabalhar em jornadas degradantes. Muitas mulheres africanas eram vítimas de violência sexual perpetrada pelos proprietários de terras. Além disso, os africanos não podiam utilizar suas línguas de origem nem cultivar as suas religiões.

Refletindo sobre isso, é importante mencionarmos o livro "Discurso sobre o Colonialismo" do autor Aimé Césaire¹² (2023). O Césaire¹³ ressalta que a colonização

¹² Aimé Césaire foi um eminente poeta, dramaturgo e ensaísta martinicano. Ele é amplamente reconhecido como um dos principais fundadores do movimento da Négritude, devido ao seu interesse em recuperar a identidade cultural dos povos africanos que foram escravizados, bem como em proporcionar voz e ações de melhoria para seu povo. Além de suas funções intelectuais e de mobilização social, Césaire também desempenhou um papel de liderança política ao fundar um partido que buscava defender a liberdade, a independência e o socialismo não apenas na Martinica, mas de forma mais ampla.

¹³ O autor nasceu em Basse-Pointe, localizada na Martinica, uma ilha do Caribe. Ele discorre a sua terra que foi colônia europeia, especificamente da França, no século XVII, e permaneceu como colônia francesa até 1946. Dessa forma, o autor busca ser preciso e analítico em seus textos, relatando de maneira objetiva os acontecimentos decorrentes dos atos cruéis do colonialismo e do sistema escravocrata.

representou a desumanização tanto dos colonizadores quanto dos colonizados, caracterizando-se como um processo violento em que os europeus, que se vangloriavam de serem uma sociedade elegante e civilizada, cometeram atos de atrocidade e selvageria.

Os colonizadores europeus, sentindo-se superiores, não se preocupavam com as ações cruéis que cometiam contra os povos africanos, indígenas e asiáticos. É importante destacar que a colonização não foi um ato de evangelização, muito menos uma ação de bondade e filantropia para os povos originários, mas sim uma barbárie, um genocídio e uma descivilização.

Os povos que estavam sendo colonizados possuíam uma estrutura social e política, uma identidade e uma cultura, que foram destruídas quando a "civilização" branca chegou e roubou tudo o que eles tinham, inclusive os direitos básicos que todos os seres humanos deveriam possuir. A colonização foi um processo de violência, perda de identidade e sofrimento físico e psíquico para os povos indígenas e africanos. Os colonizadores europeus foram aos países africanos com o objetivo de conseguir "escravos", justificando seus atos cruéis através de interpretações bíblicas. Essas pregações e histórias eram racistas e tinham o objetivo de justificar a opressão e a violência contra os povos de origem africana.

De acordo com Césaire, não há justificativa para o colonialismo, e nenhuma forma de colonização pode ser considerada benéfica, pois todas deixam efeitos negativos duradouros que podem impactar as sociedades colonizadas por séculos, como no caso do Brasil, onde milhares de povos indígenas foram mortos, riquezas foram roubadas, e povos africanos foram escravizados e violentados. Esses efeitos são sentidos até hoje, incluindo o racismo que permeia as estruturas do país.

Ricardo Luiz de Souza, em sua obra “Catolicismo e escravidão¹⁴”: O discurso e a posse” oferece um aprofundamento sobre a discussão em questão. Souza¹⁵ (2024) relata que a

¹⁴O artigo foi publicado na revista da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), situada na Bahia.

¹⁵Ricardo Luiz de Souza é professor, pesquisador e historiador, especializado nas áreas de História das Américas, Religião e Catolicismo. Consideramos pertinente abordar a perspectiva desse autor, uma vez que o tema de sua pesquisa é estreitamente relacionado ao nosso, e, além disso, ele provém de uma universidade que compartilha

Igreja Católica pregava um discurso ideológico através da retórica, argumentando que os povos negros africanos eram desprovidos de fé, uma vez que, segundo a Igreja, eles não possuíam alma.

Os colonizadores católicos argumentavam que os povos africanos, por não possuírem alma, estavam sendo habitados pelo mal, por criaturas “demoníacas”. Essa visão cruel e desumanizadora gerou uma justificativa absurda para a escravização dos africanos trazidos da África. A retórica católica criou uma ficção na qual os africanos eram retratados como portadores do mal, algo que deveria ser combatido, legitimando assim a servidão forçada. Essa desumanização grotesca serviu como base para perpetuar a escravidão e os abusos cometidos contra essas pessoas.

Esse discurso, repleto de ideologias criadas para o benefício próprio da Europa e suas instituições, propagou a ideia racista e eugenista de que a população negra era inferior aos colonos brancos e, por isso, deveria pagar o preço por "carregar o mal", sendo a servidão esse preço. Os padres colonos acreditavam que os povos africanos deveriam ser moldados e controlados, pois a Igreja considerava que eles não poderiam obter a mesma salvação¹⁶ que os povos indígenas, que, segundo a visão dos colonos, possuíam alma, ao contrário dos povos negros.

Segundo Souza (2024), esse discurso é uma grande propagação de ódio. Para a instituição colonial católica, a escravização desses povos era benéfica para a Europa e, consequentemente, para a própria instituição religiosa, que financiou grande parte das viagens através dos navios negreiros para a exploração dos povos africanos.

De acordo com o antropólogo e professor Luís Tomás Domingos, em seu artigo "Entre Traumas e Estigmas" (ano), os colonizadores europeus foram aos países africanos com o objetivo de conseguir povos para serem escravizados. Eles justificavam seus atos cruéis utilizando histórias bíblicas erroneamente interpretadas por padres europeus para legitimar a

uma linha de pensamento semelhante à da UNILAB. A pesquisa de Souza se destaca por sua profundidade e por adotar uma epistemologia decolonial.

¹⁶Outra ideia equivocada da instituição de poder católica, eles insistiam que estavam trazendo a salvação dos povos indígenas, mas na verdade só estavam trazendo dor e sofrimento.

escravização. Essas pregações e narrativas tinham o propósito de justificar a opressão e a violência praticadas contra os povos de origem africana. Os missionários evangelistas europeus falavam sobre um mito relacionado à maldição de um dos filhos de Noé, Cam. Noé tinha três filhos: Jafé, Sem e Cam.

No livro do *Gênesis* (9,21-27) da Bíblia, Moisés relata que Noé se dedicou a lavrar a terra e plantou uma vinha. Como resultado de seu trabalho, produziu vinhos. Quando Noé estava na tenda, não se sabe exatamente em que condições se encontrava, pois Moisés não esclarece isso na passagem; ele apenas menciona que Noé estava em condições de nudez. Moisés não culpa Noé, e também não fica claro se ele estava apenas colhendo os frutos ou se estava em situação de embriaguez. O que se sabe é que Cam viu seu pai em uma situação em que não deveria tê-lo visto, o que foi interpretado como desobediência e falta de respeito.

Ao relatar o ocorrido aos seus irmãos, que estavam fora da tenda, eles decidiram não entrar e respeitar a privacidade de seu pai. Posteriormente, refletiram e resolveram entrar de costas, com as roupas de seu pai nos ombros, para não presenciar a nudez de Noé nem deixá-lo constrangido. No dia seguinte, ao saber o que havia ocorrido, Noé ficou chateado, irritado e indignado ao descobrir que seu filho Cam o havia desrespeitado/desobedecido. Então, Noé lançou uma maldição sobre o filho de Cam, pedindo a Deus que Canaã, filho de Cam, se tornasse o menor dos servos de seus irmãos.

Os missionários distorceram os fatos com o intuito de justificar os atos de escravização dos povos da África. Eles utilizaram essa passagem do "mito" da maldição de Cam e alegaram que os descendentes de Canaã seriam os povos da Etiópia, Sudão, Gana e os ameríndios. Assim, os povos da África seriam considerados descendentes de Canaã e, devido à maldição de Noé, seus descendentes estariam destinados a uma vida de servidão e escravização, pois suas terras seriam amaldiçoadas por Deus. Esses equívocos não estavam escritos nos textos bíblicos, mas eram constantemente disseminados por meio dos discursos argumentativos racistas dos missionários.

Podemos compreender que através dos estudos de história e da arqueologia de acordo com o Pesquisador André Chevitarese¹⁷ no seu artigo “Jesus de Nazaré: Uma outra história (2006), que não há indícios que Noé e seus filhos eram brancos, pois eles eram povos originários de terras afro-asiáticas, e o fato do filho de Cam ser de pele “negra” não se deu por conta da maldição, era uma questão de situação geográfica e também devido aos casamentos inter-raciais.

Chevitarese (2006) destaca que a Igreja Católica se beneficiou economicamente da escravização dos povos. O autor explica que a Igreja recebia inúmeras doações de proprietários/exploradores¹⁸ de pessoas que estavam sendo escravizadas, esses proprietários faziam doações através dos seus testamentos com a intenção de expiar os pecados cometidos. Além disso, a Igreja possuía uma participação direta na compra e venda de pessoas escravizadas, lucrando com a venda dos povos africanos e financiando as viagens cruéis dos navios negreiros.

O historiador também enfatiza que a Igreja Católica se apropriou dos povos africanos escravizados e os utilizava como mão de obra escrava para a manutenção de suas propriedades, atividades econômicas, produções agrícolas e construção de igrejas e capelas. Essa relação de poder entre a Igreja e o sistema colonial escravocrata fortaleceu a economia e a política da Igreja Católica, tornando-a uma instituição rica e com um alto poder de coerção e influência social.

Apresentamos esses autores para promover uma reflexão significativa sobre o passado, destacando a história de resistência e luta dos nossos povos e ancestrais. É importante enfatizar que, em nenhum momento, estamos criticando a fé católica. Nosso objetivo é realizar apontamentos históricos e antropológicos acerca da história do Brasil, da colonização e da escravização dos povos, cujos traumas reverberam até os dias atuais nos seus descendentes.

¹⁷ André Leonardo Chevitarese é professor titular da Universidade do Rio de Janeiro, onde atua no programa de Pós-Graduação em História Comparado do Instituto de História e no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional.

¹⁸ Quando falamos o termo “proprietários” estamos nos referindo às pessoas compravam e exploravam os povos que estavam sendo escravizados

Quanto ao depoimento do padre Miguel em relação à Igreja Católica promover a igualdade entre os povos e enxergá-los todos como filhos de Deus, não temos como ter certeza disso, pois isso dependerá do comportamento de cada instituição católica religiosa. Como vimos no tópico anterior, quando o interlocutor Augusto menciona que não se sentia bem em outras igrejas, podemos entender que cada igreja possui uma forma de se portar de acordo com as perspectivas dos líderes religiosos e dos membros que a compõem.

Historicamente, sabemos que a Igreja Católica foi uma ferramenta na manutenção e implementação do colonialismo, causando e reverberando dores e sofrimento para os povos originários e africanos. É importante salientar que não somos todos iguais, pois possuímos particularidades distintas e diferentes necessidades. Por essa razão, preferimos utilizar o termo *equidade*, que visa reconhecer as necessidades distintas de cada indivíduo e tratá-los de acordo com essas particularidades para alcançar um resultado justo.

Também é importante destacarmos que a Capela não faz parte dos Movimentos: Canção Nova¹⁹, Shalom²⁰ e nem Renovação Carismática²¹, sendo assim, eles não compartilham os mesmos objetivos de tais movimentos. A ministra da Paróquia relatou que a Capela faz parte da extensão da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Pobres e que eles são diocesanos. Todos os domingos, eu procurava chegar um pouco antes do início das celebrações religiosas para ter mais tempo para conversar com os fiéis e observar os detalhes ao meu redor. Em minhas conversas, alguns fiéis, como Rosa Maria, me diziam que não entendiam por que a Capela de Nossa Senhora Aparecida ainda não havia se tornado uma igreja de grande porte.

¹⁹ A Canção Nova é um movimento religioso associado à Renovação Carismática Católica, fundado em 1978 e sediado em Cachoeira Paulista, São Paulo. É amplamente reconhecida pelo seu sistema internacional de rádio e televisão, que tem como foco a realização de suas crenças e orações através da música e de veículos de comunicação como rádio e TV. Além disso, promove programas de evangelização, seminários e palestras.

²⁰ As igrejas associadas ao movimento religioso Shalom têm como objetivo evangelizar e ensinar os jovens sobre o catolicismo romano, buscando atrair aqueles que estão afastados da Igreja.

²¹ É um movimento da Igreja Católica que surgiu nos Estados Unidos e busca promover uma renovação espiritual da fé dos fiéis através de uma experiência individual e profunda com o Espírito Santo.

Ela mencionou que a capela atendia à maioria dos requisitos para se tornar independente da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Pobres, e, em sua visão, o que faltava era a disposição da arquidiocese em fornecer mais recursos, já que a capela possuía uma programação reduzida de missas devido a esses recursos limitados. O grupo do coral me chamou bastante a atenção, pois a maioria de seus membros fazia parte da mesma família. Os cantores, Dona Marília e Seu Alberto, são casados; seu filho Jonas toca violão e namora Jennifer, que toca teclado; e Dona Lourdes, já citada anteriormente neste capítulo, também é cantora e cunhada de Alberto. Todos se organizam e se revezam para servir e se integrar da melhor forma possível.

A família em questão é composta por pessoas negras: Seu Alberto é motorista de UBER²². Dona Marília trabalha com encomendas de doces e salgados, e seu filho Jonas é estudante do curso de Farmácia. Todos os domingos, eu estava na capela acompanhada de minha mãe, que ia fazer suas orações enquanto eu realizava minha pesquisa. Aos poucos, fui me aproximando das pessoas, e elas começaram a me conhecer melhor. Todos sabiam que eu era pesquisadora, e algumas senhoras me perguntavam sobre o que era a antropologia e o que eu iria escrever. Eu explicava que, na minha visão, a antropologia é o estudo dos modos de ser e agir, o estudo da vida e das experiências, e que eu iria escrever sobre histórias de vida.

Entre paredes de simplicidade, ergue-se uma igreja onde humildade e respeito se entrelaçam. Ali, almas se acolhem como velhos amigos, e entre essas paredes ecoam os nomes de nossos interlocutores: Padre Miguel, Augusto, Padre Wellington, Rosa Maria e Dona Lourdes. Cada um carrega consigo vivências únicas e histórias de vida, mas todos se unem com um propósito comum: organizar e administrar a igreja com todo o zelo de que são capazes. Todos os dias, essas pessoas mobilizadoras e devotas estão presentes, garantindo que a capela se mantenha viva e acolhedora.

Mesmo que as missas sejam realizadas apenas aos domingos, a capela permanece de portas abertas diariamente, Rosa Maria diz que a capela é aberta mesmo sem ter missa durante a semana para ser um refúgio para quem busca paz e reflexão. Embora a situação da igreja

²²

Meio de transporte privado que é solicitado através de uma plataforma de aplicativo

seja carente, com poucas comodidades e ventilação inadequada, o esforço coletivo desses indivíduos transforma a experiência religiosa em algo sublime. Assim, entre simplicidade e devoção, a igreja prospera, a interlocutora Rosa Maria sempre diz que a Capela é como farol de fé e esperança para todos que ali encontram abrigo.

Ao pensar na história da Capela e na construção que foi social é importante falarmos sobre as irmandades negras católicas. De acordo com a pesquisadora Ana Lúcia Sulina Bezerra em sua pesquisa intitulada “As irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Brasil: Identidade e Diferença Cultural no Rio de Janeiro” de 2009, ela destaca que as irmandades dos homens e das mulheres pretas foram um movimento agregador de sociabilidade, de representatividade e de construção da identidade do povo preto. Sendo assim, as pessoas negras que se uniam nas irmandades que eram formadas por todo Brasil, estavam tentando encontrar maneiras de preservar a sua ancestralidade, a sua existência em uma época de escravização, na qual o catolicismo foi implementado como religião dominante.

Por meio da irmandade as pessoas que estavam sendo escravizadas e as pessoas negras recém “libertas” colocavam alguns elementos, símbolos e rituais trazidos de suas sociedades africanas para as celebrações católicas, para as capelas e para as igrejas que com o pouco dinheiro que lhe eles conseguiam, eles juntavam e foram construindo as suas comunidades religiosas. O historiador e antropólogo Jaime Sodré afirma de acordo com o artigo de Sulina Bezerra (2009), que uma dessas igrejas que foram construídas por pessoas negras que estavam sendo escravizadas foi a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Salvador - Bahia.

O autor ressalta a importância cultural, religiosa e social da irmandade para a preservação da cultura dos povos negros e acredita que a irmandade dos homens e das mulheres negras era um Conforme o autor Roger Bastide (1971), o culto aos Santos Negros e a Nossa Senhora do Rosário ofereceram aos povos negros uma válvula de escape e uma alternativa de luta e esperança através das festividades e celebrações religiosas, mas também é importante resaltar que os escravocratas utilizaram a devoção das pessoas que estavam sendo escravizadas em relação a santa do Rosário uma ferramenta de controle e submissão.

Os europeus por muitos séculos utilizaram a religião católica e protestante como uma Ferramenta de controle para a manipulação das pessoas e para a manutenção da escravidão. Deste modo, eles acreditavam que os "negros" africanos eram povos inferiores e por isso mereciam estar aquelas condições cruéis e os tratavam como "animais", como "mercadoria", como "coisas".

Os povos africanos eram retirados da sua família, da sua terra, dos seus costumes e da sua identidade, e da sua língua de origem. Eles iam para outro território e viviam em uma situação desumana, os escravizados eram tratados e vistos pelos colonizadores como uma propriedade material e as irmandades dos homens pretos acabaram se tornando para eles um símbolo de fuga, esperança e resistência. espaço/movimento de resistência, de liberdade e de esperança.

No próximo e último tópico deste capítulo, discutiremos a Santa Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida. Abordaremos aspectos teóricos importantes para a compreensão de sua história e significância, além de trazer reflexões dos nossos interlocutores sobre o surgimento da Santa nas águas doces.

2.2 A Origem e os Milagres de Nossa Senhora Aparecida: A Santa Padroeira do Brasil

Na comunidade dos milagres há uma grande aproximação e devoção dos fieis em relação à santa, eles a celebram, olham para a sua imagem com muita emoção e fazem os seus pedidos. Elas acreditam nos milagres de Nossa Senhora Aparecida e acreditam na sua representação, na sua história de mãe protetora dos momentos difíceis e da guia nos momentos de resiliência. Todos os domingos uma pessoa da igreja é escolhida para receber a imagem da santa, geralmente a pessoa que é escolhida é aquela que está precisando de um olhar mais próximo da sua protetora, pois se encontram em um momento delicado, difícil e doloroso.

As pessoas que recebem a santa se sentem mais leves, sentem um apoio que só a sua fé pode explicar. Apoio que não posso descrever, mas que vejo em seus olhos todas as vezes que eles são chamados até o altar para receber a imagem da Mãe Negra. É assim que a

chamam de Mãe Negra dos Milagres e tem uma significação imensa para a comunidade que se mobilizou para construir uma capela com o nome dela.

De acordo com o escritor e jornalista Rodrigo Alvarez (2017), no seu livro “Aparecida: A biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil” Nossa Senhora Aparecida emergiu das águas no Brasil, em outubro de 1717, era um dia considerado festivo na vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, região que fazia fronteira com os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, hoje a vila, fica localizada na cidade de Aparecida do Norte, interior de São Paulo.

A população estava sob a influência, comando e controle da colônia portuguesa, era uma época de escravização dos povos que foram retirados violentamente das várias regiões, também estavam ocorrendo jornadas missionárias para a dominação, doutrinação e exploração dos povos indígenas. A vila de Guaratinguetá iria oferecer um banquete em homenagem ao governador da Capitania de São Paulo e de Minas Gerais. Os moradores se organizaram para fazer uma recepção ao colono, destinaram três pescadores com a tarefa de pescar os peixes para o grande banquete.

Segundo Alvarez (2017), os pescadores João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia estavam há um longo período no Rio Paraíba sem obter sucesso em suas pescarias. Exaustos e frustrados com a situação, lançaram novamente a rede de pesca. Ao puxarem a rede, perceberam uma grande dificuldade, pois esta estava muito pesada. Surpreendentemente, encontraram no interior da rede uma imagem de quase três quilos. Inicialmente, foi pescado o corpo de barro, e em uma nova tentativa, a cabeça da santa apareceu na rede.

Na parte da cabeça havia flores e um véu, no corpo era possível reparar que a santa estava com as mãos juntas, em posição de prece/oração, a imagem parecia já estava há muito tempo no rio, pois estava coberta de lodo e argila. De acordo com o escritor Alvarez (2017), os pescadores ao colocarem a imagem da santa no barco sentiram uma grande dificuldade de se locomover, pois a santa era bastante pesada, mesmo assim, continuaram em busca dos peixes e logo em seguida do aparecimento da santa os pescadores conseguiram pescar tudo

que queriam, assim, surgiu o primeiro milagre da santa.

Felipe Pedroso levou a Santa para sua casa e todos se reuniram para fazer preces e saudações, a notícia foi se espalhando e todos que moravam nas redondezas começaram a querer ver a imagem da Santa. Alvarez relata (2017) que a santa começou a se tornar popular entre os moradores da vila, todos queriam conhecer e fazer as suas orações envoltos da imagem da Santa que realizava milagres.

Na imagem da santa na parte da cabeça havia flores e um véu, no corpo era possível reparar que ela estava com as mãos juntas, em posição de prece/oração, a imagem parecia já estava há muito tempo no rio, pois estava coberta de lodo e argila. Nossa Senhora Aparecida passou a ser denominada dessa forma em função de sua aparição na vila, onde era acreditada como intercessora das causas impossíveis. A narrativa da Santa Aparecida, que emergiu das águas do rio Paraíba, se propagou por meio da tradição oral, sendo contada de pessoa a pessoa. Conforme destacado por Brustoloni J²³

Em sua obra “História da Nossa Senhora da Conceição Aparecida” (2020), a Igreja Católica sustenta que a Santa não era negra, e que a imagem encontrada representava Maria, mãe de Jesus. Brustoloni (2020) argumenta que, de acordo com a crença católica, Maria é única, mas realiza múltiplas aparições em locais onde sua intervenção é necessária. Estudos realizados por especialistas e artistas em esculturas e imagens permitiram concluir que a primeira imagem de Nossa Senhora Aparecida, encontrada no Rio Paraíba do Sul, foi esculpida na região de São Paulo, no Brasil, e representava Nossa Senhora da Conceição.

²³ Júlio João Brustoloni foi um padre missionário e teólogo. Dedicou grande parte de sua vida ao trabalho no Santuário de Aparecida, localizado no interior de São Paulo.

Foto 10 - Detalhes da Imagem simbólica de Aparecida



Fonte: imagem encontrada no endereço: [primeira imagem de nossa senhora aparecida encontrada no rio - Pesquisar Imagens \(bing.com\)](#)

O jornalista e escritor Alvarez (2017) destaca que a imagem de Nossa Senhora Aparecida era originalmente de cor clara. Ele argumenta que as condições de uso e o ambiente em que a imagem estava localizada antes de ser encontrada no rio podem ter contribuído para a alteração de sua cor, mencionando que a imagem pode ter entrado em contato com muitas velas e poeira. Alvarez ressalta que, quando a imagem de Nossa Senhora Aparecida passou a ser representada pela pele negra, ela se tornou um símbolo de resistência, luta e fé para muitos fiéis. Esta transformação gerou identificação com a forma como ela era representada e com sua história de realizar pedidos impossíveis.

Alvarez (2017) afirma que a representação da cor negra da Santa foi associada à identidade dos povos brasileiros, especialmente aos afro-brasileiros. Além disso, o autor ressalta que a simbologia de Nossa Senhora Aparecida com a pele negra representa uma

diversidade e pluralidade na fé católica no Brasil, transcendendo as representações brancas tradicionais e eurocêtricas.

Além disso, mesmo com o argumento da Igreja Católica de que a Santa Aparecida remete a Maria, mãe de Deus, e de que, para os católicos romanos, Maria é retratada como branca, a iconografia imagética de Nossa Senhora Aparecida é representada pela pele negra. Isso carrega a imagem do sagrado, de uma santa que realiza milagres impossíveis.

De acordo com Alvarez (2017), podemos afirmar que essa iconografia de Aparecida contradiz tudo o que a Igreja Católica pregava a respeito dos povos negros serem pessoas inferiores. Mesmo que, para o catolicismo tradicional, a santa remeta à imagem de Maria, no imaginário social de alguns povos, e através da iconografia religiosa simbolizada pela pele negra, a santa é considerada negra.

Podemos dizer que, para alguns agentes sociais, a Santa é branca, enquanto para outros, a Santa é negra. Para a maioria das igrejas católicas, a Santa é branca, mas ainda encontramos igrejas, geralmente em zonas periféricas, como a Capela de Nossa Senhora Aparecida, que possuem alguns padres e fiéis que acreditam que a Santa é negra. Ou seja, no imaginário social, há duas figuras simbólicas representativas: a Santa branca e a Santa negra.

O jornalista ressalta que a Santa Aparecida não simboliza apenas a crença católica, mas também a luta e a resistência de um povo que se identifica e crê na Santa. Rodrigo Alvarez (2017) nos conta que, com a popularização da Santa Nossa Senhora Aparecida, foi construída uma pequena capela, feita de pau-a-pique, no lugar onde a imagem surgiu. A cada milagre que a Santa realizava, mais fortes se tornavam as crenças de seus fiéis, e a Santa acabava atraindo milhões de pessoas peregrinas, vindas de todo o Brasil.

Hoje, na cidade de Aparecida, está localizado o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, no mesmo lugar onde se situava a pequena capela original onde os fiéis se reuniam. A Basílica de Aparecida é o maior templo católico da América Latina e o segundo maior templo católico do mundo.

A construção da capela maior, que deu origem à Basílica, foi uma iniciativa da comunidade, com colaboração na construção e doações. Isso me faz lembrar da Capela da Comunidade dos Milagres, que também foi impulsionada e criada pelas mãos da comunidade, embora possua uma estrutura bem menor em comparação à capela maior de Aparecida em São Paulo. O Santuário foi consagrado pelo Papa João Paulo II em 1980. A Basílica apresenta uma estrutura moderna, repleta de conforto e com uma atividade rotineira de peregrinação, acolhendo pessoas do mundo todo. Alvarez (2017) pontua que a Santa Aparecida, ao unir povos de diferentes origens sociais e econômicas, acabou se tornando um símbolo de identidade nacional.

A rainha negra, a santa negra, a mãe negra Aparecida achada nas águas doces de um rio que não possuía peixes, trouxe alimento, esperança, representatividade e força pois a milagrosa, a Maria do Brasil, a padroeira é celebrada no 12 de outubro, mesmo dia de Oxum. Com isso, O Padre Wellington, um dos padres da Comunidade dos Milagres, ao falar a respeito do surgimento da Santa Aparecida nas águas do Rio Paraíba, ele afirma que ela não apareceu por situações de acaso e que acredita que não foi o lodo e a argila que fizeram com que a santa tivesse uma pele negra/preta.

Wellington, conta que acredita que Nossa Senhora Aparecida sempre foi negra, que ele a enxergava como uma santa da pele negra e que ela era a sua mãe negra, Fiquei bastante atenta a conversa, fazia poucas interferências, só deixei ele falar, sem fazer perguntas para não interromper o seu relato.

Então, Padre Wellington, continuou relatando o quanto a cor da Santa é importante para a representatividade de um povo que carrega as dores e as marcas de um passado sofrido e traumático. O padre disse com muita empolgação e narrando a história com ânimo que Nossa Senhora “Mãe negra” como ele a chama, emergiu para salvar das águas do rio Doce para salvar as pessoas que estavam sofrendo e sendo escravizadas no Brasil.

Dito isso de acordo com a fala de Padre Wellington:

Nossa Senhora Aparecida é a nossa Mãe Negra, ela veio até nós em um cenário de escravização que infelizmente estava sendo ressaltado por líderes religiosos daquele tempo. A mãe negra veio para salvar o seu povo, para mostrar que todos somos amados por Deus independente da nossa cor, da nossa classe social e da nossa orientação sexual. Deus não liga para isso, ao julgar alguém pela sua cor estamos cometendo o pecado, eu sou um homem negro e me sinto representado e amado por minha mãe negra, e, assim como eu as pessoas que estavam sendo escravizadas também puderam se ver na Santa e voltar a ter esperança a mãe negra estava lá para os salvar” (Entrevista realizada com o Padre Wellington na festa dos 12 dias de Aparecida, entrevista realizada pela autora do trabalho e transcrição de áudio também feita por ela)

O Padre Wellington, disse com empolgação que gostava de falar a respeito desse tema, ao mesmo tempo, ele achava complicado, já que alguns líderes religiosos, não apenas da vertente do catolicismo, mas também de outras matrizes, afirmavam que não existia racismo em suas igrejas, e que, isso era um grande erro, pois o próprio catolicismo tinha surgido no Brasil em circunstâncias de escravização e ocupação de terras.

O discurso do padre Wellington possui várias nuances. Primeiramente, ele acredita que Nossa Senhora Aparecida é uma Santa Negra e reconhece que o Brasil passou por uma colonização cruel, intensa e desumana pelos povos portugueses, que reverberam inúmeras consequências. Entretanto, apesar disso, ainda é possível notar na fala de Wellington um certo romantismo, algo um pouco idealizado sobre como foi a resistência dos povos indígenas e africanos.

Ele pontua diversas vezes que a Santa Aparecida surgiu para salvar seu povo que estava sendo escravizado, mas não coloca como narrativa a luta dos povos e a resistência pela liberdade. Assim, ele atribui a salvação dos povos à Santa, algo semelhante ao discurso que os padres colonos utilizavam durante a colonização, ou seja, a ideia de que Deus, os santos e a Igreja Católica salvariam um determinado povo se eles seguissem suas regras sociais e normas de conduta, um discurso presente de forma incisiva no período em que o Brasil estava sendo explorado.

Wellington também menciona que é possível, atualmente, lutar contra o racismo, tanto nas instituições religiosas, além do catolicismo, quanto nas instituições sociais, econômicas e

políticas. Ele se vê como um homem negro e diz que, embora não possa fazer pelos outros, pode fazer sua parte na igreja. Dessa forma, ele busca fazer sua parte acolhendo e tratando todos com respeito, tanto nas suas missas nas capelas dos bairros vizinhos, quanto nas igrejas do bairro. Entendemos que Wellington queria dizer que ele se considera uma pessoa consciente a respeito da história do país, tentando falar sobre o que a Santa representa para ele como homem católico e negro, e demonstrando um descontentamento ao falar do racismo.

Wellington me perguntou se eu sabia sobre um dos milagres de Aparecida, a libertação de Zacarias, um homem que estava sendo escravizado em 1850 na cidade de Aparecida. Eu disse ao padre Wellington que não conhecia a história do milagre da libertação de Zacarias e, entusiasmada, pedi para que ele me contasse.

Ele relatou que Zacarias estava passando em frente ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, sendo segurado por um feitor, com as mãos amarradas. Estava muito cansado e pediu permissão para rezar para Nossa Senhora Aparecida, santa pela qual tinha uma aproximação sentimental. Ao iniciar suas orações, as correntes que prendiam suas mãos caíram, deixando-o livre. Wellington mencionou também que é possível ver essas correntes, que ainda existem e estão localizadas na sala dos milagres, na Basílica de Aparecida.

Fiquei reflexiva com a história e com as palavras de Wellington, surgindo cada vez mais perguntas em minha mente. Não podemos nos deixar induzir apenas pelo milagre e esquecer o papel da igreja na estrutura de poder e manutenção do colonialismo. Ao mencionar a história, Wellington descreve a igreja como um refúgio onde as pessoas que estavam sendo escravizadas pelos colonos iam para tentar ter um pouco de paz. Sabemos, porém, que a igreja não era um lugar de refúgio e propagava que os povos da África, que estavam sendo escravizados, não possuíam alma. Após a conversa com o padre, eu agradei a ele pela conversa e pela entrevista, e ele disse que tinha ficado feliz em poder compartilhar seus pensamentos e que estava ali para ajudar. Notei que realmente ele se sentiu bem em expor as suas opiniões e falar um pouco sobre o que seria a representação da Santa na visão dele.

Alvarez (2017) relata que, apesar de toda a admiração que os fiéis possuem por Nossa Senhora Aparecida, em 1978, a imagem original da Santa, encontrada nas águas doces, foi quebrada em pedaços por um homem que invadiu a igreja, dirigiu-se ao altar e destruiu a imagem com um pedaço de ferro em suas mãos. Para que a imagem não fosse totalmente perdida, foi iniciado um processo de restauração através do Museu de Arte de São Paulo. A imagem foi restaurada ao longo de cerca de dois meses, e a restauradora responsável pelo trabalho tentou ao máximo deixá-la o mais parecida possível com a original.

Alvarez (2017) afirma que, após esse incidente de destruição da imagem, a crença e devoção dos fiéis de todo o Brasil por Nossa Senhora Aparecida só aumentaram. A Santa passou a ser vista não apenas como intercessora das causas impossíveis, mas também como uma figura de resiliência e renovação.

No próximo tópico, abordaremos teorias importantes para o debate étnico-racial que permeia nossas discussões. Apresentaremos alguns autores de suma importância para uma breve reflexão sobre a questão do conceito de raça, o racismo na sociedade brasileira e seus desdobramentos. Ao explorar essas teorias, buscaremos proporcionar uma compreensão crítica e contextualizada dos fenômenos raciais, destacando as contribuições intelectuais desses autores e suas perspectivas inovadoras. Este tópico visa enriquecer o debate e ampliar o entendimento sobre as complexidades e nuances que envolvem o tema do racismo no Brasil.

2.3 Raça e Racismo: Teorias Fundamentais e Implicações Sociais

Como abordamos problemáticas relacionadas aos temas de raça, catolicismo, identidades étnicas e cultura, é imprescindível que realizemos um debate teórico, incluindo autores relevantes do campo antropológico. Como discutido nas seções anteriores, o poder da Igreja Católica Romana na Europa influenciou significativamente as construções morais e ideológicas, sendo vista como uma estrutura de poder e influência nas decisões políticas e econômicas. Nos discursos falhos e equivocados sobre a questão racial, a Igreja Católica acaba propagando preconceito, racismo e desumanização dos indivíduos que estavam sendo vítimas de situações de destruição dos seus territórios e identidades, desumanizando-os enquanto sujeitos sociais e individuais.

Para compreendermos melhor a questão racial e o próprio termo "raça", utilizamos como ponto de partida o autor e antropólogo Kabengele Munanga. Segundo Munanga (2003), a primeira definição de raça surgiu no campo das ciências naturais, sendo utilizada na zoologia e na botânica para classificar as espécies de animais e plantas. Entre meados dos séculos XVI e XVII, o conceito de raça começou a ser empregado para diferenciar classes sociais: os "nobres" e os "plebeus."

Os nobres acreditavam que possuíam sangue "puro" e que tinham nascido para liderar e comandar a sociedade, dominando a classe dos plebeus, composta por pessoas pobres e com poucos recursos. Enquanto os nobres nasciam e morriam ricos, os plebeus não tinham perspectiva de ascensão econômica e social, por mais que trabalhassem durante a vida. Assim, o conceito de raças "puras" foi utilizado para validar as relações de poder entre as classes sociais.

De acordo com Munanga (2003), com o avanço tecnológico no âmbito das ciências naturais e nas pesquisas de genética humana, foi possível constatar que a "raça" é um conceito falho e equivocado para descrever a diversidade humana. O conceito de raça é, na verdade, uma ideologia utilizada para separar, classificar e hierarquizar a humanidade. Biologicamente, existe apenas uma raça: a raça humana, que apresenta diferenças como cor da pele, dos olhos, dos cabelos e outros critérios de origem morfológica

Essas diferenças foram usadas como uma forma de separação, exclusão e desumanização de uma raça em relação à outra. As pessoas brancas eram consideradas superiores por alguns teóricos, teólogos e cientistas. Esses indivíduos, que se consideravam superiores, acreditavam que as pessoas brancas possuíam uma capacidade intelectual e psíquica maior do que as pessoas negras. De acordo com Munanga (200, no seu livro "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos"

O problema fundamental não está na raça, que é uma classificação pseudo científica rejeitada pelos próprios cientistas da área biológica. O nó do problema está no racismo que hierarquiza, desumaniza e justifica a discriminação existente. Há cerca de 40 anos geneticistas e biólogos moleculares afirmaram que as raças puras não existem cientificamente (cf. Jean Hiernaux, J. Ruffié, A. Jacquard, F. Jacob, etc.). Chegaram mesmo até a preconizar a eliminação do conceito de raça dos dicionários, enciclopédias e livros científicos como medida de combate ao racismo. (MUNANGA, 2006. pag. 08.)

É essencial falarmos também terminologia “raça” como um constructo social, o antropólogo Munanga (2023) aborda essa construção social da raça ao longo da história, foi utilizada para justificar várias atrocidades e genocídios ao longo do tempo.

O antropólogo (2013), propõe na sua abordagem teórica que o termo “raça” seja substituído pelo termo etnia, que possui como abrangência um conjunto de povos que compartilham a mesma linguagem, cultura, religião e ancestralidade. Sendo assim, etnia é um termo mais adequado e correto quando possuímos o objetivo de descrever a diversidade dos povos.

Lilia Schwarcz (ano,) na obra já mencionada nas sessões anteriores: Brasil: Uma Biografia (ano), a raça é um constructo social, mas através das suas discussões históricas ela tenta explicar como essa construção social foi utilizada e perpetuada para impor desigualdades e separar os povos. A historiadora aponta que a história do Brasil é marcada pela escravização e pela segregação racial e esses dois elementos contribuíram para a formação das relações sociais na nossa sociedade brasileira. Schwarcz critica fortemente a ideia que o Brasil é uma sociedade igualitária, até porque a colonização deixou inúmeras sequelas na nossa sociedade. Deste modo, ela não acredita que o Brasil possua uma democracia racial e que esse mito acaba mascarando intensas e profundas desigualdades sociais.

Essas desigualdades sociais reverberam até os dias de hoje conforme Florestan Fernandes, no seu livro “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”, aborda as dificuldades de adaptação que as pessoas negras viveram após o período de escravidão. De acordo com o autor (2008), quando os senhores de engenho perceberam que o modo de produção escravista já não estava dando “tanto lucro”, resolveram dispensar uma parte da mão de obra que estava sendo escravizada, antes mesmo do período de abolição, que ocorreu em 13 de maio de 1888.

Com isso, a população negra foi expulsa para a área periférica de São Paulo, alguns continuaram nas fazendas, por não terem como sobreviver em outro lugar, “trocando” o trabalho por comida e moradia. Já a população que estava nas cidades menores e com menos recursos em relação a oportunidade de emprego e com a esperança de um recomeço e de

perspectivas melhores de vida, uma grande parte das pessoas negras migraram para a cidade de São Paulo em busca de um trabalho livre, para poderem se integrar socialmente como cidadão e economicamente no meio social.

Sendo assim, eles continuavam lutando pela sua liberdade, pela sobrevivência e por direitos perante a lei em todos os ambientes sociais. Segundo o autor as pessoas negras lutavam contra o preconceito, contra a discriminação e tentavam ganhar o seu espaço, era uma luta e ainda é uma luta constante contra os privilégios dos brancos.

No início do século XX, chega em São Paulo uma quantidade considerável de imigrantes europeus, havendo um crescimento da população branca na cidade. Com esse crescimento populacional, acabou ocorrendo a intensificação das relações interétnicas, fazendo avançar o cruzamento entre as “raças”

O autor nos conta que as relações existentes na sociedade brasileira são relações de poder entre o dominante e o dominado, entre o opressor e o oprimido. Nessas relações de poder o opressor sempre é mostrado como alguém que é inteligente, culto, merecedor, capacitado e um exemplo a seguir e o oprimido é mostrado com uma imagem contrária a tudo isso.

Esse cruzamento entre raças pontuado por florestan Fernandes, também é conhecido como miscigenação. Com isso, Gilberto Freyre²⁴ apresentou no seu livro clássico “Casa grande e senzala”, a formação da sociedade colonial brasileira a partir de uma visão positiva da miscigenação. Ele acreditava que a miscigenação teria sido responsável pelo apaziguamento das diferenças entre os senhores de engenho e os escravos. Deste modo, o autor acabou trazendo aspectos significantes a respeito da cultura e do comportamento dos brasileiros, apesar das relações de poder desiguais e de uma escrita romantizada sobre o

²⁴ Essa perspectiva começou a ser superada através da semana de arte moderna, em 1922, quando apareceram novos conceitos a respeito do que é ser brasileiro. Na visão sociológica, o grande marco é chamado de geração de 1930. Um conjunto de sociólogos e historiadores vão repensar o que é o Brasil, criando novas interpretações sobre o que é ser brasileiro. Podemos destacar os três grandes representantes da geração de 30: Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. De acordo com Segundo ele Buarque de Holanda (2015), a formação do Brasil contemporâneo está relacionada com as origens da nossa sociedade brasileira, assim, estando atrelada à colonização, ao legado cultural, político e institucional. Assim o tradicionalismo brasileiro presente na política, vem de seu passado ibérico, ou seja, de suas raízes. O autor percebe ao longo da sua obra que a modernização é impedida pela herança de uma tradição Ibérica e que a absorção das instituições portuguesas, dotadas de uma historicidade própria, traz consigo uma incapacidade de mudança adaptativa às necessidades existentes.

processo de violência durante a colonização.

Tanto Munanga (2013) quanto Schwarcz (ano) sustentam que a miscigenação não mitigou nem eliminou os problemas de desigualdade, racismo estrutural e institucional, pois as barreiras sociais e econômicas ainda afetam a população negra. Schwarcz argumenta que Freyre deveria ter considerado as experiências de vida sob a perspectiva da população negra, o que poderia ter proporcionado uma visão mais crítica sobre a hierarquia das relações. Isso se deve ao fato de que havia, sim, uma diferença hierárquica nas formas de relacionamento, principalmente entre os descendentes brancos dos donos de engenhos e a população negra, que enfrentou uma vida de luta e sofrimento em decorrência dos efeitos da colonização.

Esse debate teórico introdutório nos remete à Capela da Comunidade dos Milagres, que foi construída com o objetivo de criar um ambiente de harmonia e conforto para que pessoas pobres e negras pudessem se relacionar e expressar sua fé. Augusto, assim como outros fiéis, relata que não se sente à vontade em outras igrejas, sentindo-se deslocado e observado.

O interlocutor menciona uma visita à Igreja da Glória, uma igreja mais sofisticada, construída em formato circular, com um extenso estacionamento e ar condicionado, localizada no bairro Cidade dos Funcionários. Nesse dia, Augusto percebeu que as pessoas o olhavam fixamente, como se houvesse algo diferente em sua roupa ou cabelo, embora não houvesse nada de especial. Esse olhar de estranhamento deixou Augusto confuso quanto ao seu significado; ele suspeitava que fosse um olhar de preconceito, mas não tinha certeza sobre a razão. Em momentos de reflexão, ele admitia que poderia ser um julgamento pelo fato de ele não se vestir tão bem quanto os outros fiéis.

Ao mesmo tempo, Augusto reconhecia que estava bem-vestido, com sua melhor roupa, e que antes do ocorrido estava feliz em ir à missa, pois gosta de fazer suas orações e se sente bem consigo mesmo. Mais tarde, ele me perguntou: "Você acha que me olharam assim por causa da minha cor?". Ele mencionou que não havia pensado nisso antes, mas ao relatar a história, essa possibilidade lhe ocorreu.

Não esperava o questionamento de Augusto, pois evito dar muitas opiniões sobre suas histórias, preferindo ouvir e deixar que ele fale, já que essa história é dele. Quando Augusto fez a pergunta, fiquei pensativa e demorei para responder, tentando encontrar respostas que

não o ferissem nem causassem desconforto ou sensação de melancolia.

O antropólogo Luis Tomas Domingos, em sua obra "Entre Estigmas e Traumas de Colonização e Escravidão: A Afirmação de Identidade Afrodescendente" (ano), analisa de forma aprofundada como a violência da escravização e da colonização afetou a construção da identidade afrodescendente e africana. A desumanização dos povos, aliada aos atos de violência, atrocidades e silenciamentos, deixou marcas profundas na construção desses sujeitos, tanto individual quanto coletivamente.

O autor menciona que essas atrocidades cometidas pelos colonizadores resultaram em uma amnésia cultural, levando muitos a esquecerem suas práticas identitárias e sua construção como sujeitos de origem africana, desconectando-os de suas origens e tradições culturais. Essa perda de identidade e conexão com seus ancestrais e origens teve como consequência a estigmatização da cultura africana, tanto pela sociedade dominante quanto, em alguns casos, pelos próprios afrodescendentes. Dessa forma, a falta de conhecimento e contato com as origens e a ancestralidade dificultou a autoafirmação identitária da população afrodescendente.

Discutir identidade pode causar desconforto, pois construir nossa identidade é um processo doloroso que implica uma ruptura entre o que éramos, devido às imposições sociais, e quem somos pelo nosso olhar individual sobre nós mesmos. Esse processo pode durar anos e, acredito, se estende ao longo de nossas vidas, exigindo constante reflexão sobre quem somos, enfrentando dores, preconceitos e imposições sociais.

Responder à pergunta de Augusto me fez refletir. Olhei para ele e perguntei: "Augusto, como você se vê?" Ele respondeu que se considerava um homem negro, embora não tivesse a pele tão escura quanto a do padre Miguel e a de dona Lourdes. Augusto mencionou que já sofreu preconceito por sua cor, mas também por ser pobre, o que o torna ainda mais vulnerável a preconceitos.

Eu disse a Augusto que o via como um homem negro e que vivemos em um país com uma colonização extensa, dolorosa e violenta, cujos efeitos ainda estão presentes na nossa sociedade e nos agentes sociais, incluindo o racismo. Afirmando que não havia nada de

errado com ele, expliquei que, muitas vezes, quando passamos por essas situações, pensamos que o problema está em nós, mas, na verdade, está no outro.

Disse a Augusto que não sabíamos ao certo o motivo dos olhares, mas que isso lhe causou desconforto e incômodo, levando-o a se questionar como homem negro de uma classe social pobre. Ressaltei que esses olhares não o definem e que ele é um homem negro se assim se sente, de acordo com sua construção identitária. A cor mais clara de sua pele, em comparação com a de dona Lourdes e Miguel, não o torna menos negro. Abordaremos essa questão de forma mais profunda e explicativa no próximo capítulo sobre identidade negra e histórias de vida.

Ao dialogar com Augusto, refleti profundamente sobre minha própria experiência. Já tive as mesmas dúvidas e questionamentos que ele apresentou. O processo de descoberta de minha identidade, definido por quem eu sou para mim mesmo e não pelo que os outros pensam, também foi uma jornada dolorosa, porém necessária, que me transformou completamente. Durante nossa conversa, Augusto revelou que se sentiu diminuído, desejando ir embora, profundamente incomodado, comparando-se a um animal sendo observado de forma incisiva. Esse sentimento é muito forte e doloroso; expressei a ele minha empatia e gratidão por confiar em mim para compartilhar sua experiência.

Para o antropólogo Munanga (2013), o racismo é um sistema estrutural repleto de opressões, baseado na crença em raças superiores e inferiores, uma perspectiva ideológica responsável por genocídios e violências ao longo da história. Racismo não é apenas um preconceito individual, mas sim um conjunto de práticas perpetuadas pelas instituições que formam nossa sociedade, gerando desigualdade racial.

Lilia Schwarcz (2017), em sua obra "Retrato em Branco e Negro" assim como Munanga, também vê o racismo como um fenômeno estrutural, enraizado em nossas instituições e práticas sociais. Deste modo, a historiadora acredita que o racismo é uma construção social utilizada para exploração, exclusão e domínio de determinados povos. Ela enfatiza que as imagens veiculadas na mídia, na religiosidade, na arte e na cultura em si acabam criando estereótipos raciais e moldando as narrativas sociais e simbólicas e isso contribui com uma naturalização do racismo e uma perpetuação do racismo estrutural.

Muitas vezes essas imagens acabam transmitindo uma ideia de racismo através de

suas representações, como por exemplo: representações de pessoas negras em novelas ou peças publicitárias como pessoas perigosas, exóticas e agressivas. Isso vai levando uma mensagem para sociedade em relação a um imaginário social e acaba contribuindo para o preconceito e a perpetuação de uma ideologia preconceituosa e excludente.

Essas imagens nas igrejas também passam um discurso perigoso e ideológico que pode perpetuar o racismo, por exemplo: quando a imagem do sagrado é representada pelo branco e a imagem do mal é representada por imagens pretas. Já vemos isso de forma diferente nas religiões africanas, o sagrado é representado pelas imagens negras, coloridas e vibrantes. Trazendo uma ideia de identidade, ancestralidade e pertencimento.

No próximo capítulo, analisaremos as trajetórias de vida dos interlocutores: Padre Miguel, Rosa Maria, Padre Wellington, Augusto e Dona Lourdes. Abordaremos suas histórias com um olhar atento, buscando compreender as particularidades de cada vivência. Além disso, discutiremos as experiências relacionadas à construção da identidade negra, enfatizando os desafios e as conquistas que permeiam esse processo.

Também examinaremos a representação da Santa, identificando o significado que ela carrega para a comunidade. E descreveremos a celebração dos 12 dias de Aparecida, destacando sua importância cultural e religiosa, bem como o impacto que essa festividade exerce sobre os fieis. Esse capítulo busca oferecer uma visão abrangente e aprofundada, enriquecendo o entendimento sobre as diversas facetas que compõem essa realidade.

3. TECENDO VIDAS: NARRATIVAS PESSOAIS EO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Neste último capítulo, começaremos abordando a celebração de Nossa Senhora Aparecida, detalhando a festa em homenagem à santa e como essa celebração proporcionou uma oportunidade única para uma análise aprofundada da comunidade. Descreveremos as atividades, rituais e simbolismos que envolvem essa celebração, destacando seu impacto na coesão social e na expressão de fé dos participantes. Exploraremos como a festa mobiliza a comunidade, fortalece laços e promove uma identidade coletiva baseada na devoção à santa padroeira.

Em seguida, conduziremos uma discussão detalhada sobre as cinco histórias de vida dos nossos interlocutores. Analisaremos como cada um deles percebe o mundo, constrói sua identidade e se posiciona perante a sociedade. Aprofundaremos nas trajetórias individuais, nas experiências compartilhadas e nos desafios enfrentados, evidenciando a diversidade de perspectivas e experiências dentro da comunidade. Além disso, examinaremos como as suas histórias pessoais refletem e dialogam com os temas de raça, identidade, representatividade e religião.

Por fim, refletiremos sobre a importância da construção representativa simbólica de Nossa Senhora Aparecida para a comunidade, explorando como a figura da santa transcende o âmbito religioso e se torna um símbolo de resistência, esperança e identidade para os fiéis. Concluiremos destacando as implicações de nossa pesquisa para a compreensão das intersecções entre religião, representatividade e identidade.

Anualmente, a Capela de Nossa Senhora Aparecida se prepara para os 12 dias de celebração em homenagem à santa. Embora a festividade ocorra apenas em outubro, a comunidade religiosa começa a se organizar cerca de dois a três meses antes. A celebração acontece de 1º a 12 de outubro, concluindo no dia da padroeira do Brasil. Durante esse período, as missas são realizadas diariamente, em contraste com o restante do ano, quando ocorrem apenas aos domingos. No entanto, devido aos compromissos do Padre Miguel com

outra paróquia, a Matriz Nossa Senhora dos Pobres, ele não consegue presidir todas as missas da festa e, por isso, convida padres de comunidades periféricas vizinhas para auxiliar.

Durante os 12 dias de celebração, diversas atividades ocorrem, gerando grande movimentação na capela. Quase todo o bairro participava, as missas eram realizadas ao ar livre. Os bares nas proximidades diminuíram o volume da música para não interferirem nas cerimônias, e os fiéis chegavam cedo, mesmo após um longo dia de trabalho. A comunidade é pequena, onde todos se conhecem e residem próximos à capela. Muitos se deslocam a pé, incluindo a pesquisadora, que residia em um bairro adjacente e ia e voltava a pé para casa. Durante as celebrações, as missas têm início às 19h, mas não possuem horário fixo de encerramento. Cada padre tem liberdade para conduzir a missa de acordo com seu planejamento.

O Padre Wellington iniciava a missa festiva percorrendo a praça, cumprimentando os fiéis e retornando à fila que leva ao altar montado na praça. Suas primeiras palavras eram de louvor à Nossa Mãe Negra do Brasil, destacando a importância de termos uma santa que representa o país. Seu discurso é social, acessível e descomplicado, repleto de conversas, conselhos, cânticos e saudações à santa, além de pedidos de proteção para a comunidade dos milagres.

Os fiéis se encantam, desejando estar próximos ao altar para receber a bênção do padre. A celebração não segue um roteiro tradicional; o Padre Wellington cita a Bíblia, mas também compartilha suas opiniões sobre diversos temas durante os sermões. Sua abordagem espontânea e sincera torna a missa mais envolvente, e os fiéis se sentem mais próximos de suas palavras. O início das celebrações sob a liderança do Padre Wellington trouxe tranquilidade aos fiéis, que estavam cansados devido à preparação de alimentos para venda no quiosque de comidas típicas e à organização de outras atividades, como bazares, rifas, sorteios e venda de viagens organizadas pela capela para a Basílica em São Paulo e Salvador.

Os fiéis se sentem mais à vontade com o Padre Wellington, considerando-o menos exigente e mais descontraído em comparação ao Padre Miguel. Miguel, por sua vez, é mais observador, metuculoso e segue um roteiro bem detalhado e tradicional em suas missas. Cada missa que ele realiza possui um significado profundo e, embora extremamente simpático, é uma pessoa reservada que evita falar de si mesmo. Quando questionado, ele conversa sobre

sua vida, mas sempre com atenção e cautela. Diferentemente do padre Wellington, Miguel não chama a Nossa Senhora Aparecida de Mãe Negra e também não a reconhece como uma santa negra, para Miguel nossa Senhora Aparecida é branca.

Os dois possuem abordagens e perspectivas distintas em relação ao catolicismo. Ao discutir sobre a questão do racismo no Brasil com o Padre Miguel, ele afirmou que não havia racismo na igreja e que o racismo não era tão presente na sociedade. Ele acreditava que havia pessoas negras ocupando inúmeros lugares, inclusive nas igrejas, escolas e instituições de justiça, e considerava o discurso sobre racismo repetitivo e redutor para as pessoas negras, uma vez que elas também possuíam poder.

No entanto, sabemos que a realidade é mais complexa. Embora existam pessoas negras em lugares de poder, elas ainda são minorias em comparação à quantidade de pessoas brancas. É perigoso afirmar que o racismo não é tão presente na sociedade, pois ele ainda é um crime que mata, exclui e causa muitos traumas. Esse discurso pode minimizar a preocupação da sociedade com temas relacionados ao racismo.

É possível que Padre Miguel tenha essa percepção devido à sua história de vida e à forma como construiu sua identidade. Para Stuart Hall (2006), a identidade não é fixa; é uma construção social que ocorre durante toda a vida do indivíduo, sendo afetada e moldada pela cultura, pelas regras sociais, pela classe social e pelas mudanças históricas. Assim, a identidade é um processo dinâmico e constante.

Este processo de construção de identidade é doloroso e pode gerar incômodo e desconforto, especialmente em uma sociedade marcada por preconceito, violência e desigualdade contra a população negra e indígena. Stuart Hall ²⁵(2006) destaca que a migração dos povos e o exílio também influenciaram a construção da identidade, resultando em uma identidade marcada pelo passado e pelo presente, que é fluida e transformadora. Os povos que foram escravizados já possuíam uma identidade, mas a situação de escravização e violência os afastou de sua cultura e língua, forçando-os a adotar novos hábitos de vida e novas formas de se ver e se portar no mundo. Esses modos de vida, linguagem e cultura impostos a eles modificaram sua identidade e a percepção que tinham de si mesmos.

²⁵ HALL, Stuart. A identidade em questão. *A identidade cultural na pós-modernidade*, v. 10, 2006.

Com o tempo, devido ao cansaço e aos traumas psíquicos e físicos, muitos se distanciaram de sua identidade anterior, chegando a não se reconhecer mais como antes e até a não gostar de quem eram. Em uma das celebrações da festa de Nossa Senhora Aparecida, ao conversar sobre a simbologia da santa, perguntei ao Padre Miguel sobre seus sentimentos em relação à santa e sua representatividade na construção da identidade negra. Ele respondeu que não se identificava como um homem negro e que todos são iguais perante Deus. Quando questionei se já havia ocorrido algum caso de racismo na capela, ele imediatamente afirmou que não, ressaltando que a Igreja Católica sempre pregou o amor.

Portanto, ele não reconhece a Igreja como uma instituição de poder que investiu na escravização e na manutenção do colonialismo. Ele acredita que a Igreja se opõe a qualquer forma de preconceito racial, embora saibamos que a realidade histórica do Brasil contradiz essa visão, uma vez que a Igreja Católica possuía pessoas escravizadas que trabalhavam para os padres e para as feiras. Hall (2006) argumenta que as representações simbólicas desempenham um papel crucial na construção identitária, sejam elas imagens, símbolos, histórias sobre nossos ancestrais ou representações culturais. Tais representações podem contribuir significativamente para a construção e reforço da identidade negra.

No entanto, para o Padre Miguel, Nossa Senhora Aparecida não é uma representação negra; ele acredita que a santa se refere a Maria, a mãe de Jesus, e, sob sua perspectiva, Maria era branca. Consequentemente, ele não acredita que a santa contribua para seu processo de construção identitária.

Quando questionei o Padre Miguel sobre sua própria identidade, ele, de maneira um tanto desconfiada e reflexiva, afirmou que se via como um homem que busca servir e amar a Deus e aos outros. Quanto à sua cor, disse que realmente tinha um tom de pele mais escuro, mas que todos no Brasil têm, e que ele não tinha problema algum com sua cor, que a amava.

Entendemos a fala de Miguel como um pouco confusa, pois, embora ele dissesse que amava sua cor, não a reconhecia ou se percebia como um homem negro em relação à sua

cultura, seus modos de vida e sua percepção de si mesmo no contexto individual e coletivo. Frantz Fanon (2008), em seu livro *Pele “Negra, Máscaras Brancas”* discute a internalização do racismo e como isso afeta na construção pessoal de identidade dos povos negros. O autor acredita que o colonialismo, a escravização e a opressão racial acabou fazendo com que muitos povos negros se questionassem do seu valor, internalizando os sentimentos de inferioridade ditos pelos discursos coloniais.

Frantz Fanon (2008) descreve o fenômeno da "máscara branca," que ocorre quando pessoas negras adotam uma "máscara" para serem aceitas e se sentirem pertencentes à sociedade branca. Ele argumenta que essa perda de identidade é uma tentativa de escapar da opressão, mas, paradoxalmente, perpetua ainda mais o racismo. Fanon (2008) critica essa negação da própria negritude, visto que resulta não apenas na perda de identidade, mas também na continuação da opressão racial. Para que o homem negro resgate e reconstrua sua identidade, Fanon defende que é necessário valorizar sua cultura, sua ancestralidade e sua percepção de si mesmo como um homem negro.

Por exemplo, em uma conversa com o Padre Miguel sobre sua identidade, ele afirmou que amava sua cor, mas não se via como um homem negro. Esse exemplo ilustra a complexidade da construção identitária e como a internalização do racismo pode influenciar a percepção de si mesmo. O reconhecimento e a valorização da própria negritude são passos fundamentais para a reconstrução de uma identidade autêntica e a busca pela verdadeira liberdade e dignidade.

O Padre Wellington, por outro lado, tem uma percepção diferente da de Padre Miguel. Para Wellington, Nossa Senhora Aparecida é uma Santa Negra que sempre esteve presente em sua vida, desde a infância, ele sempre teve a imagem da santa na sua casa e relata que sentia uma conexão e, dessa forma, se sente representado por ela, tanto pela cor de pele quanto por sua força em ouvir as pessoas que mais precisam. Apesar de Wellington reconhecer os efeitos da colonização e da escravização na sociedade, ele ainda acredita que a Igreja se posicionou como uma força de salvação, consolidando-se para ajudar. No entanto, sabemos que, antes de a Igreja estar presente de maneira consolidada nas terras do Brasil, ela já apoiava e investia na

colonização e que esse discurso de salvação também foi utilizado como ferramenta ideológica.

Enquanto Padre Miguel não se percebe como um homem negro, evidenciando a influência da "máscara branca" descrita por Fanon, Padre Wellington encontra na representação simbólica de Nossa Senhora Aparecida uma fonte de identificação e fortalecimento de sua identidade negra. Essas experiências distintas ilustram como a valorização ou negação da negritude pode impactar profundamente a construção identitária e a percepção de si mesmo e do mundo ao seu redor. Lembrando que cada um deles possui uma história de vida pessoal que será abordada de forma mais individual nos próximos tópicos.

Em outubro de 2023, decidi me envolver na organização da celebração da Capela para os 12 dias de festa de Nossa Senhora Aparecida. No dia anterior ao início das festividades, conversei com o Padre Miguel em seu escritório, perguntando como eu poderia ajudar durante os eventos. Percebi pelo semblante reflexivo do Padre que ele estava surpreso com meu interesse em colaborar. Ele me ouviu atentamente por alguns minutos, sem questionar ou interromper, demonstrando estar concentrado no que eu dizia e avaliando a viabilidade da minha proposta.

Após discutir minha ideia, Padre Miguel expressou felicidade ao ver meu engajamento na Capela. Ele afirmou que eu teria a oportunidade de obter uma visão mais fiel sobre a vida das pessoas e suas conexões com Nossa Senhora Aparecida e com a comunidade durante os 12 dias de celebração. Com um tom risonho, ele acrescentou: "quem sabe você também se torne uma devota de Nossa Senhora Aparecida, nada é por acaso e se você está aqui é porque ela permitiu."

Fiquei sem graça de discordar dessa afirmação, pois, mesmo sendo agnóstica e não possuindo uma religião, receava que, se eu manifestasse diretamente que não me tornaria católica, ele pudesse se chatear ou relutar em aceitar minha presença. Então, apenas sorri e disse que não possuía uma religião, mas que respeitava todas as experiências religiosas.

Miguel ainda naquele dia, 11 de outubro de 2023, me disse para ir até o pátio e conversar com uma das senhoras que estava responsável pela organização das equipes da festa e que ela iria me dizer qual seria as funções em que eu ficaria encarregada. Fui até o pátio e todos estavam bem concentrados, alguns estavam cortando tecido, outros estavam levando as panelas para a cozinha, outros estavam carregando cadeiras, tinha gente entrando e saindo, um grande movimento. Assim que fui pro pátio já notaram a minha “presença” já que eu era uma pessoa de fora que não estava engajada ainda em nenhuma equipe de organização da festa e, para além disso, todos sabiam que eu era pesquisadora.

Foto 11 - Imagem da Santa Negra no Pátio da Capela



Fonte: foto registrada pela autora.

Sabendo disso, um rapaz foi em minha direção e me perguntou se eu estava precisando de algo, eu disse a ele que estava procurando pela Dona Lourdes²⁶ e que o Padre Miguel tinha me dito que ela poderia me ajudar em relação a me colocar em algum grupo de organização da festa da Padroeira. Foi assim que esse rapaz gritou chamando a Dona Lourdes em direção ao outro lado do Pátio, meus olhos foram em direção a procura de Dona Lourdes, logo vi ela se aproximando super animada, com muita simpatia ela olhou e me perguntou como poderia me ajudar, me dei bem com ela desde o primeiro momento, ela já foi me chamando de “minha filha”, me acolhendo e me tratando com muita gentileza e boas vindas. Me senti pertencente ali, eu estava sendo inserida, minha pesquisa estava sendo abraçada e eu finalmente estava me sentindo confortável.

Dona Lourdes, uma Senhora com mechas loiras, com a pele negra retinta, sempre marcada pelo seu sorriso e pela sua proatividade em ajudar a todos. Difícil encontrar alguém que não a conheça, ela é tão popular quanto o Padre Miguel, os dois se ajudam, confiam um no outro e trabalham juntos para organizar a Capela. Segundo Miguel, dona Lourdes está na Capela a mais tempo que ele, ela nasceu na comunidade e sabe todos os detalhes da construção da Capela de Aparecida. Padre Miguel disse que eu iria aprender muito a respeito da Capela com a Dona Lourdes e que ela sabia detalhes da construção da comunidade religiosa que nem mesmo ele tinha conhecimento.

Fiquei animada que as coisas estavam fluindo, me sentia conectada com a Capela e com as pessoas que eu estava conhecendo, cada dia que passava eu sabia mais sobre aquelas pessoas e elas sabiam mais de mim. E isso sempre foi a minha maior motivação como pesquisadora, eu nunca quis falar por ninguém, nem nomear as pessoas, mas sim, falar com as pessoas, contar suas histórias na primeira pessoa, dar o destaque para elas e perceber o que nos aproxima e nos distancia. Não posso dizer que não fui afetada, desde o primeiro momento gostaria de dizer que sim, fui afetada e estou afetada, pois falo de vivências que também fazem parte de mim, me conecto com as falas dos meus interlocutores, me sensibilizo e tenho

carinho por todos eles.

Hoje escrevendo sobre tudo isso que vivi enquanto pesquisadora, percebo com mais reflexão/exatidão que a antropologia é realmente a vida, a forma de entender os modos de viver e de ser, mas não é fácil obter tamanha compreensão quando somos seres que nem sempre nos conhecemos com precisão, estamos em constante mudança, em constante processo de construção identitária e aprendizado sobre quem somos e em relação a forma que manifestamos as nossas ações no mundo perante as pessoas.

Ao conversar sobre a festa e a distribuição das tarefas com a Dona Lourdes, eu fiquei encarregada pelo Padre Miguel e pela Dona Lourdes para ajudar no bazar da Cidinha, que é um bazar que possui o objetivo de arrecadar dinheiro para a manutenção da Capela, todo o lucro obtido iria ir para as despesas diárias da Capela e também para as despesas da festa dos 12 dias de Aparecida. No dia seguinte cheguei à Capela no horário combinado, às 18 horas, a festa seria iniciada com um louvor e com uma grande missa na Praça da Capela e o Bazar ficava localizado do lado direito da praça, estavam posicionadas araras de ferro de roupas e algumas mesas de plástico para colocar as roupas.

Foto 12 - Bazar da Cidinha na festa dos 12 dias de Aparecida



Fonte: Foto registrada pela autor.

Me direcionei ao Bazar com uma sacola de roupas que tinha preparado para a doação, tinha selecionado algumas roupas minhas que estavam em bom estado e que eu não estava mais utilizando, coloquei tudo em uma sacola e levei. Notei que ao me dirigir em direção ao bazar muitas pessoas ficaram olhando para mim, elas estavam me observando levar as roupas, olhei e cumprimentei duas senhoras que estavam responsáveis pelo bazar, elas eram ruivas, com os cabelos da cor de vinho, cabelos curtos e brilhantes. Elas falaram que já tinham ouvido falar sobre mim através de Dona Lourdes e que estavam contentes que teriam ajuda de uma jovem com os cabelos repletos de tranças e ruivos que nem os delas.

Foto 13 - Mesa de roupas no bazar da Cidinha



Fonte: foto registrada pela autora

Nesse período eu estava de tranças *box braids* vermelhas e até brincávamos em um tom de descontração que éramos as 3 ruivas do bazar. Além delas, também haviam outras senhoras que estavam ajudando no bazar, as atividades iniciavam às 18 horas e se encerravam às 23 horas. Lembro que durante esses 12 dias, ao iniciar cada noite de festa levávamos todas as roupas doadas pelos fieis para a praça, organizávamos as roupas nos cabides, nas mesas e colocávamos as etiquetas com os preços de cada produto, vendíamos para as pessoas interessadas e depois guardávamos tudo que tinha sobrado para o dia seguinte.

Foto 14 - As simpáticas senhoras ruivas do bazar



Fonte: foto registrada pela autora

A rotina era cansativa, mas todos os dias elas estavam lá presentes organizando as roupas e tentando arrecadar um bom valor para a capela. As duas senhoras ruivas do Bazar são amigas pessoais de Dona Lourdes, elas possuem uma loja de roupas e sempre estão presentes na capela. Uma delas me contou que se sente muito cansada por toda a luta e batalha que ela possui em casa, pois o seu marido tem alzheimer e ela cuida sozinha dele e também trabalha durante o dia, então tem dias que ela se sente muito sobrecarregada por conta de tantas responsabilidades, ela disse que o que encontrava na capela era um refúgio e uma forma de ter esperanças de que as coisas na sua vida pudessem melhorar.

Ao discutirmos a representação de Nossa Senhora Aparecida, ela me contou que sempre pede ao Padre Miguel que a deixe levar a imagem para sua casa, razão pela qual ele a incluiu na lista. Ela relatou que, embora a santa não estivesse presente de forma material, ela estava presente de maneira simbólica, e ela sentia essa presença, sentindo-se ouvida e acolhida. Ao debatermos sobre a representatividade negra da Santa Aparecida, ela mencionou que, como mulher branca, sempre viu a santa como uma figura sagrada de pele negra e que,

para ela, Nossa Senhora Aparecida é a santa que mais representa o Brasil.

Quando eu a questioneei sobre o porquê ela considerava a Nossa Senhora Aparecida uma santa negra, ela me disse que era porque nossa Senhora Aparecida pertencia ao Brasil, era brasileira e a sua cor era referente a cor do povo. É interessante refletir sobre como cada pessoa possui um imaginário diferente em relação à cor da santa, seja branca ou negra, e como esse imaginário está intimamente ligado aos pressupostos e às ideologias de vida que cada indivíduo possui.

A percepção de uma mulher branca sobre Nossa Senhora Aparecida como uma figura negra proporciona uma rica reflexão crítica sobre identidade, representação e inclusão. Este fenômeno evidencia a capacidade da fé e da devoção religiosa de transcender barreiras raciais e culturais, promovendo um sentimento de unidade e pertencimento. Sendo assim, a aceitação de Nossa Senhora Aparecida como uma santa de pele negra por devotos brancos pode ser vista como um ato de reconhecimento e valorização da diversidade. Essa visão tem o potencial de desafiar e dismantelar preconceitos raciais, promovendo um entendimento mais inclusivo, representativo e pluralista da espiritualidade.

Contudo, é essencial considerar as dinâmicas de poder e os possíveis limites dessa representatividade. A adoção de figuras negras por devotos brancos não pode apagar ou resolver as desigualdades raciais históricas e as opressões sofridas pela população negra. É fundamental que esse reconhecimento seja acompanhado por uma conscientização crítica sobre as questões raciais.

A cada dia de celebração, enquanto eu ajudava no bazar da Capela, eu ia conversar com as pessoas sobre a representatividade da Santa. Foi assim que acabei me aproximando dos fiéis da Capela, fui conhecendo as pessoas de forma mais fluída, fui percebendo no dia a dia quem seriam as pessoas e as histórias que eu iria trazer na pesquisa.

Dona Lourdes e as duas senhoras ruivas do bazar iam me apresentando às pessoas, fui me enturmando, todo mundo estava me conhecendo, quando eu chegava à igreja vinham me receber com palavras calorosas de gentileza e abraço enquanto as missas ocorriam, às outras

atividades da celebração também seguiam em plena atividade: a venda de rifas, o bazar e a banca de comidas típicas. As senhoras ruivas e Dona Lourdes sempre me ofereciam algo, sempre buscando agradar com carinho. No bazar, elas traziam refrigerantes, doces e pratinhos de comida típica para mim. Com o tempo, criamos uma proximidade, compartilhando mais sobre nossas experiências de vida.

No primeiro e no último dia de celebração, foi o Padre Miguel quem presidiu a missa. Ele iniciou e encerrou a festa, sendo o responsável pela capela. Nos outros dias, ele convidava diferentes padres, e cada um celebrava a Santa de uma maneira única. Os temas principais durante as celebrações religiosas foram: individualidade e egoísmo; pecados e recomeços; família; celebração e saudação à Mãe Negra e a Deus.

No último dia de celebração, Padre Miguel permitiu que eu acompanhasse a missa no palco. Fiquei em silêncio, observando tudo. A igreja estava belíssima, repleta de flores amarelas, brancas e vermelhas. Todas as flores circundavam a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Quando a celebração terminou, Padre Miguel permitiu que as pessoas fossem até o altar e pegassem as flores para levar para casa. Foi nesse momento que muitos acabaram entrando em conflito, pois aqueles que não conseguiram pegar as flores tentavam tomar das mãos de quem já as tinha conseguido.

Foto 15: Afeto dos fiéis, rosas e Nossa Santa Negra



Foto: registrada pela autora

Nos próximos tópicos, dedicaremos uma análise detalhada e individual das histórias de vida dos cinco interlocutores selecionados. Cada trajetória será examinada com profundidade, destacando as experiências, desafios e conquistas que moldaram suas jornadas. Abordaremos aspectos pessoais e profissionais, procurando compreender as particularidades de cada interlocutor e como suas vivências influenciaram o processo de construção de suas identidades. Pontuando também como a representação da Santa Aparecida reverbera na construção da identidade de cada um.

3.1 Padre Miguel : O Mobilizador da Comunidade dos Milagres

Padre Miguel, aos 38 anos, é percebido por mim como um homem de pele negra. No entanto, quando conversamos sobre ancestralidade e representatividade negra, ele expressa de forma sincera sua visão sobre o assunto. No início da conversa, Padre Miguel revela que não

se vê como um homem negro. Ele reconhece que possui um tom de pele mais escuro, mas não acredita que essa característica o defina como uma pessoa negra.

Padre Miguel vem de uma família do interior, que sempre foi muito católica. Ele relata que, de uma forma ou de outra, seus caminhos sempre estariam entrelaçados com a fé. Desde criança, sentia uma grande vocação para ser padre e buscava se conectar com o mundo divino, assistindo preces e missas, estudando a Bíblia e fazendo suas orações regularmente.

A família de Miguel é diversa, formada por pessoas brancas e negras: sua mãe é negra e seu pai é branco. Ao falar sobre sua família, ele destaca que, segundo sua perspectiva e crenças, a cor da pele não é importante. Para ele, o que realmente importa é fazer o bem ao mundo e às pessoas. Padre Miguel acredita que todos somos iguais, com o mesmo potencial, e que aos olhos de Deus, a cor da pele não tem relevância.

O relato de Padre Miguel sobre sua visão da identidade negra oferece uma oportunidade rica para reflexão crítica, especialmente em relação às questões de identidade negra e ancestralidade. Primeiramente, ao declarar que não se vê como um homem negro, apesar de reconhecer a cor de sua pele, Padre Miguel revela uma internalização complexa do racismo.

Este fenômeno que também foi discutido no início do capítulo é explicado por Frantz Fanon (2008) em "Pele Negra, Máscaras Brancas", onde ele explica como a negação da negritude pode estar ligada a um desejo de aceitação pela sociedade branca ou então ser uma reação às opressões sofridas ao longo da vida do sujeito.

Além disso, a visão de Padre Miguel de que a cor da pele não importa e que o que realmente conta é fazer o bem ao mundo e às pessoas, embora nobre, pode ser vista como uma forma de ignorar as questões perpassadas pelas questões raciais.

Essa perspectiva, embora bem-intencionada, ignora as realidades sistêmicas do racismo que afetam as pessoas negras de maneiras profundas, violentas e muitas vezes invisíveis. Ignorar a importância da raça pode perpetuar as desigualdades e as injustiças que

persistem na sociedade, então não podemos dizer que todos nós somos iguais e que a raça não impacta o meio e as relações sociais.

Segundo Achille Mbembe²⁷ (2014) , em sua obra "Crítica da Razão Negra," a negritude vai além dos aspectos fenotípicos, envolvendo uma autoidentificação profunda e um reconhecimento das raízes africanas. A negação da própria negritude, como demonstrada por Padre Miguel, pode ser vista como resultado da internalização do racismo e da tentativa de se conformar aos valores da sociedade dominante. Essa perspectiva destaca a necessidade de uma reconexão com a sua ancestralidade para superar a alienação e valorizar a própria identidade negra, pois o processo de construção de identidade acontece de fora para dentro e de dentro para fora, ou seja, ocorre através do meio individual e coletivo,

Também temos que situar o lugar onde o sujeito fala, esse lugar é a instuição da igreja católica, Padre Miguel é o responsável pela Capela de Aparecida, sendo assim, ele está inserido em um contexto que historicamente utilizou a religião como ferramenta de dominação, mas que também tem o potencial de ser um espaço de resistência e representação social através da construção da identidade dos sujeitos.

Miguel não gosta muito de falar de sua infância, ele teve uma infância muito pobre e não gosta de entrar nesse assunto e nem falar muito sobre o passado. Nós pesquisadores não podemos forçar um determinado assunto quando o interlocutor não se sente à vontade, pois isso pode desencadear gatilhos de traumas e dores do sujeito. Acredito que seja por isso que ele não se reconheça como um homem negro, por conta da sua infancia difícil que deixou marcas em relação a como ele identifica.

3.2 Augusto : O reconhecimento de si, a força e a resiliência

Augusto, um homem negro de 33 anos, é alguém cheio de sonhos, entre eles se tornar professor de educação física. Desde jovem, ele desejava cursar uma faculdade e, agora, seu maior objetivo é concluir o ensino médio para seguir adiante com seus estudos. Ele vive com

²⁷ MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. 1ª edição. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

sua mãe, ela é cozinheira e sustenta a casa com um salário mínimo. Para complementar a renda, Augusto trabalha como vendedor e entregador.

Ele gostaria de ter mais tempo para se dedicar aos estudos, mas enfrenta desafios significativos. Sua mãe, sozinha, não consegue arcar com todas as despesas da casa, especialmente porque eles cuidam do avô, que sofre de Parkinson. A doença exige cuidados diários e atenção constante, e o avô de Augusto tem dificuldades de locomoção e alimentação. Augusto e sua mãe se revezam para cuidar dele, fazendo o possível dentro de suas limitações.

Quando a mãe está no trabalho, Augusto assume a responsabilidade de cuidar do avô, e, quando ele precisa trabalhar, sua mãe cuida do avô. A vida de Augusto é repleta de desafios e responsabilidades, mas ele sempre mantém um sorriso no rosto e está disposto a ajudar os outros. Devoto de Nossa Senhora desde a infância, ele participa do grupo de acolhimento da igreja e sempre está na porta da Capela recebendo cada fiel com um sorriso no rosto.

Augusto revela que Nossa Senhora sempre cuidou dele, especialmente nos momentos em que enfrentou rejeição e preconceito devido à sua classe social, questão racial e sexualidade. Augusto, que é homossexual, relata que, na igreja, ninguém comenta ou opina sobre sua orientação sexual, pois ele acredita que isso é um assunto particular, não cabendo discussão coletiva ou religiosa.

Descrevendo-se como um homem de personalidade forte, Augusto afirma que ninguém o critica, pois sabe que ele não ficaria calado diante de comentários negativos. Quando conversamos sobre o que Nossa Senhora Aparecida representa para ele, Augusto destaca que ela simboliza resiliência e coragem. Essa devoção lhe dá forças para enfrentar as adversidades com determinação e esperança, sempre buscando realizar seus sonhos e contribuir para o bem-estar de sua família e comunidade.

Augusto também falou sobre as situações de preconceito racial que enfrenta. Ele conta que, nesses momentos, pede forças a Nossa Senhora Aparecida para que o abençoe e proteja. Em inúmeras ocasiões, quando visitava outras igrejas para assistir às missas, sentia-se mal, com medo e receio ao perceber que as pessoas o encaravam de maneira fixa, o que ele

interpreta como uma manifestação de racismo. Augusto acredita ser uma pessoa comum e que não há nada de errado com ele para ser tratado de forma a fazê-lo sentir-se diminuído ou não pertencente.

Ele relata que tem orgulho de sua cor, de sua origem e de sua sexualidade e que, mesmo com os preconceitos diários que sofre, em nenhum momento deixará de ser ele mesmo. Augusto também conta que não deixará de manifestar suas crenças religiosas, independentemente de isso gerar incômodo em outras pessoas. Ele enfatiza que, na Capela de Nossa Senhora Aparecida, todos o conhecem e o respeitam, mas que é comum enfrentar essas situações de preconceito em outras comunidades religiosas que frequenta ocasionalmente.

O relato de Augusto expõe claramente as situações de preconceito racial que ele enfrenta, especialmente quando visitava outras igrejas. O fato de ser encarado de maneira fixa é uma manifestação de racismo que o faz sentir-se diminuído e não pertencente. Essa experiência reflete a realidade de muitos de nós, apesar de não haver nada de errado conosco, em muitas situações somos tratados de forma discriminatória.

A devoção de Augusto a Nossa Senhora Aparecida é uma parte importante de sua identidade. Sua fé lhe proporciona força e resiliência, especialmente nos momentos de rejeição e preconceito. No entanto, é interessante notar a diferença de tratamento que ele recebe na Capela de Nossa Senhora Aparecida, onde é respeitado, em comparação com outras comunidades religiosas, onde enfrenta preconceito. Isso sugere que a construção da identidade religiosa de Augusto está ligada à aceitação e ao respeito que ele encontra em seu espaço de fé.

Para Sueli Carneiro (2015), a interseccionalidade é um termo importante para entendermos como as opressões sociais não se manifestam de forma isolada, ou seja, a interseccionalidade seria então uma integração de formas de opressões, essas opressões podem ser entendidas como um sistema de desvantagem e desigualdade para determinados grupos sociais. Ela utiliza esse termo: interseccionalidade de forma densa na sua obra “Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil”. No caso de Augusto podemos dizer que ele sofre uma série de preconceitos marcados pela combinação de racismo, homofobia e

classismo. Augusto enfrenta múltiplas formas de opressão que se sobrepõem.

A dinâmica familiar de Augusto, especialmente o cuidado mútuo entre ele, sua mãe e seu avô, também contribui para a construção de sua identidade. O apoio familiar e o sentido de responsabilidade fortalecem sua identidade. Augusto possui orgulho de quem ele é, da sua cor, origem e sexualidade, sendo assim, mesmo com todas as opressões sociais ele não permite que o preconceito o impeça de manifestar quem ele é de verdade.

3.3 Rosa Maria: Traumas que reverberam em marcas

Rosa Maria é conhecida por todos na capela por suas opiniões excêntricas e sempre participa das celebrações e da organização da igreja. Ela tem 65 anos, é uma mulher branca, viúva e mãe de dois filhos. Rosa relata que sua vida sempre foi muito difícil. Nascida no interior, ela tinha poucas ambições, mas desejava uma vida confortável, uma família e tranquilidade.

Ela me contou que, quando se apaixonou pelo marido, a situação foi conflituosa, pois sua família não o aceitava. Ela enfatizou que eles não gostavam dele por ser negro e não aceitavam, de forma alguma, que Rosa Maria tivesse um relacionamento com ele. Sentindo-se sem opções, Rosa decidiu se mudar, sair do interior e vir para Fortaleza para viver seu amor, procurar um bom emprego e ter a vida que escolheu. Em Fortaleza, Rosa constituiu uma família com dois filhos, tornou-se secretária e seu marido passou a trabalhar na construção civil.

No entanto, sua família cortou todos os laços com ela por ter saído do interior, e Rosa não tinha notícias de seus parentes, amigos, e nem eles a atendiam ou visitavam. Com o tempo, ela se sentiu consumida pela culpa de não ter encontrado uma solução que permitisse a convivência harmoniosa de todos.

As brigas entre ela e o marido começaram a surgir, e, por vezes, Rosa culpava o esposo por tê-la feito partir. Ela relata que sempre se interessou por homens negros e afirmou que não se casaria com um homem branco sem gostar dele. Com palavras fortes, Rosa me disse que amava o marido, mesmo ele sendo um homem negro.

Durante a conversa, Rosa mencionou que seu casamento foi repleto de mágoas e ressentimentos, e que ela sofreu muito durante os 42 anos em que esteve casada, incluindo episódios de infidelidade do marido. Ela descreveu situações muito dolorosas de traição que não cabem ser detalhadas aqui. Rosa me contou que um de seus filhos, que herdou suas características, mora com ela e a ajuda sempre, enquanto o outro, que se parece com o pai, mantém-se distante e tem pouca proximidade com ela. O filho mais novo, que é branco, é próximo de Rosa, enquanto o filho mais velho, que é negro, é mais distante.

Ao mencionar Santa Aparecida e perguntar se Rosa Maria é devota, ela respondeu que sim. Rosa disse que Nossa Senhora Aparecida lhe deu forças para enfrentar as adversidades e não desistir, apesar de todas as dores que suportou. Ela repetiu várias vezes que, mesmo sendo negra, a Santa é alguém com quem se identifica e gosta. Esta fala se repete quando ela se refere ao marido. Rosa Maria tem algumas falas de preconceito e gosta de dar opiniões para os demais fieis, mesmo sem ser solicitada.

Podemos entender que o trauma e a rejeição familiar afetam profundamente a Rosa Maria, levando-a a internalizar preconceitos como o racismo e a lutar para reconciliar suas identidades conflitantes: a mulher que ama o seu marido e aquela que não o enxerga verdadeiramente como um homem negro. O relato de Rosa Maria é um exemplo complexo de como o racismo estrutural citado durante essa pesquisa pelo autor Kabengele Munanga e cultural também devido aos traumas coloniais e as opressões que se manifestam na vida das pessoas.

Pensando em uma perspectiva de trauma das violências e opressões que o povo brasileiro carrega desde a colonização, podemos pensar na teoria de Fanon, ou seja, de acordo com o autor o preconceito racial colonial acaba fazendo uma desumanização das pessoas negras, essa desumanização ocorria pelos olhares dos familiares de Rosa Maria quando não aceitavam o seu casamento, eles se sentiam superiores e Rosa Maria, apesar de seu amor, não consegue se desvencilhar completamente dessas influências, fazendo com que até os dias de hoje isso ainda altere a sua vida, pois ela e o seu filho mais velho possuem um distanciamento e isso pode se dar por conta de mágoas que ele possui de sua mãe.

A identidade de Rosa Maria é moldada por suas experiências de discriminação racial e de classe, bem como por sua relação com a família e a sociedade. Sua devoção religiosa e suas responsabilidades familiares também desempenham um papel crucial na construção de sua identidade de acordo com a teoria de Stuart Hall (2006).

3.4 Padre Wellington: Família, cultura e religião como potencializadora da identidade Negra

Assim como o Padre Miguel, o Padre Wellington é frequentemente mencionado ao longo dos capítulos desta pesquisa. Ele é um padre engajado, que procura estar sempre presente nas celebrações, conversa com os fiéis, é despreocupado e geralmente exibe uma atitude tranquila. Vindo de uma família negra, Wellington relata que, durante toda a sua infância, sempre teve interesse em conhecer mais sobre sua cultura e os costumes familiares. Ele menciona que a música era um dos elementos que os aproximava, ouvindo Alcione todos os domingos, adorando samba, e apreciando a animação de ver sua casa repleta de pessoas.

Padre Wellington, com 35 anos, é considerado um padre jovem. Durante as conversas sobre sua história de vida, ele sempre enfatiza o quanto se sente bem com sua cor e que ama seus traços. Embora atue na comunidade vizinha, sempre que possível, está presente na Capela de Aparecida, auxiliando seu amigo Padre Miguel e participando das atividades rotineiras da capela.

Como mencionado nos capítulos anteriores, Wellington acredita firmemente que Nossa

Senhora Aparecida é negra e se posiciona contra qualquer manifestação de preconceito racial. Ele defende abertamente a necessidade de discutir racismo e representatividade negra, reconhecendo que o racismo está profundamente enraizado na sociedade.

Apesar de seu discurso confiante e consciente sobre a exclusão e desigualdade social, carregando um histórico de luta contra as opressões causadas pelos colonizadores, ele ainda adota um discurso de salvação. Para o Padre Wellington, Nossa Senhora Aparecida surgiu no Brasil para salvar os povos escravizados. Ele elogia o catolicismo e admira a instituição religiosa por ter a simbologia de Nossa Senhora Aparecida como uma santa negra, representando a mãe de todos os brasileiros.

No entanto, o discurso de Wellington sobre a salvação dos povos é problemático. Segundo Lilia Schwarcz, em sua obra "Brasil: Uma Biografia", esse discurso ideológico religioso favoreceu a Igreja como uma grande instituição de poder econômico e controle social. Quando o padre afirma que a santa surgiu para salvar o povo, ele omite o papel da Igreja Católica, que já estava presente e colaborava para o processo de violência contra esses povos. Embora Wellington acredite na salvação divina proporcionada pela santa, ele não reconhece que a própria instituição religiosa colocou esses povos em perigo.

Wellington vê a santa como uma figura agregadora em sua construção identitária, mas há uma idealização excessiva. O padre a admira tanto que a responsabiliza pela salvação e libertação dos povos escravizados. Sabe-se, entretanto, que não houve uma manifestação divina que os salvou; o que ocorreu foi uma intensa luta, confrontos, genocídios e muita resistência para que os povos pudessem voltar a cultivar sua religiosidade e reconectar-se com sua ancestralidade.

Essa análise crítica do discurso de salvação do Padre Wellington mostra a complexidade das identidades e a necessidade de reconhecer as lutas e resistências históricas que marcaram a trajetória dos povos negros no Brasil. Padre Wellington constrói sua identidade através de uma forte conexão com suas raízes culturais e familiares. Sua apreciação pela música e pela cultura negra desde a infância, como ouvir Alcione e adorar samba aos domingos, fortalece sua identidade racial e cultural. Ele expressa um orgulho claro por sua cor e seus traços, o que é uma manifestação de resistência contra a opressão racial.

Padre Wellington constrói sua identidade através de uma combinação de orgulho

cultural, engajamento comunitário e resistência ao racismo. Utilizando as perspectivas teóricas de Sueli Carneiro²⁸, Frantz Fanon²⁹, Lilia Moritz Schwarcz³⁰ e Stuart Hall³¹ Podemos ver como ele navega pelas complexidades das opressões para construir uma identidade forte. Sua luta contra o racismo e sua devoção a Nossa Senhora Aparecida são centrais para essa construção, apesar das nuances problemáticas em seu discurso de salvação.

A insistência de Wellington no discurso de salvação pode ser vista como parte da construção de sua identidade, onde elementos de esperança e tradição religiosa são integrados à sua forma de se ver e ser visto no mundo, ou seja, a forma como ele constroi sua identidade. Levando em conta que ele não faz um mergulho histórico e nem tenta entender as questões que estão por trás desse discurso de salvação

3.5 Dona Lourdes: Representatividade e cuidado

Dona Lourdes é uma das pessoas mais acolhedoras que tive o prazer de conhecer na capela. Sensível e muito gentil, ela tem 45 anos e é uma talentosa artista que canta magnificamente. Durante nossas conversas e entrevistas, ela revelou que sempre sonhou em ser cantora, mas acabou se tornando professora de escola pública e faz parte da tesouraria da igreja. Dona Lourdes cresceu no bairro, e toda a sua família contribuiu para a construção da igreja. Seus filhos frequentam a capela, e ela é extremamente carinhosa e sensível com todos, além de ser profundamente devota de Nossa Senhora Aparecida. Lourdes acredita que a santa sempre a acompanha, transmitindo-lhe segurança, confiança e bênçãos.

Dona Lourdes aprecia ver todos bem e está sempre disposta a ajudar, ouvir os outros e buscar soluções. Por isso, ela é uma figura tão procurada na igreja quanto o Padre Miguel. Além disso, Dona Lourdes participa ativamente do grupo de liturgia e canta regularmente na igreja, o que, segundo ela, anima as missas.

²⁸CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.

²⁹Fanon, F. (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. (Renato da Silveira, Trad.). Salvador: EDUFBA. (Obra original publicada em 1952).

³⁰SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

³¹HALL, Stuart. A identidade em questão. **A identidade cultural na pós-modernidade**, v. 10, 2006.

A trajetória de Lourdes sempre esteve vinculada ao cuidado. Ela contou que sua mãe lutou para se tornar professora e lhe proporcionar uma vida melhor. Dona Lourdes conseguiu fazer o mesmo por seus filhos e hoje também é professora, assim como sua mãe. Para ela, a santa simboliza amor. Lourdes afirmou que adora sua devoção à Nossa Senhora Aparecida e que sempre ouvia seus chamados. Ela acredita que a representação da imagem da santa contribui para o processo de construção de identidade negra. Lourdes vê a santa como negra, acredita que ela não era branca e que tem o poder de manter a igreja integrada e unida.

Lourdes se reconhece como uma mulher negra e acredita que a representação de Nossa Senhora Aparecida como uma santa negra é crucial para a integração e união da comunidade. Apesar de ter enfrentado preconceitos devido ao seu tom de pele retinto, ela desenvolveu uma forte consciência de si mesma e do poder que possui, não permitindo que os preconceitos a abalem.

Seu envolvimento na igreja, tanto na organização quanto no grupo de liturgia, reflete seu desejo de contribuir e apoiar sua comunidade. Lourdes é uma figura central e procurada, conhecida por seu acolhimento e disposição para ajudar os outros. Stuart Hall (2006), um dos principais teóricos, argumenta que a construção da identidade ocorre através da cultura. Dona Lourdes encontra na devoção a Nossa Senhora Aparecida uma fonte de identidade e força. A representação da santa como negra ajuda a reforçar a identidade cultural e religiosa de Lourdes, conectando-a a uma história mais ampla de resistência e solidariedade.

Ao reconhecer e afirmar sua identidade negra, Lourdes está continuamente moldando sua própria percepção e a percepção que os outros têm dela. Ela não apenas se reconhece como negra, mas também valoriza essa identidade, especialmente em relação à representação religiosa de Nossa Senhora Aparecida.

De acordo com o autor Stuart Hall³², o processo de identidade nunca está totalmente finalizado; ele é construído e modificado ao longo do tempo e das experiências de vida dos indivíduos. Hall (2006) explica que a representação é um processo essencial pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, signos, símbolos e imagens para expressar algo sobre o mundo para as pessoas. Quando falamos da representação do mundo através de imagens, enfatizamos que essas figuras não são um reflexo da realidade em si, mas sim, uma forma pela qual a sociedade se representa a si mesma e aos outros.

3.6 Do Nós para os outros: Uma conexão entre histórias e o seu processo identitário

A construção da identidade não é algo linear. Às vezes, passamos a vida inteira construindo nossa identidade e descobrindo quem somos. Essa construção requer manutenção contínua; à medida que nos descobrimos, cuidamos da identidade que estamos formando. Esse processo é doloroso e complexo, mas muito necessário, pois quando realmente entendemos quem somos, não deixamos que ninguém nos rotule. Compreendemos que as pessoas têm percepções sobre nós, mas não somos o que elas dizem e podemos modificar a narrativa. Isso contribui para a confiança, a conexão consigo mesmo e a construção de uma boa autoestima.

Ser uma mulher negra no Brasil e vir de uma família diversa é saber que às vezes você pode ser vista como “não tão negra” e outras vezes como “não tão branca”. Esse não-lugar é difícil, pois você precisa se enxergar e entender que não é a classificação ou definição de ninguém. Ninguém pode dizer que você é menos negra, ou chamar você de negra clara. Você é negra, ponto. Não há necessidade de se explicar. Aprendi isso durante os dois intensos anos de mestrado, durante minha formação como pesquisadora.

Sempre me senti pressionada a justificar minha pele, a dizer que sou negra, mas que minha pele é clara, para não ofender ninguém de pele retinta. No entanto, com o tempo, ao resgatar nossa identidade, percebemos que o que realmente importa é o que está dentro, o que

³² HALL, Stuart. A identidade em questão. **A identidade cultural na pós-modernidade**, v. 10, 2006.

sentimos. Então, por que eu diria que sou negra clara? Se me considero uma mulher negra, não há necessidade de me explicar e me justificar perante a sociedade.

O importante é construir minha identidade com força para que essas inseguranças não me machuquem como já machucaram antes. Já fui a lugares onde sofri inúmeros preconceitos raciais; as pessoas reparavam e achavam estranho minhas tranças, me encaravam, e algumas na minha escola diziam que eu era feia por causa da minha cor.

O rompimento é um processo doloroso. Você precisa confrontar quem era para enxergar quem é. Esse fenômeno faz com que a identidade de antes, construída baseada nos traumas e estigmas, seja rompida, como diz o professor Luís Tomás. Meu rompimento ocorreu dessa forma, após a ruptura da minha identidade. Sempre me questionei sobre meus familiares e quis saber mais sobre meus ancestrais. Como minha mãe sofreu violência doméstica durante o casamento, cortamos todos os contatos com a família do meu pai. Não conheci meus avós nem meus primos. Acredito que minha mãe fez a escolha certa, pois corria risco e não tinha como manter um diálogo aberto. Mas essa falta de conhecimento sobre minha família deixou lacunas e páginas em branco não escritas.

Meus avós já faleceram. Ao investigar a história deles, descobri que meu avô era artesão e engajado nos movimentos sociais negros. Ele lutava pelos seus direitos. Minha avó era empregada doméstica, tinha muitos filhos e lutou toda a vida para proporcionar o melhor para todos. Meu avô faleceu em 2011 e minha avó em 2017. Descobri essas informações através de um amigo que pesquisa documentos e ancestralidade, usando os nomes da minha mãe, do meu pai e o meu. Ele descobriu que minha família paterna é de João Pessoa, Pernambuco.

Compartilho esse relato para mostrar que, apesar das histórias serem separadas e individuais, elas também são coletivas e se cruzam. Eu me vejo em muitas das minhas interlocuções, e eles também se veem em mim. A ancestralidade nos conecta, e as histórias de traumas que todos nós possuímos também. Essas feridas deixadas por um passado violento e opressor influenciam nossa vida até hoje, afetando diretamente nossas ações e a forma como nos portamos perante a sociedade.

Padre Miguel, assim como eu, não gosta de falar sobre sua infância. Ele não se reconhece como um homem negro, pois os traumas e dores deixaram marcas e feridas. Por conta dessas feridas, ele acaba optando inconscientemente por não se ver como negro. O fato de ele não querer discutir o racismo ou reconhecer sua presença leva a pensar que o racismo está enraizado em sua construção identitária.

Todas essas observações se baseiam nas teorias que utilizamos durante o trabalho, principalmente as de Kabengele Munanga, Lilia Schwarcz, Stuart Hall, Fanon e outros já mencionados. Rosa Maria, em suas falas, também demonstra um olhar preconceituoso, com expressões racistas, e não reconhece o marido como negro. Ao se referir à santa, utiliza palavras contraditórias; diz que é devota e que a santa é sua protetora, mas ao mesmo tempo diz “apesar de ser negra” e “mesmo sendo negra”. Isso indica que ela acredita no sagrado e na fé em Nossa Senhora Aparecida, mas a santa ser negra lhe causa incômodo, não a vendo positivamente em termos de cor.

Tanto Miguel quanto Rosa Maria não acreditam que a santa seja uma figura potencializadora e agregadora na construção identitária. Miguel não vê a santa como negra e não se reconhece como negro, enquanto Rosa Maria, uma mulher branca, vê o fato de a santa ser negra como um aspecto negativo.

Já Augusto, que tem uma história de vida marcada pela luta para encontrar seu lugar no mundo e superar o preconceito, acredita que a santa reverbera representatividade. Ele se sente representado e potencializado quando está na capela, orgulhoso de quem é. Mesmo com inseguranças, ele se posiciona de forma sólida em relação à construção de sua identidade. A união com sua família, sua ancestralidade e sua fé são elementos mobilizadores e agregadores na construção identitária.

Dona Lourdes também se vê como uma mulher negra, vinda de uma realidade pobre, onde teve que lutar muito por oportunidades melhores. Ela acredita que todas as coisas boas chegam em sua vida através da santa, que representa o amor. Para ela, ser negro é ser amor;

ela ama ser como é e cuidar das pessoas.

Wellington tem uma forte conexão com sua ancestralidade, uma boa relação com sua

ABSTRACT

família e muitas referências negras, tanto culturais quanto artísticas. Ele sempre se sentiu represen

ABSTRACT

tado por Nossa Senhora Aparecida e acredita que a santa é negra, sendo uma figura de salvação que salvou todos da escravização. Ele prega esse discurso de salvação, que pode ser perigoso devido à dominação histórica do Brasil pelo catolicismo.

A santa impacta todos os cinco fiéis, cada um com suas crenças, pedidos e confortos. No entanto, nem todos a veem da mesma maneira. Para alguns, devido às suas histórias de vida, ela é uma santa branca e não transmite representatividade; para outros, ela é uma figura que potencializa a construção identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre pessoas é uma tarefa complexa e delicada, pois envolve histórias que carregam significados profundos e, muitas vezes, dores que atravessam a existência. Nem todas as narrativas são marcadas por alegria; algumas são permeadas por traumas e silêncios. Como afirma Conceição Evaristo, “quando escrevemos, sangramos”, pois a escrita é atravessada pela vida, e viver é, em si, um processo de sangramento. Ao escrever, colocamos no texto fragmentos de nossas vivências, lidamos com a vida em sua constante transformação, marcada por movimentos, permanências e cicatrizes deixadas pelos eventos passados.

Ao refletir sobre a questão da memória e os fatos vivenciados ou transmitidos por meio da história oral, é importante destacar, conforme aponta Michael Pollak (1992), em sua obra “Memória, esquecimento, silêncio”, que a memória é construída a partir de nossas experiências vividas e compartilhada através de relatos, documentos, objetos e outros meios, por pessoas que atuam como personagens ativos desse processo.

Além disso, ela se forma também pelo pertencimento e pela integração aos grupos sociais. Embora frequentemente se acredite que a memória seja um fenômeno estritamente individual, trata-se, na verdade, de uma construção social, influenciada pela história, pelos coletivos dos quais o sujeito social faz parte e pelas instituições que moldam e até mesmo possuem um certo “controle” a respeito dos discursos e os registros sobre o passado. Sendo assim, a memória não é única, ela muda de acordo com narração, ela muda de acordo com a interpretação de cada agente social. Ela é seletiva e construída, podendo ser revisitada e até reajustada conforme o interesse social de alguns grupos ou disputas. A nossa história não é única, ela possui várias perspectivas que são construídas e interpretadas de acordo com a dinâmica de poder e interesse social.

Escrever é também um ato de resistência e memória. É uma forma de preservar a história e de impedir que sejam esquecidas. Foi esse o desejo de Dona Lourdes em relação à Capela de Nossa Senhora Aparecida: que ela fosse lembrada. E, de fato, será. A capela permanecerá viva na memória da Comunidade dos Milagres como um espaço singular, que potencializa os sujeitos que ali se encontram, que integra e une, mesmo diante dos desafios e das tensões que também a atravessam. Ainda assim, é um lugar de acolhimento, de encontro e de vida.

Desta forma, é importante pontuarmos que o autor Halbwachs (1990), acredita que a memória individual não está isolada da coletividade, ela nasce nos grupos sociais em que somos pertencentes e está inserida em um contexto coletivo. Vivemos em comunidade, não estamos isolados e as memórias são construídas na coletividade. Halbwachs (1990), afirma que o passado não é repetido, mas pode ser reconstruído através dos objetivos e das preocupações atuais do contexto atual em que se vive. Se Lembrar acaba gerando uma reconstrução do que se passou, essa reconstrução pode ocorrer de forma simbólica através da contação de histórias vivenciadas.

As histórias são contadas pela oralidade porque a comunidade possui o medo que a história da construção da Capela seja esquecida e apagada pelo tempo já que a Capela de Nossa Senhora Aparecida não possui registros escritos, categorizações e nem documentações digitais para se manter a história viva, os moradores contam a história através da oralidade, tendo em vista que os detalhes e a propagação é crucial para manter a história viva na mente da comunidade.

Esta pesquisa não pretende oferecer caminhos exatos, tampouco respostas absolutas. Seu propósito é apresentar histórias, escrituras e uma etnografia que se faz presente do início ao fim, com o objetivo de refletir sobre as pessoas, suas experiências de fé e os processos de construção identitária. Cada sujeito carrega uma trajetória única, e cada trajetória revela formas distintas de ser e de pensar o mundo. Essas formas reverberam na constituição da identidade, que se constrói a partir das vivências e das crenças que moldam o modo como

cada um se reconhece.

Veena Das (1999), em “Fronteira, Trabalho do Tempo e Violência”: acredita que o tempo não é apenas cronológico, mas também é uma ferramenta utilizada para reconstrução da vida após episódios ou experiências traumáticas. Nem tudo se é dito, muitas vezes os nossos interlocutores não conseguem falar de situações que vivenciaram durante sua trajetória. A autora (1999), acredita que o silêncio das mulheres sobre situação de violências que elas estavam passando e que ela estava presente acompanhando como pesquisadora não era interpretado por ela como uma ausência de fala, mas sim como uma estratégia de preservação e de proteção. Nem tudo que é vivido é dito ou deve ser exposto de forma pública.

O tempo é pontuado é, visto por uma das interlocutoras da antropóloga como um “carrossel cruel”, neste trabalho o tempo é um sujeito ativo que implica diariamente a vida das pessoas, ele é marcado, vivenciado e existe uma preocupação de se organizar pelo tempo para cumprir toda a agenda sagrada. Já o silêncio está presente na fala dos interlocutores e um dos interlocutores não consegue revisitar em sua memória várias situações conflitantes que foram vividas. É doloroso para ele, fazendo com que ele se sintam mal e precise interromper o diálogo.

Veena Das (1999), acredita que o silêncio pode surgir em situações cruéis de violências como a preservação do humano e da subjetividade do interlocutor. Levando em consideração que ao narrar algumas memórias, aqueles interlocutores acabam revivendo as dores e os traumas passados.

Já o autor Pollak (1983), acredita que o silêncio é uma dimensão presente e importante da nossa memória, sendo assim, ele não pode e nem deve ser visto como uma ausência de lembranças, mas também como uma expressão dos agentes, essa expressão pode ser social e também política variando de acordo com a situação que foi vivenciada pelo indivíduo. Assim, como Veena Das, o autor Pollak compartilha a ideia que o silêncio pode surgir como uma ferramenta de proteção ou então de resistência principalmente quando falamos de traumas.

No livro “Antropologia das Emoções” (2010), as autoras Maria Claudia Coelho e Claudia Barcellos Rezende, acreditam que as emoções são construções sociais e culturais. Para as autoras, os nossos sentimentos não são biológicos e universais, mas são moldados pelas vivências sociais, pelos contextos históricos em que nós estamos inseridos e pelas relações de poder que atravessam nossas trajetórias. Nesse sentido, o indivíduo social não nasce com emoções previamente definidas; ao longo da vida, essas emoções são construídas e reformuladas conforme os modos de viver, interagir e performar a vida social.

Coelho e Rezende (2010), acreditam que as emoções funcionam como formas de comunicação. Os sentimentos são expressos, compartilhados e interpretados por meio da linguagem e de códigos culturais de cada comunidade, tornando-se elementos constitutivos das interações sociais. Assim, as emoções não são fixas, mas acompanham as transformações individuais e coletivas vivenciadas pelos agentes sociais. A maneira como sentimos está profundamente vinculada à cultura, à moral, à religiosidade, às normas sociais e às ideologias que orientam os grupos aos quais pertencemos.

Sentir, portanto, é um processo dinâmico que envolve experimentar, significar e vivenciar os afetos na vida social.

A figura de Nossa Senhora Aparecida, para muitos uma santa negra, para outros branca representa um espaço simbólico de acolhimento para os fiéis, independentemente da forma como é visualmente representada. Sua presença agrega sentidos à vida dos devotos, ainda que de maneiras distintas. Alguns constroem sua identidade a partir da fé e da representação negra da santa; outros negam essa identidade e elaboram significados diversos. Contudo, todos compartilham uma fé que os mobiliza.

A Mãe Negra está presente na vida de cada fiel. Ora é negra, ora é branca, mas sua presença é constante. Sua cor integra um imaginário coletivo de crenças e afetos. Não se pode afirmar com precisão qual é sua cor, e talvez isso não seja o que realmente importa — o que importa é o que ela representa. Ser negro ultrapassa a dimensão da cor da pele; é uma forma de estar e de ver o mundo, é a autoidentificação, a ancestralidade e o modo como se deseja viver.

Ao abordarmos a noção de representatividade, referimo-nos ao sentimento de pertencimento, de sentir que fazemos parte de um todo, que nós vemos através de simbologias, histórias de vida, figuras sagradas e outros. Quando falamos de nos sentirmos representados, estamos falando sobre fazer parte de um todo, um todo que nos inclui. Esse reconhecimento, mediado por imagens, narrativas e referências culturais, contribui significativamente para os processos de construção identitária.

Como aponta Stuart Hall (2006), a identidade não é algo fixo ou essencial, mas sim um processo contínuo de formação, um processo que às vezes dura a vida toda e é marcado por deslocamentos, rupturas e reconstruções. Nesse sentido, a representatividade atua como um espelho simbólico que permite ao sujeito se ver e se afirmar no mundo, especialmente em contextos historicamente marcados pela negação de sua existência.

Lélia Gonzalez (1984), ao discutir a experiência/vivência da mulher negra no Brasil, enfatiza que a construção identitária está profundamente atravessada pela raça, gênero e classe, e que a ausência de representações positivas nos espaços simbólicos contribui para a marginalização desses sujeitos. Para González (1984), a representatividade não é apenas uma questão de ser vista pelos outros, mas de afirmação do sujeito social de maneira política e epistêmica. Ver-se representado é, portanto, um ato de resistência e de reconfiguração.

Assim, compreendermos a representatividade como um elemento “estruturante” da identidade é reconhecer que ela oferece não apenas reconhecimento, mas também agência e possibilidade de narrar a si mesmo a partir de referências fazem parte da sua realidade e ancestralidade.

O Brasil é um país marcado pela miscigenação, pela exploração e por múltiplas formas de opressão e preconceito, tanto no passado quanto no presente. É também um país que tem como padroeira uma santa negra, uma das mais amadas do território nacional. Nossa Senhora Aparecida, em sua representação, carrega não apenas a fé de um povo, mas também a potência simbólica de uma identidade que resiste, que se transforma e que se afirma.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **_Americanah_**. Random House, 2014.

Africana. In E.O. Ezenweke e I.A. Kanu (Ed.). **_Questões de Religião e Filosofia Tradicional Africana_**. José: Agostiniano.

ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A.; FERRETI, Sergio F. **_Raça, identidade e religião_**. V. 6. São Paulo: Edição Paulinas, 2009.

ALVERENGA, Luciana. 10 a 13 de novembro. **Imagem, memória e identidade: uma etnografia visual da Vila de Itaúnas/ES**. III semana de pesquisa em artes. Rio de Janeiro.

ALVAREZ, Rodrigo. **_Aparecida: a biografia da santa que perdeu a cabeça, ficou negra, foi roubada, cobiçada pelos políticos e conquistou o Brasil_**. LeYa, 2017.

ALVES, Rubem A. **_O que é religião?_**. Edições Loyola, 2010.

ANDREWS, Kehinde. **_A Nova Era do Império: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo_**. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BÂ, Amadou Hampatê et al. **_A tradição viva_**. **História geral da África**, v. 1, p. 167-212, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **_A Construção Social da Cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira_**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BASTIDE, Roger. **_As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações_**. Vol. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. **_Religiões africanas e estruturas de civilização_**. Afro-Ásia, n. 6-7, 1968.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **_Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos_**. In: Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos. 2007. p. 235-235.

BLUMER, H. (1969). **_Interacionismo Simbólico: Perspectiva e Método_**. Englewood: Prentice Hall.

BRUSTOLONI, J. **História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida**, p. 31-39ACMA. **_Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio de Guaratinguetá–1757-1873_**. Aparecida, SP: Cúria Metropolitana de Aparecida.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele e SELVATICI, Monica. **_Jesus de Nazaré: uma outra história_**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CLIFFORD, James. **“Introdução: Verdades parciais.” _A escrita da cultura: poética e política da etnografia_**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 31-61, 2016 [1986].

DAS, Veena. **Fronteiras, Violência e o Trabalho do Tempo: alguns temas wittgensteinianos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), v. 14, n. 40, p. 31-42, jun. 1999.

EVARISTO, Conceição. **“Macabéa, Flor de Mulungu”**. In GUIMARÃES, Mayara R.;

EVARISTO, Conceição. **_Becos da memória_**. Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In C. L. Duarte & I. Nunes (Eds.),

EZENWEKE, E.O e OGADA, CC (2012). **Símbolos e simbolismo na Religião Tradicional**

FANON, Frantz. **_Os condenados da terra_**. Tradução de Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAVRET-SAADA, J. (2005). **Ser afetado**. _Cadernos de Campo_, 13, 155-.

FERNANDES, Florestan. **_A integração do negro na sociedade de classes_**. 3ª Edição. São Paulo: Ática, 2008.

GEERTZ, Clifford. **_A interpretação das culturas_**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **_A Identidade Cultural na Pós-modernidade_**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **_A identidade em questão_**. **A identidade cultural na pós-modernidade**, v. 10, 2006.

HARALAMBOS, M. e HOLBORN, RM (2008). **_Temas e perspectivas da Sociologia_**. Nova Delhi: Imprensa da Universidade de Oxford.

HORNBY, A.S. (2010). **_Dicionário Oxford Advanced Learner de inglês atual_**. Nova Iorque: Oxford.

HURSTON, Zora Neale. **_Olualê Kossola: as palavras do último homem negro escravizado_**. São Paulo: Editora Record, 2021.

MBEMBE, Achille. **_Crítica da Razão Negra_**. 1ª edição. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

METUH, IE (1999). **_Deus e o homem na religião africana_**. Enugu: Snaap.

MUNANGA, Kabangele. (2003, novembro). **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, PENESB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 3. Disponível em:

[<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>](<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>)

MUNANGA, Kabengele. **_Negros e Mestiços na Obra de Nina Rodrigues_**. In: ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de A.; FERRETI, Sergio F. **_Raça, identidade e Religião_**. V 6. São Paulo: Edição Paulinas, 2009.

PEIRANO, Mariza. **_Os antropólogos e suas linhagens_**; cap.2 A favor da etnografia. In: _____. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. **_Horizontes Antropológicos_**, Porto Alegre, ano 20, no 42, 2014, p. 377-391. Disponível on-line.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **_Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva_**. V. 7. São Paulo: Edição T.A Queiroz LTDA, 1991.

RIBEIRO, D. **_O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil_**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAID, Edward W. **_Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente_**. Editora Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Ricardo Luiz de. ***Catolicismo e escravidão: o discurso e a posse***. Local de publicação: Editora, 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **_O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1879-1930)_**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **_Brasil: Uma Biografia_**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARTZ, Stuart B. **_Escravidão indígena e o início da escravidão africana_**. 2018.

SCOMPARIM, Almir Flávio. **_A Iconografia na Igreja Católica_**. São Paulo: Paulus, 2020.

Trouillot, M. **Silenciando o passado. poder e a produção da história**. Curitiba: huya, 2016. P.19-63.

Zambrano, Marta. Gnecco, Cristóbal. **Memórias Hegemônicas, memórias dissidentes: el pasado como policia de la historia**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropologia e História, 2000.